

TURBILHAO

A Arte de Viver o Tempo

ESCAPE

Arte na Avenida

GLAMOUR

Carolina Bucci



ALTA
Relojoaria

O luxo do único

09 :: Out-Inverno 15/16

PVP Portugal 8€ - Angola \$25 / 2500 Akz



Cartier



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Tel. 217 122 595 - 229 559 720

Relógio Panthère Ajourée de Cartier





HARRY WINSTON

SWISS TIMEPIECES

Harry Winston Midnight Diamond Drops 39mm



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

AV. DA LIBERDADE 194C
210 730 532

HARRYWINSTON.COM





BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS **PLUS**

Av. da Liberdade 129, 213 430 076 - Centro Colombo, 217 122 595
Amoreiras Shopping Center, 213 827 440 - CascaShopping, 214 607 060 - NorteShopping, 229 559 720



Coleção Villeret

JB
1735
BLANCPAIN
MANUFACTURE DE HAUTE HORLOGERIE

www.blancpain.com



AROUND THE WORLD - 2011
/ GMT
Greubel Forsey



*We are sculptors of time,
choreographers of the passing hours,
and architects of the watch movement.**

Robert Greubel & Stephen Forsey

WWW.GREUBELFORSEY.COM

* Somos escultores do tempo,
coreógrafos das horas que passam,
e arquitetos do movimento relojoeiro.

GREUBEL FORSEY

ART *of* INVENTION



GMT

Caixa em ouro vermelho 5N



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

AV. DA LIBERDADE, 194C - Tel. 210730532



Jaquet Droz Grande Seconde Calendário 40 Anos da Independência de Angola

Edição Limitada a 11 peças e exclusiva da Boutique dos Relógios Plus
Massa oscilante com decoração especial



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS
LUANDA

Edifício Escom, Piso 2 – Telefone: 933 862 590

JD

JAQUET DROZ

SWISS WATCHMAKER SINCE 1738





ROGER DUBUIS

HORLOGER GENEVOIS



BOUTIQUE

DOS RELÓGIOS PLUS

Av. da Liberdade N° 194C - Tel: 21 073 05 32 - www.boutiquedosrelogiosplus.pt



EXCALIBUR

Duplo turbilhão voador esqueleto





Capa *Fotografia: Carlos Ramos | Produção: Ricardo Lopes assistido por Silvia Martinez*
Styling: Nuno Tiago assistido por Iuri Pitta
Maquilhagem: Cristina Gomes | Cabelos: Eric para Griffhairstyle
Modelo: Ana Margarida (Central Models)
BREGUET Rainha de Nápoles Dia/Noite. PIAGET Colar e Brincos. Casaco em astrakan Carlos Gil



Propriedade e Edição

Tempus Distribuição. S.A.

Directora

Marina Oliveira
moliveira@turbilhao.pt

Redacção

Marina Oliveira
Companhia das Cores

Colaboradores

Andreia Amaral, Bruno Lobo, Catarina Palma, Fernando Correia de Oliveira, Gonçalo Ferreira, Jeffrey S. Kingston, José Manuel Moroso, Nick Compton e Raquel Soares

Design, Conceção gráfica e Produção

Companhia das Cores - Design e Comunicação Empresarial, Lda.
Rua Sampaio e Pina, n.º 58, 2.º Dt.º, 1070-250 Lisboa
Tel.: (+351) 213 825 610 | Fax: (+351) 213 825 619
design@companhiadascoces.pt

Paginação

Ana Gil, Carlos Salvado e Diana Esteves

Direcção Comercial, Publicidade e Assinaturas

Companhia das Cores - Design e Comunicação Empresarial, Lda.
marketing@companhiadascoces.pt

Administração, Edição e Redacção

Tempus Distribuição. S.A.
Avenida Infante D. Henrique, lote 1679, R/c Dt.º - clj.,
1950-420 Lisboa, com o Capital Social de 50.300 euros,
registada no Registo Comercial de Lisboa, n.º 503939803
NIPC 503939803 | Tel.: (+351) 218 310 100
Fax: (+351) 218 311 259
Publicação inscrita na Entidade Reguladora
para a Comunicação Social sob o n.º 126114.
Todos os direitos reservados. Qualquer reprodução ou cópia
do conteúdo sem autorização do autor será punida por lei.
Depósito Legal n.º 335157/11
ISSN 2182-3987

Impressão: Lidergraf. Artes Gráficas. S.A.. Rua do Galhano
n.º 15, 4480-086 Vila do Conde | Tel.: (+351) 25 210 33 00
lidergraf@lidergraf.pt

Distribuição: VASP. Distribuidora de Publicações. Lda.
MLP - Quinta do Grajal, Venda Seca, 2739-511 Aigualva
Cacém Tel.: (+351) 214 337 000 | Fax: (+351) 214 326 009
geral@vasp.pt

Periodicidade Semestral | Tiragem 12.000 exemplares

Relógios de capa:

Breguet Rainha de Nápoles Dia/Noite

Breguet Classique Turbilhão Calendário Perpétuo Esqueleto

ESTREIA
MUNDIAL



THE HYDRO
MECHANICAL
HOROLOGISTS*

HYT

H1 | BLUE2

O H1 é a primeira peça do tempo de sempre a combinar engenharia mecânica e líquida. H1 é um movimento de fabrico suíço - com 65 horas de reserva de marcha e corda manual - que dá vida a um módulo fluídico de alta tecnologia único. HYT - uma nova era na relojoaria.



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Avenida da Liberdade 194C | tel. 210 730 532
www.boutiquedosrelogiosplus.pt

HYTWATCHES.COM

*RELOJOEIROS HIDROMECÂNICOS

A LENDA ENTRE OS ÍCONES.



75
YEARS
PORTUGIESE
IWC SCHAFFHAUSEN

*IWC. Concebido para homens.

Portuguesa Calendário Perpétuo. Ref. 5034:
Os ícones reais têm uma história especial a contar. E o que se revelou ser verdade para os grandes navegadores portugueses, também se aplica ao próprio Portuguesa da IWC. Afinal, a história da sua génese tem o carimbo de uma corajosa inovação e do conhecimento relojoeiro no seu melhor. Há setenta e cinco anos, dois empresários portugueses dirigiram-se à IWC, pedindo um relógio de pulso com a precisão de um cronómetro marítimo. Em resposta, os relojoeiros da IWC tomaram uma decisão inédita: inserir um movimento de relógio de bolso numa caixa de relógio de pulso. Ao fazê-lo, criaram uma família de relógios, cuja elegância, tecnologia sofisticada e complexidade incomparável e intemporal têm sido motivo de admiração desde então. O movimento em si é

visível através de um fundo transparente em vidro de safira, oferecendo uma vista panorâmica da precisão impressionante do calibre 52000 manufacturado pela IWC. A complexidade do relógio é eficazmente expressa pelo calendário perpétuo, cujas funções podem ser ajustadas simplesmente rodando a coroa. E, tal como observar o céu estrelado pode conduzir um navio em segurança a bom porto, uma vista de olhos ao calendário perpétuo e à indicação das fases da Lua ajudam o utilizador a navegar em segurança através das complexidades do tempo. Isso, em poucas palavras, explica como 75 anos de história relojoeira se tornaram num ícone da Haute Horlogerie. E como, graças à aliança única entre perfeição e elegância intemporal, se tornou uma lenda no seu próprio tempo.

IWC. ENGINEERED FOR MEN.®



IWC

SCHAFFHAUSEN



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS



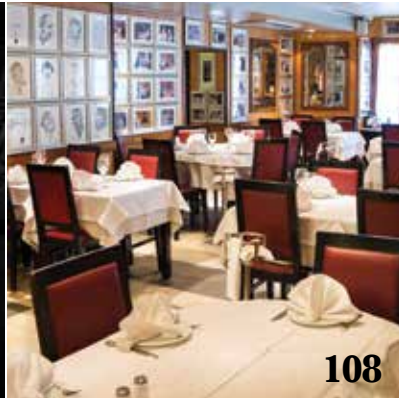
24



98



64



108

- 20 Editorial
- 22 Assinaturas

23 ALTA RELOJOARIA

- 26 Complicação Edições Únicas
- 30 Complicação Peças Emblemáticas
- 36 Produção Fotográfica
- 46 Peças de Excepção
- 52 Entrevista Philippe Léopold-Metzger
- 56 Em análise Blancpain Villeret
 - Turbilhão 12 Dias
- 60 Entrevista Lionel Favre
- 64 Lançamento Urwerk
- 66 Tecnologia Propriedades da Cerâmica
- 72 História MB&F
- 76 Novidades



156



116



136



128

87 ESCAPE

- 88 Motores
- 98 Evasão
- 108 Gourmet
- 114 Espaços de Referência
- 120 Arte & Cultura Arte Urbana
- 124 Entrevista Mariza dos Santos
- 128 Tendências Customização
- 134 Tendências Jóias Masculinas
- 136 Real Estate
- 140 Um relógio com...

141 GLAMOUR

- 142 Entrevista Carolina Bucci
- 146 Tempo no Feminino
- 154 Tendências
- 156 Jóias
- 161 Chanel
- 166 Moda
- 170 Um relógio com...



*«Os detalhes fazem a perfeição,
mas a perfeição não é um detalhe»*

Leonardo da Vinci

BVLGARI

ROMA



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

LISBOA • AMOREIRAS SHOPPING CENTER, 213 827 440
AV. DA LIBERDADE 129, 213 430 076

OCTO
finissimo
TOURBILLON

O MAIS FINO MOVIMENTO DE TURBILHÃO DO MUNDO



One out *of one*

Nos últimos meses, o panorama relojoeiro português ficou marcado pela abertura de uma nova Boutique dos Relógios Plus, na Avenida da Liberdade. Com um conceito distinto dos já existentes – e absolutamente inovador –, o novo espaço apresenta-se como uma concept store, onde peças relojoeiras de excepção, nalguns casos únicas no mundo, convivem, lado a lado, com obras de arte de artistas portugueses e internacionais, com especial destaque para a peça exclusiva de Joana Vasconcelos que nos recebe à entrada da loja.

Exclusividade, mestria artesanal, personalização e cultura são alguns dos pilares da Boutique dos Relógios Plus Art, que elevam o espaço a um novo patamar de excelência. São também estes, os conceitos que atravessam a edição n.º 9 da Turbilhão.

Com a temática “O Luxo do Único” sempre presente, pode descobrir, nas próximas páginas, alguns produtos nascidos desta tendência onde a exclusividade impera, sejam peças do tempo, jóias, vestuário, marroquinaria, perfumes e até telefones móveis. O ponto comum é todos serem – ou poderem transformar-se em – objectos “one out of one”, como se de um quadro dos grandes mestres se tratasse. O objectivo último? O de satisfazer os desejos de clientes exigentes, que pretendem algo único, diferente, personalizado e, de preferência, discreto.

Marina Oliveira

Directora

TO BREAK THE RULES,
YOU MUST FIRST MASTER
THEM.

PARA QUEBRAR AS REGRAS, PRIMEIRO É PRECISO
DOMINÁ-LAS.

VALLÉE DE JOUX. UM AMBIENTE SEVERO E AUSTERO
HÁ MILÉNIOS. E DESDE 1875, A CASA DA AUDEMARS
PIGUET, NA VILA DE LE BRASSUS. OS PRIMEIROS
RELOJÓEIROS FORAM FORMADOS AQUI, NA
GRANDIOSIDADE DA FORÇA DA NATUREZA, MAS
DETERMINADOS EM DOMINAR OS SEUS MISTÉRIOS
ATRAVÉS DAS MECÂNICAS COMPLEXAS DO SEU
OFÍCIO. AINDA HOJE, É ESTE MESMO ESPÍRITO
PIONEIRO QUE NOS INSPIRA A DESAFIAR,
CONSTANTEMENTE, AS CONVENÇÕES DA ALTA
RELOJOARIA.



MILLENNARY
REPETIÇÃO DE
MINUTOS

EM OURO ROSA.
MOSTRADOR EM
ESMALTE BRANCO.

AUDEMARS PIGUET

Le Brassus



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

AVENIDA DA LIBERDADE, 129 – LISBOA
TEL: 213 430 076

TURBILHÃO

A Arte de Viver o Tempo

Assine já 4 edições da Turbilhão e ganhe um *workshop* relojoeiro.

www.turbilhao.pt

www.facebook.com/Turbilhao



Recorte ou fotocopie o cupão de assinatura e envie para:

Companhia das Cores - Design e Comunicação Empresarial, Lda.

Rua Sampaio e Pina, n.º 58, 2.º Dto., 1070-250 Lisboa • Tel.: (+351) 213 825 610 | Fax: (+351) 213 825 619 • marketing@companhiadascoces.pt

Cupão de assinatura
Portugal :: Angola

Assine a **TURBILHÃO** e receba a revista com toda a comodidade em sua casa

Portugal 16 Euros | Angola \$50 / 5000 Akz por 2 números

Portugal 32 Euros | Angola \$100 / 10.000 Akz por 4 números

Edição em que inicio a assinatura (número)

:::::

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ Localidade: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____

E-mail: _____

Profissão: _____

N.º Contribuinte: _____

TURBILHÃO

A Arte de Viver o Tempo

www.turbilhao.pt

:::::

FORMAS DE PAGAMENTO

Transferência bancária: Tempus Distribuição, S.A.
NIB: 0007 0101 0096 205 000 285 **Banco:** Novo Banco

Referência: _____

***Importante:** no acto da transferência indicar nome/referência usual

Data: __/__/____ Assinatura _____
(Dia/Mês/Ano)

Envio de cheque [à ordem de Tempus Distribuição, S.A.]:
Junto envio cheque no valor total da assinatura,
à ordem de Tempus Distribuição, S.A.

Cheque N.º _____ Banco: _____

Assinatura _____

ALT *Relojo* **A** *ria*

Complicação Edições Únicas	26
Complicação Peças Emblemáticas	30
Produção Fotográfica	36
Peças de Excepção	46
Entrevista Philippe Léopold-Metzger	52
Blancpain Villeret Turbilhão 12 Dias	56
Entrevista Lionel Favre	60
Lançamento Urwerk	64
Tecnologia Propriedades da Cerâmica	66
História MB&F	72
Novidades	76







MB&F

A CREATIVE ADULT IS A CHILD WHO SURVIVED



HOROLOGICAL MACHINE N°3
'MEGAWIND'
WWW.MBANDF.COM



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS **Plus**

Av. da Liberdade n° 194C
Tel. 21 073 05 32
www.boutiquedosrelogiosplus.pt

CONTRA A MASSIFICAÇÃO E A VULGARIZAÇÃO

O luxo do único

“Luxo, meu caro, é tudo o que tem valor suficiente para passar de geração em geração e que pode e vale a pena ser reparado”. Esta definição era-nos dada há uns 20 anos por um membro de uma das poucas famílias que ainda mantém o seu negócio de luxo nas mãos. Já então se adivinhava que o verdadeiro luxo estava em perigo.

:: *Texto de Fernando Correia de Oliveira*

Edições especiais, limitadas – mas com dezenas, centenas ou até mesmo milhares de exemplares cada. A linguagem do marketing apoderou-se de termos como “icónico” ou “exclusivo” e usa-os maciçamente, retirando aos poucos o significado que eles tinham há alguns anos. O luxo debate-se com a quadratura do círculo – num mundo globalizado e aberto a novos mercados, com centenas de milhões de novos consumidores, ávidos do “fruto proibido”, como preservar o estatuto de produtor de sonhos, de alimentador de aspirações, de guardião do supérfluo e do prazer só para alguns, com a sede dos accionistas por lucros, com a ânsia de trimestres cada vez mais lucrativos, com a mas-

sificação das peças que, assim, passam a ser tão banais como o mais banal dos objectos do dia-a-dia?

Caminhe-se por um grande supermercado e admire-se o ridículo que é ver “edições limitadas” de batatas fritas ou de marcas de café. Tudo passou a ser gourmet, para gourmet deixar de significar o que quer que seja. À histórica alta-costura, juntaram-se primeiro a Alta Relojoaria e seguiram-se “altos” tudo, esvaziando o conteúdo inicial do vocábulo.

Os norte-americanos são gurus (“guru”, outra palavra exageradamente utilizada nestas andanças...) no marketing, definem tendências de linguagem e todos os meses novos termos em inglês dão a volta ao mundo – deixou de haver treinadores pessoais e paga-se muito mais por um personal trainer, os hipsters lideram as formas de vestir, de falar, de usar ou deixar de usar gadgets (lá temos nós que usar um termo inglês...). Se há coisa de que o “dinheiro velho” foge a sete pés é destas tendências tribais, de que os hipsters são a corrente mais recente. Perenidade, se não mesmo eternidade, são atributos de um certo estilo, que não anda ao sabor da espuma dos dias.

Há uns dez anos, pela mão de um grande grupo de moda norte-americano, surgiu o termo “luxo acessível”. Uma contradição em termos, claro. Luxo, para ser luxo, tem de ser o menos acessível ao comum dos mortais. Mas o “luxo acessível” pegou e é hoje a justificação para, produzir aos milhões, do que quer que seja – vestuário, jóias, adereços, malas, sapatos, relógios...



JAQUET DROZ
Edição Única Boutique
dos Relógios Plus



DEWITT
Academia Lapis Lazuli
Edição Única Boutique
dos Relógios Plus

Nesta estratégia do “luxo acessível” há marcas que preenchem desde sempre o segmento, mas até griffes mais antigas, cheias de história e de exclusividade, enveredaram pela estratégia – continuam a ter peças muito caras, que vendem pouco mas de que os media falam (as “talking pieces”), fazendo com que o sentimento aspiracional não se perca na opinião pública. Mas, ao mesmo tempo, lançam para o mundo, de Nova Iorque a Beijing, passando por Moscovo, Paris ou Londres, milhões de adereços de preço reduzido. Para que ninguém fique de fora e todos possam ter um porta-chaves, uma pulseira de corda...

Neste quadro de luxo massificado e acessível, os ricos de sempre sofrem angústias – o saco que os diferenciava, o carro que os colocava no topo da pirâmide, tudo são objectos hoje acessíveis a milionários que surgem às centenas, aos milhares, das economias emergentes. Veja-se a mais recente tribo, os hipsters (a barba é, para eles, identitária; a pose andrógina é a assinatura delas): andam vestidos dos pés à cabeça com peças de bom gosto, mas baratas e compradas em grandes cadeias, usando apenas como pormenor uma jóia cara, um relógio verdadeiramente excepcional, ou um carro vintage. Com esse “ponto e vírgula”, ao alcance de uns poucos, compõe-se a imagem num fraseado geral inundado de etiquetas de marca, cacofonia presente a qualquer hora de ponta no metro de uma grande metrópole. A estratégia dos muito ricos e bem informados passou sempre pela compra de objectos de arte (únicos, por definição), ou pelo cultivo das antiguidades, onde o tempo deixou marcas que o dinheiro não “fabrica”. O problema da chegada de novos-ricos aos mercados de peças antigas é a inflação repentina dos preços – veja-se o fenómeno do interesse recente dos asiáticos por automóveis vintage, europeus sobretudo, fazendo disparar os preços e levando ao desaparecimento de centenas de peças históricas ou de peças sobressalentes dos países de origem (Inglaterra, Itália, França, Alemanha) para os confins da China ou da Malásia...

No capítulo dos relógios, a estratégia também



ROGER DUBUIS

Villeret Calendário
Tradicional Chinês
Only Watch

tem sido a de dar muito dinheiro por uma peça vintage, sabendo-se que ela foi pouco produzida ou pertenceu a alguém muito especial. Mas há também as chamadas “encomendas especiais”. Desde sempre, as grandes casas que trabalham no luxo têm mantido os seus cadernos de pedidos personalizados, num trabalho quase sempre sigiloso. Falamos aqui de verdadeiros objectos únicos. E, quase sempre, estamos no mundo dos Métiers d’Art (um termo que em português daria Artes Aplicadas, mas que perde assim alguma da carga de luxo que o francês lhe dá). Historicamente, a relojoaria sempre andou a par da joalheria e da ourivesaria, utilizando delas técnicas variadas, desde a cravação à gravação, passando pela esmaltagem ou pela pintura em miniatura. Em todos estes casos, dada a mão-de-obra intensa e irrepetível, dados alguns materiais – como a madrepérola ou as pedras semipreciosas –, nenhuma peça é igual à seguinte.

De qualquer modo, e sem falar da aplicação de Métiers d’Art, há relógios únicos, personalizados a pedido do comprador – um desenho ou uma gravação na caixa é o mais habitual. Seguindo esse fascínio pelo relógio exemplar único, a Sociedade Monegasca de Combate às Miopatias tem efectuado, desde 2005, e de dois em dois anos, um leilão, a que dá o nome apropriado de Only Watch. As marcas aderentes produzem um exemplar único para o evento e o produto da licitação é destinado na totalidade para a investigação da doença Distrofia Muscular. Até esta sexta edição do Only Watch, que pela primeira vez sai do Mónaco e terá o seu leilão em Genebra, a 7 de Novembro, várias centenas de relógios exemplares únicos foram sendo criados.

Edições Únicas Boutique dos Relógios Plus



ULYSSE NARDIN
El Toro GMT Edição Única
Boutique dos Relógios Plus

Neste contexto de criação de peças únicas, criadas a pedido e sur mesure, a Boutique dos Relógios Plus lançou, recentemente, um desafio a algumas das mais prestigiadas manufacturas relojoeiras suíças: criar uma peça do tempo excepcional, personalizada e, como tal, única no mundo. O resultado foi a criação de 15 obras-primas que espelham toda a essência da relojoaria, bem como a identidade de cada manufactura, ao mesmo tempo que aludem ao universo da lusofonia. Uma compilação de peças excepcionais que pode agora ser apreciada no seu conjunto num livro inédito lançado pela Boutique dos Relógios Plus.

Estes são casos “públicos” de relógios únicos. Arriscamos que, no entanto, os exemplares mais curiosos e espectaculares, fruto de discretas encomendas, ainda não foram apreciados pelo público em geral. Até um dia, quando algum dos seus possuidores ou um seu herdeiro o leve à praça, para surpresa de todos e gáudio de quem conseguir arrematar a tal peça. ✨



MB&F
Melchior Only Watch

Bulgari

Daniel Roth Lumière



A lta Relojoaria, minimalismo extremo, transparência máxima e elegância refinada definem o Turbilhão Lumière Peça Única Boutique dos Relógios Plus. Trata-se de um modelo animado pelo movimento turbilhão, calibre DR 780, que epitomiza a expressão última da arte da esqueletização. Aqui, as platinas, pontes e a roda de catraca exibem um trabalho de esqueletização meticuloso e artesanal. Um fino anel interior, decorado com pontos polidos que assinalam as horas e minutos, está integrado no processo de esqueletização. Deste modo, o mostrador funde-se com o movimento e apresenta um mínimo de metal gravado que serve para assinalar o ciclo das horas à frente e o indicador da reserva de marcha atrás. Uma peça do tempo extremamente leve, onde os componentes em ouro são emoldurados por uma caixa de elipse dupla em ouro rosa. Arquétipo da transparência e luminosidade, o Bulgari Daniel Roth Lumière encerra o epitome das complicações relojoeiras: o turbilhão, cuja concepção reúne, por si só, 82 componentes. Nesta edição única e exclusiva para a Boutique dos Relógios Plus, este modelo distingue-se ao apresentar o anel do mostrador e os ponteiros em antracite e ao exibir orgulhosamente o número “1” – indicador máximo de exclusividade – gravado na coroa. ✨

Ficha Técnica

MOVIMENTO: Manual, calibre DR 780, esqueletizado, turbilhão composto por 82 peças, platina e pontes em ouro decoradas manualmente, 21600 alt/h, 64 horas de reserva de marcha.

CAIXA: Ouro rosa, 44 mm, caixa de elipse dupla, coroa gravada com número “1”, fundo em vidro de safira com indicação da reserva de marcha, estanque até 30 metros.

MOSTRADOR: Esqueleto, anel das horas e ponteiros em antracite, indicações de horas e minutos.

BRACELETE: Pele de crocodilo com fecho de fivela em ouro rosa.



Greubel Forsey

GMT



O Greubel Forsey GMT Edição Boutique dos Relógios Plus surpreende pela inclusão no mostrador de um globo tridimensional que faz uma rotação completa no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio a cada 24 horas, de modo a coincidir com o movimento da própria Terra. Este globo em titânio é envolto por um anel que o escurece quando a zona por ele abrangida se encontra de noite, o que significa que a pequena Terra incluída no Greubel Forsey GMT pode, ao mesmo tempo, fornecer uma indicação de tempo universal, 24 horas e duplo fuso horário. Exemplo de perícia engenheira e relojoeira, este modelo inclui ainda uma indicação de segundo fuso horário de 12 horas.

No fundo da caixa em ouro rosa localiza-se um disco de 24 fusos horários gravado com o nome das cidades correspondentes e, nesta Edição Única, personalizado com locais de expressão portuguesa, como Lisboa, Luanda ou São Paulo, destacados a vermelho. Ligeiramente abaixo deste disco, a gravação "Exécution Spéciale", encimada por uma placa em ouro com a inscrição GF, realça o carácter exclusivo desta Peça Única; enquanto no lado oposto, a referência BR 1/1 sublinha o facto de esta ser uma edição muito especial.

Na face do Greubel Forsey, onde o ponteiro GMT e o índice das 12h assumem a cor azul ao invés do tradicional vermelho, o toque final é dado pela gaiola do turbilhão de 24 segundos inclinado a 25°, imagem de marca da manufactura relojoeira. ✨

Ficha Técnica

MOVIMENTO: Turbilhão manual, turbilhão de 24 segundos inclinado a 25°. 21600 alternâncias por hora. 72 horas de reserva de marcha.

CAIXA: Ouro rosa. 43,5 mm. fundo em vidro de safira com disco de 24 fusos horários personalizado com locais de expressão portuguesa a vermelho. gravação "Exécution Spéciale" e BR 1/1. estanque até 30 metros.

MOSTRADOR: Cinzento claro, globo em titânio com representação da Terra, indicações de horas, minutos, segundos, turbilhão, duplo fuso horário, tempo universal e reserva de marcha.

BRACELETE: Pele com fecho de báscula em ouro rosa.



Hublot

MP-02 Key of Time



Inovadora e surpreendente, a Edição Única MP-02 Key of Time oferece ao utilizador a capacidade de ser mestre do seu próprio tempo, ao controlar a velocidade da passagem das horas. Um total de 512 pequenos componentes estão na base do calibre automático HUB9002, responsável por dar vida a esta peça relojoeira de excepção e permitir-lhe abrandar ou acelerar o tempo que passa. Graças ao Key of Time, os momentos agradáveis podem prolongar-se quatro vezes – o que significa que cada espaço de 15 minutos demorará uma hora a ser percorrido – e, de igual forma, os momentos mais difíceis podem ser reduzidos, sem perder a liberdade de regressar à hora normal a qualquer momento. À semelhança do seu modelo inspirador, esta Peça Única e exclusiva surpreende com um design decididamente futurista, onde o turbilhão se destaca ao assumir uma posição vertical e ao albergar os segundos exibidos através de um disco rotativo, mas diferencia-se desse ao vestir-se integralmente de branco com apontamentos vermelhos e pela caixa em ouro rosa, cujo fundo apresenta a inscrição “Pièce Unique BR 1/1”. ✨

Ficha Técnica

MOVIMENTO: Manual, calibre HUB 9002, 512 peças, 21600 alternâncias/hora, turbilhão e “regulador” do tempo, platina e pontes anguladas com cavidades perladas, 100 horas (4 dias) de reserva de marcha.

CAIXA: Ouro rosa, duas coroas, fundo com inscrição “Pièce Unique BR 1/1”.

MOSTRADOR: Branco com pormenores vermelhos, indicações das horas, minutos, segundos no turbilhão, reserva de marcha, indicador da velocidade do tempo (3 posições).

BRACELETE: Caucho branco com fecho de báculo em ouro rosa.



Dewitt

Twenty-8-Eight

Dia & Noite

Com uma indicação poética do tempo, o Dewitt Twenty-8-Eight Dia & Noite é uma peça verdadeiramente única, exclusiva e integralmente personalizada para a Boutique dos Relógios Plus, que revela um duplo fuso horário com disco dia/noite inovador. Emoldurada pela mítica caixa Twenty-8-Eight em ouro rosa com as icónicas colunas imperiais na lateral e na coroa, esta edição única capta imediatamente a atenção no primeiro vislumbre ao mostrador. Aqui, a parte superior apresenta uma abertura onde a Lua emerge e desaparece no horizonte, movida por um disco de 24 horas. Pintada à mão, a face do relógio exhibe a representação de uma paisagem citadina, enquanto, às 7h, uma janela revela o nome da cidade do segundo fuso horário.

No verso da caixa, o fundo em vidro de safira permite observar o movimento automático que dá vida a esta peça e cujo rotor exhibe o símbolo da Maison relojoeira. A exclusividade deste modelo é também lembrada, através da gravação BR 1/1 Unique Pièce. ✨



Ficha Técnica

MOVIMENTO: Automático, rotor gravado com símbolo Dewitt, 28.800 alt/h, 42 horas de reserva de marcha.

CAIXA: Ouro rosa, 43 mm, fundo em vidro de safira com gravação BR 1/1 Unique Pièce, estanque até 30 metros.

MOSTRADOR: Preto com representação de uma paisagem citadina, disco dia/noite pintado à mão, numerais romanos aplicados, indicações de horas, minutos, dia/noite e nome da cidade.

BRACELETE: Pele de crocodilo preta com fecho de báculo em ouro rosa.

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





FOR THE NEW
EMPERORS*



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS



*Para os novos imperadores

DEWITT
HEIRS OF NAPOLEON



VIAGEM

por entre os mestres

Abrem-se as portas da caixa-forte. Lá dentro, os grandes mestres da relojoaria aguardam uma visita e surpreendem-nos com outros valores do universo artístico. Quadros, esculturas, fotografias, detalhes arquitectónicos e até arte urbana conduzem-nos numa viagem cosmopolita que nos transporta às tradições de outrora, ao mesmo tempo que nos envolve numa aura futurista.

Fotografia: Carlos Ramos

Produção: Ricardo Lopes assistido por Silvia Martinez

Styling: Nuno Tiago assistido por Iuri Pitta

Maquilhagem: Cristina Gomes

Cabelos: Eric para Griffehairstyle

Modelos: Ana Margarida e Rodrigo Castelhana (Central Models)

Agradecimentos: Boutique dos Relógios Plus Art

Ana Margarida:

ROGER DUBUIS Velvet.

ANIL ARJANDAS anel e brincos.

Jumpsuit em malha de seda, Miguel Vieira.

Rodrigo:

IWC Portuguesa Repetição de Minutos.

Blazer, Camisa e Gravata de seda Paulo Battista.



BULGARI Lvcea.

BULGARI colar Serpenti, anel e brincos Diva.

Blazer em crepon de seda. Carlos Gil

DEWITT Academia Turbilhão

Edição Única Boutique dos Relógios Plus.

BLANCPAIN botões de punho.

Fato de três peças. Camisa. Gravata de seda.

Lenço de seda e aplicação de lapela.

tudo Paulo Battista.





BREGUET Classique Turbilhão
Calendário Perpétuo Esqueleto.
Fato e Camisa Miguel Vieira.
Gravata e Lenço de seda
Paulo Battista.



CARTIER Promenade d'une Panthère.

BULGARI colar Diva.

JUDITH LIEBER clutch.

Vestido smoking em crepe de seda

Elisabetta Franchi na Veste Couture.

Cinto em veludo Hoss Intropia.



GREUBEL FORSEY GMT

Edição Única Boutique dos Relógios Plus.

Blazer de lã. Camisa e Gravata de lã.

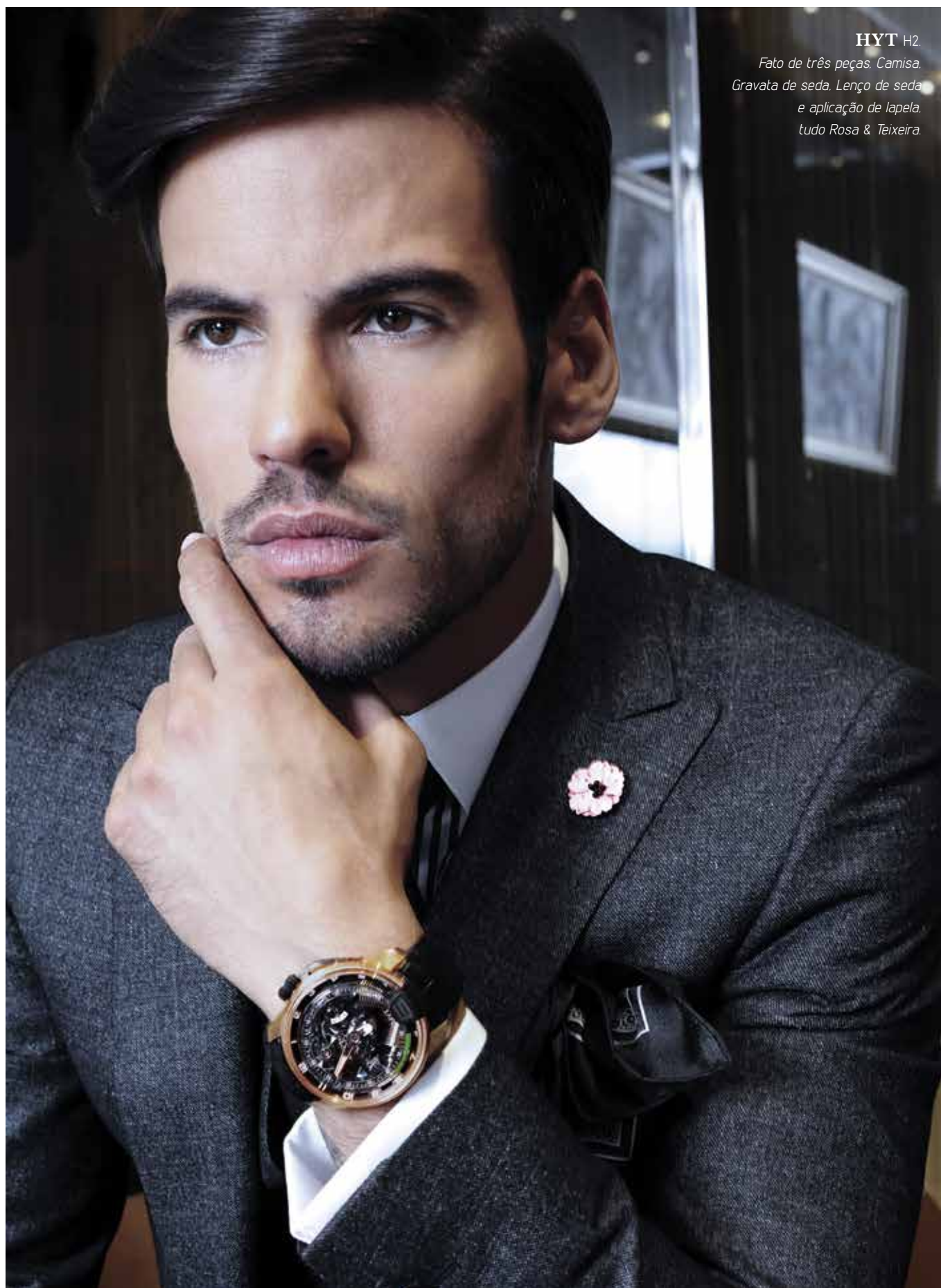
tudo Rosa & Teixeira.



RICHARD MILLE RM-07
CAROLINA BUCCI colar e anel
Vestido em jersey de seda
Michael Kors na Loja das Meias

HYT H2.

*Fato de três peças. Camisa.
Gravata de seda. Lenço de seda
e aplicação de lapela.
tudo Rosa & Teixeira.*





JAQUET DROZ Bronzite
Edição Única Boutique dos Relógios Plus.
*Fato de lã. Camisa. Gravata de seda.
Lenço de bolso em seda.
tudo Rosa & Teixeira.*

Design de VANGUARDARDA

Jogo de TRANSPARÊNCIAS

Uma peça de edição limitada totalmente vanguardista, muito masculina, em titânio preto e Superluminova verde fluorescente, que exhibe um turbilhão e um calibre esqueleto. Assim é, em poucas palavras, o novo Bulgari Turbilhão Safira Ultranero. Com a clássica complicação relojoeira alojada numa caixa de 53 mm em vidro de safira, suportada por uma estrutura em titânio com tratamento DLC preto, o novo modelo destaca-se na escuridão (literalmente), ao apresentar marcadores das horas e microtubos em Superluminova verde fluorescente.

A arquitectura geral desta criação Bulgari é também singular, dado que a construção do Turbilhão Safira Ultranero se assemelha à forma de um tambor. De facto, os parafusos que unem a estrutura de titânio e o vidro de safira são fixados na parte exterior da caixa, o que liberta o espaço interior para o calibre manual de manufactura GG 8000. Este último assenta sobre uma platina em vidro de safira e alguns dos seus componentes – tambor de corda e ponte da gaiola do turbilhão – são esqueletizados.

Limitado a 30 peças, o Bulgari Turbilhão Safira Ultranero assume-se como uma peça deveras masculina e vanguardista, que não deixará ninguém indiferente. ✨



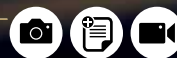
HORAS *em estado líquido*



Fazendo da indicação do tempo através de fluidos o seu porta-estandarte, o H2, nascido da cooperação entre a HYT e a Audemars Piguet Renaud & Papi surpreende pelo design futurista e pela mecânica de excepção que permite uma exibição das horas, no mínimo, inusual. À semelhança do seu antecessor – o H1 – este modelo apresenta um tubo capilar com dois líquidos: um fluorescente e outro translúcido. As horas são indicadas pelos fluidos, enquanto os minutos podem ser consultados através de um ponteiro central, numa escala localizada dentro do tubo verde. Mas mesmo este ponteiro não é clássico e, entre as 5h30 e as 6h30, é forçado a dar um pequeno salto para continuar o seu caminho à volta do mostrador.

O movimento manual com 8 dias de reserva de marcha que dá vida ao H2 é aberto e todos os elementos técnicos – trem de engrenagem, escape e pistões – estão totalmente expostos. Às 9h30, um elemento novo: um indicador de temperatura. Tudo isto numa edição limitada a 20 peças, com caixa imponente (48,8 mm) em ouro rosa e titânio DLC preto. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



APARÊNCIAS *que iludem*

Tempo REAL *vs* VIRTUAL

Em 2015, a Dewitt volta a surpreender com uma criação relojoeira fora do comum. Trata-se do Academia Out of Time, um modelo movido por um calibre automático de manufatura, com segundos mortos e uma inventiva indicação de segundos livres. Assim, o mostrador lacado (azul, branco ou preto) exhibe, além das horas e minutos, dois contadores de segundos: às 4h, o ponteiro dos segundos mortos avança em saltos de um segundo, ao invés do habitual deslizar constante; às 8h, surge o display dos segundos livres, uma invenção patenteada pela marca, sem ponteiros, cujo disco parece girar de forma aleatória. Disponível numa caixa de 42,5 mm em ouro rosa e borracha preta, o novo Dewitt Academia Out of Time apresenta assim uma representação simbólica da oposição entre tempo real e virtual, que não pode ser medido através dos métodos convencionais. ✨

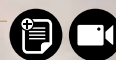




Sóbria COMPLICAÇÃO

Vinte anos depois do primeiro Portuguesa Repetição de Minutos, a IWC apresenta duas edições limitadas a 500 peças cada desta complicação sonora. Disponível em platina ou ouro rosa, com 44 mm de diâmetro, o novo modelo destaca-se pela aparente simplicidade reflectida no mostrador sóbrio com indicação de horas, minutos e pequenos segundos. Mas desengane-se, porque o Portuguesa Repetição de Minutos de 2015 é tudo menos simples. No coração desta peça do tempo bate um movimento manual patenteado e inspirado num calibre de bolso dos anos trinta, composto por 250 peças, cujos elementos centrais são dois gongos em aço, nos quais batem dois martelos quando se acciona a corrediça. Nesta altura, a repetição de minutos assinala as horas, os quartos e os minutos com diferentes sons, cuja melodia se inspira na abertura da ópera Tannhäuser, de Wagner. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Sem SUBTERFÚGIOS

Tradição INOVADORA

Para celebrar dois séculos de relógios por encomenda e uma década da colecção Tradition, em 2015 a Breguet apresenta o novo 7097 Automático Segundos Retrógrados. Mantendo-se fiel ao primeiro Tradition de 2005, o novo modelo exibe uma face seminua, onde a indicação das horas partilha a ribalta com elementos do movimento (aqui invertido), como a platina, o tambor de corda, as pontes, as rodas ou o pára-quebras às 4h, um sistema inventado por Breguet para proteger os elementos do balanço dos choques. O elemento adicional – e que o distingue do Tradition original (além do movimento automático ao invés de manual) – surge do lado esquerdo da indicação das horas: o ponteiro retrógrado dos segundos. Um verdadeiro ballet mecânico, o novo Tradition 7097 está disponível numa típica caixa Breguet de 40 mm em ouro rosa ou branco, cujo fundo em vidro de safira revela o rotor em forma de pára-choques. ✨



Descubra mais em: www.turbilhao.pt





ODE À *esqueletização*

A Roger Dubuis declarou 2015 como o ano do esqueleto e apresentou várias novidades neste campo, uma delas o Excalibur Esqueleto Automático. O novo modelo partilha as características de design distintas da coleção – como é o caso do movimento esqueletizado em forma de estrela com pontes anguladas, decoração circular e revestimento a ródio antracite –, mas sem a presença do turbilhão e com um movimento de manufatura automática com micro-rotor, este último igualmente esqueletizado, totalmente novo. Uma verdadeira ode à transparência, o Excalibur Esqueleto Automático, detentor do Selo de Genebra, apresenta-se numa caixa de 42 mm em ouro rosa, ouro rosa com diamantes ou titânio DLC, cujo mostrador se despe para revelar o coração da máquina do tempo totalmente decorado e acabado à mão. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



“O ultrafino é a nossa religião”

Aos comandos da Piaget há 15 anos, Philippe Léopold-Metzger mostra-se orgulhoso com a herança e dedicação da marca na produção meticulosa de movimentos, relógios e jóias, e analisa a evolução da Piaget e do sector na última década.

:: *Por Marina Oliveira, em Genebra, Suíça*

Trabalha como CEO da Piaget há 15 anos. Quais as principais diferenças que hoje apontaria na Piaget e no mercado da relojoaria em geral?

Nos últimos 15 anos houve definitivamente um crescimento enorme no negócio dos relógios, porque cada vez mais países estão a interessar-se e a crescer neste sector, tais como o mercado asiático, do médio oriente, novos territórios da América Latina, mantendo-se a actividade dos mercados da Europa e América do Norte. A idade dos clientes também mudou muito. Há 15 anos, o alvo para os relógios de luxo era entre os 45 e os 65 anos. Hoje, é entre os 30 e os 45. As marcas tornaram-se mais organizadas. Há uma enorme competição, que comporta uma grande criatividade e inovação. Por isso, o negócio tem-se tornado mais competitivo, mais sofisticado. Hoje vemos uma série de coisas que a Piaget anteviu e que se concretizaram. Por exemplo, a Piaget foi provavelmente a primeira marca a apostar nas lojas monomarca, hoje temos uma rede de cerca de cem por todo o mundo. Por outro lado, nos últimos 15 anos começámos a fabricar o relógio na íntegra nós próprios; todos os movimentos são feitos pela Piaget, e hoje todos estão a tentar fazer este tipo de integração. Também nos movimentámos na direcção certa, como foi o caso da China, apesar de as pessoas dizerem que o mercado chinês está a abrandar... Tivemos um grande crescimento na Ásia, que trabalhamos nos últimos 15 anos, e ainda hoje a Ásia e a China são um mercado enorme. Mesmo que o crescimento não seja tão acelerado como era, continua a ser um mercado crítico para o negócio dos relógios. Outra coisa que mudou foi a quantidade e a velocidade de informação sobre os produtos. Obviamente que é algo transversal a todos os negócios, mas aumenta muito o scope do negócio.

E, dentro da Piaget, houve alguma mudança que sintas como sua?

Claro. O trabalho na distribuição e venda, o grande investimento na produção e o trabalho no mercado asiático, de onde vim como country manager. Mas também no novo equilíbrio que agora existe. Sempre fomos os grandes especialistas da joalheria no fabrico de relógios, e agora afirmámo-nos também nos ultrafinos e a fazer relógios muitos bonitos para homem. É um equilíbrio muito importante no nosso negócio, que está a resultar. Para isso foi muito importante o excelente trabalho de equipa. Aliás, para uma marca progredir precisa de uma equipa estável. Não se pode mudar uma marca de um dia para o outro. Ou melhor, pode-se, mas os resultados serão fortes durante um ou dois anos e depois destrói-se o negócio. Mas nós crescemos muito e mantivemos a nossa filosofia. Um dos princípios é que somos uma manufactura, e é tudo feito dentro de portas: desenhamos, desenvolvemos, criamos o protótipo, fabricamos e vendemos. Portanto, controlamos todo o ciclo, desde o desenho à produção e à venda, e esse foi um feito muito interessante. Mas ainda há muitos desafios pela frente, e é isso que torna o trabalho interessante.

Durante muito tempo, a Piaget destacou-se como produtora de movimentos e de relógios-jóia. Mas, nos últimos anos, cresceu como marca de renome e manufactura na indústria dos relógios masculinos...

Sim e é interessante porque, num país conservador como é Portugal, vemos que nos saímos muito bem com o cliente local, nomeadamente com o Altiplano, que se tornou um sucesso, é um relógio muito bonito e muito elegante. Os portugueses estão em sintonia com o nosso produto, gostam de se vestir bem e de forma elegante, mais do que, por exemplo, os espanhóis. O negócio dos relógios cresceu e estamos muito equilibrados. Vendemos tantos relógios de homem como de mulher, e o nosso negócio está muito equilibrado entre os relógios-jóia e os relógios normais.

A Piaget deu o mote para os relógios ultrafinos e hoje é uma tendência. Como lidam com este facto?

É o que aspiramos. Para mim, quando decidimos construir a nossa manufactura, a área-chave foi o ultrafino, porque faz parte do ADN da marca. Fizemo-lo consistentemente ao longo dos últimos 15 anos e, na altura, não era popular. O ultrafino é muito mais complicado, é mais fácil trabalhar com o grande movimento. Óbvio que quando começámos a Piaget teve sucesso, e hoje há uma concorrência muito intensa pelos recordes e isso é óptimo. Para mim significa que o que sempre quis, que o ultrafino fosse considerado como uma grande complicação em si, foi validado pela concorrência. Há mais concorrência, mas isso também aconteceu com a esqueletização, em que a Piaget se concentrou bastante nos últimos cinco ou seis anos, e agora todos estão a tentar fazê-lo. Gostamos quando vemos as pessoas ficarem rivalizadas com o que fazemos.

Acha que nos próximos anos o ultrafino se manterá na essência das coleções Piaget? Porque é difícil continuar a bater recordes nessa área...

Pode-se dizer que o ultrafino é a nossa religião. Ainda trabalhamos em algumas complicações, e acho que vamos usar relógios muito finos, não que a intenção, quando se começa, seja bater um recorde, a intenção é simplesmente fazer o relógio mais bonito. O relógio até pode bater um recorde, mas para nós o mais importante é que com um movimento extremamente fino podemos fazer um relógio muito bonito. Neste momento, estamos a olhar para formas de aumentar a reserva de marcha, porque é mais limitada em relógios muito finos, e provavelmente vamos concentrar-nos mais nesse campo do que em bater recordes. Por outras palavras, a fiabilidade é mais importante do que cortar na espessura. Por outro lado, acho que um dia, quando o relógio for demasiado fino, começa a perder um bocado de substância.



Há algum relógio Piaget que prefira?

Não. Tenho uma linda esposa e dois filhos maravilhosos, com 25 e 27 anos, portanto, na família somos quatro potenciais clientes. Gosto de cada produto que fazemos, porque sei qual é o tipo de consumidor que temos em mente. Acho que não comercializaria um relógio de que não gostasse, porque estamos tão envolvidos no ciclo, desde o início do desenho, que se não gostar do relógio vou pará-lo logo nessa fase de concepção. Quando os produtos estão expostos, consigo ver se é um Piaget ou não. Gosto muito dos produtos. Normalmente uso o Altiplano Esqueleto, que adoro, mas utilizo outros em diferentes ocasiões. Temos sorte de trabalhar com produtos lindos.

E prefere alguma complicação?

De momento, gosto muito da repetição de minutos. ✨





BENTLEY



Performance sem paralelo para todos os caminhos da vida.

Bentayga.

Apresentamos-lhe o Extraordinário SUV. Visite o concessionário da Bentley Lisboa ou ligue para o número +351 21 316 31 50

Consumo de combustível do Bentayga – Ciclo de condução da UE em l/100 km*:
Urbano – 19,2; Extra-urbano – 9,1; Combinado – 12,8. Emissões de CO₂ – 292 g/km.

*Os valores do consumo de combustível estão sujeitos a homologação. O nome "Bentley" e o emblema do "B in wings" são marcas comerciais registadas. © 2015 Bentley Motors Limited. Modelo apresentado: Bentayga.

BENTLEY LISBOA



12 Dias Villeret

:: *Texto de Jeffrey S. Kingston,
Tradução e adaptação por Marina Oliveira*

Com um design familiar, a Blancpain apresenta um turbilhão totalmente novo.

Façamos um pouco de numerologia para o número 12. Zero pontos para a associação com o número de meses num ano. Zero pontos também para os 12 animais do calendário chinês ou os 12 signos do zodíaco. Os 12 trabalhos de Hércules. As 12 principais divindades da mitologia grega. Talvez um pouco mais obscuro, as 12 salas imponentes do paraíso escandinavo. Os 12 leões que decoram os degraus do trono de Salomão nas lendas árabes. Os 12 planetas do sistema solar (aqui com um pouco de falsificação, dado que temos que contar com Plutão, que perdeu o seu estatuto de planeta, e acrescentar ainda os planetas que se pensa terem sido destruídos). E uma reserva de marcha de 12 dias para o novo Villeret Turbilhão 12 dias da Blancpain.

Antes de fazermos uma análise detalhada do Villeret Turbilhão 12 Dias e do seu movimento, calibre 242, vale a pena fazer uma pequena pausa para rever quais os pontos essenciais do turbilhão. O turbilhão, inventado e patenteado por Abraham-Louis Breguet em 1801, foi concebido para melhorar a cronometria do relógio. Todos os relógios estão sujeitos a pequenos erros de marcha induzidos pela gravidade quando o relógio está na posição vertical; nalgumas posições verticais, as forças gravitacionais fazem com que o relógio adiante ligeiramente e noutras com que atrase.

A ideia base de um turbilhão é cancelar esses erros ao girar constantemente a 360 graus os elementos que mantêm a marcha do relógio. Esta rotação passa os elementos da roda de balanço e do escape, que mantêm a marcha, através das posições “rápida” e “lenta”, fazendo com que, em princípio, uma cancele a outra. A construção clássica do turbilhão, descrita na primeira patente e seguida desde então, utiliza uma gaiola que transporta a roda de balanço e o escape e que gira em torno de uma engrenagem fixa. Em todos os turbilhões, e em contraste com o Blancpain Carrousel, que também cancela os erros da marcha ao rodar



os componentes cronométricos, a rotação da gaiola está directamente ligada ao escape. A energia fornecida pela engrenagem do relógio para rodar a gaiola também serve o escape e, se essa rotação à volta da engrenagem fixa parar por alguma razão, o relógio também pára.

Não há dúvida de que haverá alguns conhecedores da Blancpain que, depois de um breve olhar ao Villeret Turbilhão 12 Dias, e após espiarem uma forma familiar da gaiola do turbilhão, podem concluir que se trata apenas de uma actualização de um movimento que está na colecção há muitos anos. É o problema dos breves olhares, porque nada podia estar mais longe da verdade. Certamente que a forma da gaiola pode homenagear a longa história do turbilhão Blancpain, assim como a colocação descentrada da roda do balanço, mas este é um movimento 100% novo. Era importante para Marc A. Hayek desde o princípio deste projecto de desenvolvimento que a Blancpain respeitasse a tradição. A arquitectura da gaiola do turbilhão, a localização descentrada da roda de balanço e a ausência de ponte superior (o que o torna um “turbilhão voador”, que descreveremos em profundidade mais à frente neste artigo) foram todos marcos relojoeiros e estreias quando a Blancpain os introduziu em 1989. De facto, quando foi lançado, era o primeiro turbilhão voador de um minuto do mundo num relógio de pulso e oferecia a mais longa reserva de marcha da história para um turbilhão, 8 dias. Ironicamente, tornou-se tão reconhecível que a equipa da Blancpain constatou que quando os contrafactores tentam imitar um turbilhão, as formas que frequentemente usam são as deste design clássico da Blancpain. A marca pode ter preservado este ADN essencial, mas, como veremos, este movimento, o calibre 242, é completamente novo.

Antes de iniciar viagem sobre todas as novas características e construções do Villeret Turbilhão 12 dias, foquemo-nos por uns minutos naquilo que os olhos não vêem: a performance. O nome diz tudo. Este é um turbilhão que oferece 12 dias de reserva de marcha. Na realidade, o relógio pode funcionar durante cerca de 14 dias, mas para ser conservador está registado com 12. Nenhum outro turbilhão de corda automática consegue igualar esta performance. E o que é mais impressionante é que esta capacidade recorde foi alcançada com apenas um tambor de corda. Claro que o tambor de corda é grande, tanto em diâmetro como em espessura, ocupando praticamente toda a altura do movimento. O seu disco de corda (denominado “rochet”) é visível através do fundo do relógio na posição das 6 horas, ostentando uma roda decorativa (com a forma de jante, assinatura da Blancpain) no topo.

Um bom local para começar a inspecção ao calibre 242 é a roda de balanço. Concebida em Glucydur com tratamento preto, com braços em forma de semi-espiral, o anel exterior é curvado para dentro em cada uma das posições dos parafusos reguladores em ouro. Existem

duas razões importantes para esta curvatura para dentro. Dado que a curvatura é para o interior, as cabeças dos parafusos reguladores não sobressaem para além da circunferência exterior da roda. Isto permite colocar uma roda de balanço maior, que não necessita estar confinada à gaiola, o que seria o caso se não existisse a curvatura. De facto, com 7,95 mm de diâmetro, esta é a maior roda de balanço em todos os turbilhões Blancpain. A segunda razão é que, com os parafusos reguladores “afundados”, há menos resistência ao ar à medida que a roda de balanço oscila para a frente e para trás, particularmente dado que os seus elementos passam muito próximo dos suportes da gaiola.

A alta tecnologia serve a espiral, concebida em silício. A gaiola do turbilhão, moldada à semelhança das antecessoras, é, contudo, a maior alguma vez construída pela Blancpain. A colocação da roda de balanço fora do centro de rotação permite uma construção mais fina do que quando a roda de balanço está centrada na gaiola. Esta posição também coloca a âncora e a roda de escape à vista, de modo a que o “tic tac” do relógio possa facilmente ser visto à medida que o turbilhão marcha na sua rotação. Mantendo as tradições da Blancpain, o topo da gaiola, que é o local onde é montado o escape, possui uma extremidade que funciona como ponteiro dos segundos.

Uma inspecção cuidada à abertura do turbilhão revela uma diferença radical e quatro mais subtis relativamente àquilo que a Blancpain fez no passado. Em todos os outros turbilhões, a ponte que suporta a gaiola estende-se de um lado ao outro do verso do movimento. Este suporte traseiro para a gaiola é duplamente importante. A construção padrão do turbilhão suspende a gaiola entre dois suportes: um do lado do mostrador, o outro no verso do movimento. A Blancpain alcançou um avanço relojoeiro deveras importante ao introduzir o



primeiro turbilhão voador de um minuto. A descrição “voador” significa que o suporte do lado do mostrador, geralmente uma ponte, foi completamente removido, abrindo o turbilhão a uma visão desobstruída. Todo o suporte para o turbilhão está por detrás, sendo montado numa ponte traseira.

Com o calibre 242, o que era uma ponte de lado a lado no tradicional design Blancpain foi substituído por uma ponte curva que circunda a roda motora engatada com o pinhão que impulsiona a rotação da gaiola e, claro, do escape. Continua a ser um turbilhão voador, dado que não existe ponte do lado do mostrador. Com o turbilhão e gaiola maiores surge também um pinhão maior para conduzir o turbilhão, um pinhão de 14 dentes em contraste com os turbilhões Blancpain anteriores que usam um pinhão de sete dentes. Lembre-se que este pinhão impulsiona a rotação da gaiola e do escape.

Isto conduz-nos a outra diferença subtil, a engrenagem fixa. O princípio básico de todos os sistemas turbilhão é a rotação da gaiola e dos seus componentes cronométricos (a roda de balanço e o escape) à volta de uma engrenagem fixa. O trem de engrenagens do relógio transmite energia ao pinhão da gaiola que transporta o escape que, por sua vez, está engatado com a engrenagem fixa. Enquanto os outros turbilhões Blancpain utilizam uma engrenagem fixa amplamente sólida, o calibre 242 possui um design mais leve e arejado, com uma roda de raio aberta. Outra diferença subtil na abertura do turbilhão é, na realidade, algo não

visível. Com os outros calibres turbilhão, a parte superior da roda das horas assoma na parte inferior da abertura; agora está completamente escondida, descansando por detrás do mostrador e por baixo da abertura.

Uma coisa não mudou. O rolamento posterior do turbilhão voador é construído usando rolamentos de esferas em cerâmica, tal como é feito actualmente em todos os turbilhões Blancpain. A última diferença subtil que emerge de uma análise à área da abertura requer um poder de observação apurado. Em vez de permanecer por baixo do nível da platina superior do movimento, o topo da gaiola do turbilhão estende-se 0,6 mm acima da platina. Neste sentido, o calibre 242 assemelha-se aos carrouseis da Blancpain, que também elevam o topo da gaiola acima do da platina. A razão, claro está, é para aumentar a visibilidade.

Altura de virar o relógio. A primeira coisa que irá captar o olhar do observador é a decoração das pontes do movimento, que foram guilhochadas à mão com padrão flinqué. O rotor (em

BLANCPAIN
12 Jours




ouro vermelho na versão em ouro e em platina na edição limitada em platina) foi também decorado à mão com um motivo esculpido. Contudo, ainda mais apelativa é a forma do rotor. Este foi aberto de modo a deixar admirar a decoração das pontes do movimento por baixo. Há uma espécie de truque na forma de “abrir” o rotor desta forma. Claro que retirando todo o ouro ou platina pesados que, de outra forma, ocupariam o espaço que agora está aberto, iria reduzir a massa do rotor e influenciar de forma adversa a eficiência da corda. O truque é que a parte exterior do rotor se estende bem por baixo da sua superfície e por fora do perímetro do movimento. Isto restitui a massa retirada para criar as aberturas e assegura uma corda óptima. Há outro novo pormenor associado ao sistema de corda automática. Os outros turbilhões automáticos da Blancpain montam o rotor sobre uma ponte localizada acima das outras pontes do movimento. No Villeret Turbilhão 12 Dias, o sistema de corda automática está nivelado com as outras pon-

tes, o que aumenta a finura do relógio e, ao mesmo tempo, oferece uma maior superfície para a decoração guilhoche realizada à mão.

Com um relógio que apresenta uma reserva de marcha de 12 dias, possuir um indicador de reserva de marcha é extremamente útil. A indicação da reserva de marcha pode ser consultada no fundo do relógio, onde um disco gravado mostra a reserva que pode ser lida através de uma pequena ponte com um apontador esculpido. Localizar a reserva de marcha no fundo do relógio traz consigo uma lógica irrefutável. Depois de alguma reflexão, torna-se claro que, na realidade, existem apenas duas alturas em que o utilizador querera ver a reserva de marcha: de manhã antes de colocar o relógio, para se certificar que possui a corda necessária para o dia, e à noite, para verificar se existe corda suficiente para o relógio se manter em funcionamento durante o período em que não será usado. Em ambas as ocasiões, é conveniente visualizar o indicador no fundo do relógio.

E podemos ir mais longe. Porquê sobrecarregar o mostrador com um indicador de reserva de marcha se, na realidade, este só é importante quando se coloca ou tira o relógio? Consequentemente, colocá-lo no verso da caixa empresta uma pureza especial ao mostrador. Como convém a um relógio desta sofisticação, o mostrador é em esmalte. Estão disponíveis duas caixas para esta peça do tempo com 42 mm de diâmetro: em ouro vermelho ou platina. A versão em platina é uma edição limitada a apenas 188 exemplares. ✨



“Quando se pensa em esqueletização, pensa-se na Roger Dubuis”

A Roger Dubuis baptizou 2015 como “O Ano do Esqueleto” e apresentou diversas peças do tempo onde a arte da esqueletização é rainha e senhora. Lionel Favre, responsável pelo design da marca, fala-nos dos novos relógios e do conceito por detrás de cada criação.

:: Por Marina Oliveira, em Genebra, Suíça

ROGER DUBUIS
Excalibur Spider Esqueleto Turbilhão Voador



É responsável pelo design da marca. Como definiria o ADN da Roger Dubuis?

A Roger Dubuis é uma marca muito jovem. O seu ADN é uma mistura entre a inspiração tradicional, com os seus lindos movimentos e o selo de Genebra e, por outro lado, um design muito original e criativo. Estes dois mundos unem-se para dar origem aos produtos da Roger Dubuis.

A Roger Dubuis é uma marca relativamente jovem quando comparada com outros fabricantes suíços. o que a distingue no panorama relojoeiro?

Sim, a Roger Dubuis tem apenas 20 anos. Para mim, e mais importante do que a história da marca, é que possuímos uma manufatura fantástica, somos detentores do Selo de Genebra e as pessoas que trabalham conosco estão certificadas de acordo com o mesmo. É muito difícil ter o conhecimento de excelência que permite obter o Selo de Genebra e isso é muito importante. Quando alguém compra um Roger Dubuis, compra um relógio com um design particular, lindo, mas também com um movimento fantástico e muito bonito.

Quais são as principais novidades deste ano? Temos muitas novidades este ano dentro do universo Astral Skeleton, assim chamado porque os movimentos formam estrelas, e uma das principais é o Spider Esqueleto, que é um relógio de estrutura. Decidimos criar um relógio 100% sobre o movimento e esqueletizado, em que tudo é dedicado à sua arquitectura, jogando com os planos vazios e a complexidade.

O Spider é uma linha dentro da colecção Excalibur?

Exactamente. É uma nova linha dentro dessa colecção. O conceito por detrás do Spider é ser algo verdadeiramente leve e, para o conseguirmos, esqueletizámos, além do movimento, a própria caixa do relógio. Assim, o Spider pesa menos de 100 gramas, é muito leve e prático de usar, e possui muitos elementos esqueletizados: a caixa, a flange, o movimento. O que resulta num design muito forte, mecânico e arquitectural.

E porquê o nome Spider (Aranha)?

Tem a ver com a construção do movimento. A aranha, quando faz a sua teia, apesar de esta parecer algo frágil, é muito forte. Por isso inspirámo-nos na estrutura da teia de aranha e na sua robustez para baptizar esta linha.

Por que decidiram apresentar esta linha dentro da colecção Excalibur?

Porque esta colecção é icónica para a Roger Dubuis e, historicamente, é muito conhecida. Quando se pensa em esqueletização, pensa-se na Roger Dubuis e pensámos que podíamos ir mais além e criar um modelo 100 por cento esqueleto. Dentro da linha Spider, produzimos um duplo turbilhão, um turbilhão e uma estreia mundial. Trata-se do Spider Turbilhão Esqueleto com diamantes, onde estes últimos são engastados directamente na borracha. A memória da borracha fixa o diamante e o teste de fiabilidade é o mesmo que numa luneta clássica em ouro, por isso não há problema com a segurança das pedras. É uma nova técnica.



ROGER DUBUIS
Excalibur Spider Esqueleto Duplo Turbilhão Voador

Em peças como estas, quanto tempo demora o processo desde a conceptualização até à concretização?

Geralmente, precisamos de dois anos para desenvolver um novo relógio. Mas em termos de design, precisamos de um ano para fazer algo muito bom, mediante os nossos standards de produção. Começamos com os desenhos, fazemos as primeiras experimentações, depois fazemos o protótipo em cera, depois o primeiro protótipo em aço e, ao fim de cinco ou seis protótipos, fazemos o primeiro relógio. Portanto, precisamos de dois anos para fazer todo o processo.

Têm mais alguma coisa planeada para esta linha? É algo que querem desenvolver no futuro?

Sim, queremos desenvolver esta linha, que é muito técnica. Isto é realmente o que somos, porque é muito mecânico e a base do Selo de Genebra é essa mecânica.

O Spider vai manter-se apenas na linha Excalibur ou poderá constar numa outra família? Não, apenas na linha Excalibur.

E nas outras linhas, há alguma novidade?

Sim. Dentro da linha Hommage, temos uma repetição de minutos, uma peça mais clássica, mecânica e tradicional, e um duplo turbilhão em platina. Na coleção Excalibur, utilizámos o esqueleto como uma estrutura para colocar alguns elementos naturais, como a trepadeira. É um novo conceito porque alia relojoaria e joalheria. Finalmente, dentro da linha Velvet, criámos os modelos Alta-costura, uma edição limitada a 88 peças por referência, porque o mundo do Velvet é sobre glamour.

Na Roger Dubuis qual foi, até ao momento, o maior desafio em termos de conceito?

É uma pergunta difícil. Gosto de trabalhar com relógios de senhora e com mecânicas bonitas, diria que o Excalibur é a melhor plataforma para criar. Gosto de trabalhar nele.

É também o seu relógio preferido para usar?

Sim, mas geralmente não uso relógio. Estou sempre no futuro em relação aos relógios e, para mim, os que estão criados são uma história acabada e quero pensar num novo. Por isso, prefiro não usar um relógio, porque se utilizar o mesmo relógio torna-se numa espécie de fotografia cravada no meu cérebro e é difícil desenvolver uma criação nova.

Portanto, provavelmente já está a pensar no relógio do próximo ano? Sim, estou a tentar (risos). 🌟



PIAGET

PERFECTION IN LIFE*



* Perfeição na vida.

- The City, Londres -

Piaget Altiplano 900P,
O relógio mecânico mais plano
do mundo: 3,65 mm, uma completa fusão
entre caixa e movimento Manufactura.
Piaget, a mestria do ultra-fino.

piaget.com



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Av. da Liberdade, 194C - Lisboa



Mecânica & Design DE VANGUARDA

Inovadores em estilo, design e mecânica, os relógios Urwerk chegam agora a Portugal pela mão da Boutique dos Relógios Plus.

:: *Texto de Marina Oliveira*



Fundada em 1995 pelo designer e artista Martin Frei e pelos irmãos relojoeiros Felix e Thomas Baumgartner (este último saiu da empresa em 2004), a Urwerk surpreendeu o mercado relojoeiro ao apresentar peças do tempo fascinantes, inovadoras e pouco convencionais. Com os primeiros modelos lançados em 1997, a Urwerk rapidamente se transformou numa marca premiada, reconhecida pelos designs vanguardistas dos seus relógios, bem como pelas novas indicações e complicações que propunha. Tudo isto sempre com um objectivo em mente: o da perfeição mecânica.

Desde então, a colecção Urwerk cresceu, e inclui hoje diversas linhas de relojoaria. Aqui destacamos a colecção UR-105 TA, que revi-

sita a já icónica indicação satélite: quatro satélites, cada um com três numerais, revelam-se sucessivamente e, na sua marcha, passam pela escala dos minutos para indicar o tempo. Esta linha personifica todos os anos de investigação da marca sobre os satélites das horas. Aqui, o engenho deste mecanismo encontra-se no carrousel invisível responsável pela operação das horas satélite.

Já a sigla “TA” significa “Turbina Automática”, uma vez que a corda automática é regulada por turbinas de ar duplas. O modo de corda é seleccionado através de uma pequena alavanca: na posição “FULL”, apenas pequenos movimentos são necessários para dar corda; na “RED” a corda é moderada para minimizar a tensão excessiva na mola principal; e no modo “STOP” o sistema de corda é desactivado e o relógio pode receber corda manual se necessário.

O UR-105 TA, também conhecido pelo cavaleiro da Urwerk, uma vez que a luneta evoca o peitoral de uma armadura, protegendo o mecanismo das devastações do tempo, está disponível em titânio e aço All Black e em titânio e ouro vermelho. ✨



A caixa de CERÂMICA

Cozida em fornalhas de calor extremo, a alquimia avançada da cerâmica relojoeira da Omega promete uma longevidade sem paralelo. Sem desvanecimento, desgaste ou colusão – beleza natural imutável, reforçada por bases científicas sólidas.

:: *Fotos de Ian Schemper* :: *Tradução e adaptação por Marina Oliveira*

Comadur situa-se em Le Locle, o centro da indústria relojoeira suíça, localizado nas difíceis e inóspitas montanhas do Jura. Parte do Grupo Swatch aloja-se numa caixa de vidro preta e térrea e dedica-se à ciência e desenvolvimento de materiais duros; muito duros, do género de dureza que apenas os diamantes e lasers industriais conseguem riscar, gravar ou golpear. E neste momento a Comadur centra-se na produção de cerâmica à escala industrial.

A cerâmica tem sido utilizada na relojoaria desde meados dos anos oitenta, uma utilização em que a Comadur e a Rado – outro membro do Grupo Swatch, do qual a Omega também faz parte – foram pioneiras. Nessa época, a Omega ficou na retaguarda e observou, esperando que o material – e aquilo que se podia fazer com ele – avançasse e oferecesse o potencial para fazer algo novo nos seus relógios.

Há seis anos, a Omega decidiu que estava pronta para a cerâmica, e

esta pronta para a marca. A primeira utilização de cerâmica avançada nos produtos Omega aconteceu num pequeno triângulo numa peça de joalharia da colecção Seamaster Planet Ocean. Hoje pode oferecer indicações na luneta que nunca se irão riscar, descolorar ou desvanecer, moldadas num material seis vezes mais duro do que o aço, perfeitamente adequado à promessa funcional dos seus relógios. Este era um material que podia manter essa promessa, manter a sua vantagem, para sempre. Mas a Omega sabia que a cerâmica podia fazer mais, ser pressionada a fazer mais. E a Comadur sabia como e onde pressionar. A cerâmica é tanto um processo como um material. Pode envolver muitos ingredientes diferen-



tes e produzir diversos resultados. De facto, a definição de cerâmica é variada e pouco consensual. Contudo, há factores constantes. A produção de cerâmica requer sempre calor – muito calor –, e desse calor emerge a cerâmica: dura, pura e elástica. Cristalina na natureza, a cerâmica protege as suas fronteiras. Com ela, não há hipótese de colusão química ou infecção, oxidação ou desvanecimento. A cerâmica é inerte e impregnável.

A cerâmica tradicional, aquela que é mais familiar à maioria, é útil mas frágil. Normalmente é feita de barro ou cimento, e utilizada para quase tudo, desde louça e vasos a azulejos. A palavra cerâmica vem do grego “keramos”, que significa “terra queimada”, mas o Homem produz cerâmica desde muito antes de os gregos lhe atribuírem um nome. Estatuetas de cerâmica, que se pensa terem 30.000 anos, foram encontradas na zona da antiga Checoslováquia. Eram feitas de uma mistura de barro,

osso, gordura animal, terra e cinza de osso, aquecidas num forno abobadado. Foram, no entanto, os gregos e os egípcios quem realmente se dedicou à cerâmica, produzindo todo o tipo de tachos, pratos e vasos. O seguinte maior progresso na cerâmica surgiu com o advento da porcelana, desenvolvida na China durante a dinastia Tang e aperfeiçoada durante a dinastia Ming. Aquecida a temperaturas muito elevadas (1300 °C), era mais forte e podia ser moldada em formas finas e delicadas. Era também branca, porque se usava argila branca na sua produção, ao invés do barro comum, avermelhada por óxidos de ferro (os vasos Ming permanecem, claro, itens de colecionador).

Cerâmica industrial

Aqui o nosso interesse é em cerâmica avançada. Este é o tipo de cerâmica produzido utilizando toda a espécie de novos e complexos componentes e capaz de coisas extraordinárias. De facto, a cerâmica avançada é uma das áreas mais superalimentada no que diz respeito à inovação em materiais modernos.

A cerâmica avançada tem sido utilizada nas lâminas das turbinas de motores a jacto, nos cones dos narizes dos aviões, em azulejos aplica-



dos no exterior de vaivéns espaciais (embora, ao início, não aplicados com cuidado suficiente), e está a ser usada na nova geração de veículos espaciais reutilizáveis. A indústria automóvel utiliza esta cerâmica em tudo, desde conversores catalíticos a velas, passando por discos de travão e sensores de airbag. Nos computadores, a cerâmica é utilizada em isolantes, resistores, supercondutores e condensadores. A bio cerâmica é usada na medicina dentária e na substituição de juntas. A cerâmica magnética é utilizada em antenas, bobinas e motores eléctricos. A cerâmica avançada tem sido usada para produzir submersíveis muito leves e no revestimento da blindagem de veículos militares. É também cada vez mais utilizada na complexa microengenharia da relojoaria. A cerâmica avançada tem sido usada para substituir os rubis em alguns relógios e outros microcomponentes. De facto, têm sido produzidos movimentos inteiros utilizando cerâmica baseada no silício.

Contudo, nada disto é fácil (ou barato). Produzir cerâmica avançada, sobretudo com a precisão que a relojoaria mecânica de ponta requer, é um desafio único. Trabalhá-lha, e aliá-la a outros materiais de forma significativa, dá azo a um novo nível de complicações. A Comadur sabe tudo sobre essas complicações. Desenvolveu muitas delas. O quartelão da Comadur em Le Locle parece mais um laboratório de pesquisa e desenvolvimento e um atelier do que uma instalação de produção. Aqui as peças em cerâmica são produzidas e talhadas em máquinas extremamente caras, equipadas com brocas e fresas em diamante e aplainadoras. Existem lasers de grande potência, mas é um processo lento

e literalmente amolador. Grande parte desse processo desenvolve um (ou no máximo uma mão-cheia) componente (ou peças individuais) de cada vez, e requer uma equipa altamente especializada, por vezes com perícia manual, para manter as coisas a andar. Muito do que acontece tem lugar em espaços cuidadosamente controlados, onde, em casos extremos, os elementos podem ser protegidos do fogo. Tomemos como exemplo a inserção na luneta desenvolvida pela Omega, introduzida pela primeira vez num relógio de edição limitada há seis anos. Para a criar, óxido de zircónio em pó é misturado com coberturas de plástico, água e um óxido metálico para adicionar cor (colorir a cerâmica é em si uma ciência complexa, que revelaremos mais à frente).

Nenhum destes materiais, neste ponto apelidados de “pós compactos”, são particularmente caros. A cerâmica avançada utilizada pela Omega é dispendiosa de produzir por causa do que acontece a seguir.

Este pó é aquecido para formar uma pasta e depois pressionado na forma da inserção do

anel, utilizando toneladas de pressão. Isto é chamado “corpo verde”. Nesta fase, mesmo com a presença das coberturas de plástico, o anel ainda é mole e frágil. A alquimia ainda não aconteceu.

A próxima fase no processo de produção é a remoção das coberturas provisórias. O anel adquiriu já as suas propriedades mecânicas finais, utilizando um processo térmico, e é duro (cerca de 1200 vickers). É também 30 por cento menor. Claro que o grau de dureza torna o que ainda está por fazer – e há muito por fazer – muito mais difícil. Talhar o material à forma e dimensões exactas, com tolerância de produção apertada, requer equipamento de diamante de ponta, lubrificado e arrefecido por lubrificantes a alta pressão. Este trabalho faz moça nos diamantes, que têm de ser substituídos regularmente.

Polir as lunetas requer um know-how muito específico. Mesmo nesta altura, apenas metade do trabalho está feito. Uma luneta é inútil sem os seus numerais e escala, e a Omega e a Comadur tiveram de encontrar forma de os incluir e mantê-los no sítio.

Encontraram a resposta numa liga amorfa baseada em zircónio, denominada Liquidmetal®. Esta liga tem dois aspectos positivos: derrete a temperaturas relativamente baixas, mas quando arrefece é três vezes mais dura do que o aço. Embora não seja uma cerâmica, é uma parceira perfeita. Claro que são necessárias cavidades para lá introduzir o Liquidmetal®, e anguladas, para que o metal esteja efectivamente colocado no local quando arrefece. Para isto é necessário um laser especial, com qualidade de raio muito alta. Um fino anel de Liquidmetal®, criado utilizando várias toneladas de pressão, é aquecido e depois pressionado na luneta, com o excesso sendo depois removido através de amolação. Mantém-se perfeitamente brilhante e permanente. A Omega lançou esta luneta em 2009 no Seamaster Planet Ocean 600M Liquidmetal® Edição Limitada, mas desde então tem sido usada em vários relógios da linha Seamaster. Tendo descoberto como combinar cerâmica e Liquidmetal®, a Omega e a Comadur impuseram-se um novo desafio. O próximo truque seria combiná-lo com o ouro. O que fizeram em 2012, ao lançar o Seamaster que apresentava algo denominado Ceragold™. Usar ouro de 18 quilates para criar os marcadores da luneta requereu o desenvolvimento de um novo processo. Em vez de ser pressionado em cavidades cortadas a laser, uma fina camada de ouro seria electroformada na luneta num banho electrolítico; um processo que significa que camadas de ouro do tamanho de micrones podem “crescer” na luneta e nas suas cavidades gravadas a laser.

Contudo, todas as grandes soluções partem de um grande problema, e o problema aqui é que a maioria da cerâmica não conduz electricidade. Como o nome sugere, electroformação requer um pouco de condução. A Omega e a Comadur tornaram a questão usando PVD (Deposição Física de Vapor) para aplicar um revestimento condutor à superfície da luneta antes do seu banho electrolítico de ouro. Depois do banho, o ouro em excesso é então esmerilado até os marcadores em ouro ficarem lindamente visíveis, nivelados com a cerâmica e escovados.

No ano passado, a Omega adicionou diamantes a esta mistura, engastando 12 diamantes baguette e um diamante, usando uma liga de platina 850 Liquidmetal® na luneta de cerâmica do Seamaster Planet Ocean 600M Platina.



Moonwatch relançado

Não é de estranhar que, depois de ter realizado estas maravilhas com as lunetas, a Omega decidisse produzir uma caixa totalmente em cerâmica. E, naturalmente, que o quisesse fazer com o relógio mais icónico da empresa, o Speedmaster Professional.

Isto foi, contudo, sem dúvida um risco. Caixas de relógios inteiramente em cerâmica já tinham sido produzidas antes, então, o que é que a Omega iria fazer diferente? E faria realmente sentido “mexer” com um ícone? Um relógio tão ligado ao desempenho, sem superficialidades, sem escândalos, minimalista ao estritamente necessário e determinado? Como se poderia encaixar a cerâmica na história do Moonwatch? De que forma faria sentido? Como pareceria correcto?

A Omega fez com que fizesse sentido ao alterar o material, mas não o design essencial. Claro que era uma proposição muito mais complexa do que o simples anel de uma luneta; requeria ainda mais horas de trabalho complexo e moroso, para não mencionar um conjunto de novas máquinas para o fazer. Mas o Moonwatch em cerâmica, mais uma vez produzido utilizando uma cerâmica baseada em óxido de zircónio, incluindo o fecho, botões, coroa e mostrador, estava em forma e deu vida ao Moonwatch que as pessoas conheciam.

Mas a Omega e a Comadur não ficaram por aqui. Equipas de artesãos trabalharam em cada faceta do relógio, novamente utilizando correias industriais incrustadas de diamante para criar acabamentos polidos e acetinados, contrastantes com arestas nítidas e distintas. Isto trouxe nova substância e subtileza à relojoaria de cerâmica; adicionou algo da muscularidade da era da máquina do relógio em aço, mas num design verdadeiramente, profundamente e maravilhosamente preto; nativamente preto, integralmente preto. Era honestamente preto. E a Omega tinha a história perfeita para vender esse relógio.

Em 2013, foi lançado como o Dark Side of the Moon (O Lado Negro da Lua), e o novo relógio foi recebido com elogiosas críticas e uma procura considerável e expectante. Inicialmente, os planos passavam por produzi-lo numa edição limitada, mas a produção rapidamente subiu para a escala industrial. O Dark Side of the Moon redefiniu o relógio de cerâmica. De repente, era um material sério, que oferecia não só uma força e resistência ao risco incríveis, mas novas possibilidades estéticas.

A Omega quis ir mais além e, no ano passado, lançou o Grey Side of the Moon. Desta vez, o relógio apresentava um mostrador em platina 950 jateada e Super-LumiNova na escala taquimétrica recortada a laser da

luneta, tornando-a visível na escuridão pela primeira vez. Contudo, essa não foi a parte difícil. A parte difícil foi alcançar o tom cinzento metálico.

Por causa do calor envolvido na produção da cerâmica, dar-lhe cor é um trabalho complicado. É difícil saber como os pigmentos – normalmente óxidos de metal – irão reagir, se se manterão estáveis. É muito difícil ser-se exacto, explorar sombras ou fazer pequenas movimentações ao longo do espectro. Envolve muita tentativa e erro, e caso se encontre a fórmula certa para qualquer cor, há que a manter. Alcançar a cor metálica da poeira lunar do Grey Side of the Moon requereu algo verdadeiramente notável. As peças são produzidas numa cerâmica branca específica. Mas se, e apenas se, esta for colocada numa câmara de plasma que atinge os 20.000 °C durante três horas, fica cinzenta, completamente, dentro e fora. Existem apenas alguns lugares no mundo onde se pode fazer algo assim, e a Comadur é um deles. (É importante salientar que as peças em cerâmica não atingem 20.000 °C, e que é o plasma, em vez do calor, o agente activo aqui.) Este é talvez, pelo menos por agora, o mais extremo dos muitos extremos que os componentes de cerâmica da Omega enfrentam antes de serem enviados para se reunir com o movimento (e um que o White Side of the Moon, lançado este ano, não tem de enfrentar). Mas a cerâmica avançada, criada em circunstâncias extremas, é um material de grande potencial e possibilidades. E a Omega e a Comadur estão apenas a começar. ✨






CANALI
1 9 3 4

CANALI.COM

Em exclusivo no
ROSA&TEIXEIRA

LISBOA PORTO

LISBOA: Avenida da Liberdade, 204, r/c
PORTO: Avenida da Boavista, 3523, Edifício Aviz
www.rosaeteixeira.pt




Uma década EXTRAORDINÁRIA

O nascimento de marcas como a HYT, a Urwerk, a de Bethune ou a Richard Mille transformaram os últimos quinze anos nos anos loucos da alta relojoaria. E esta recente e fascinante história do mundo das máquinas de precisão não poderia ser contada sem se referir o nome de Maximilian Büsler.

:: *Texto de Gonçalo Ferreira*

Indo em sentido contrário ao das mentalidades conservadoras do mundo da relojoaria, este jovem empreendedor, Maximilian Büsler, apresentou a linha OPUS da Harry Winston, com obras surpreendentes, e, mais tarde, surge acompanhado pelos amigos que o ajudaram na criação da sua própria marca, MB&F (Max Büsler & Friends).

Por incrível que pareça, Maximilian Büsler não tem qualquer relação familiar com o mundo da relojoaria. O seu primeiro contacto com este mundo deu-se aos 18 anos, quando os pais lhe ofereceram o orçamento de 700 francos suíços para a compra de um relógio. Foi já aos 22 anos de idade, na Universidade, que teve como trabalho a realização de um estudo que envolvesse engenharia relacionada com sociologia e, por influência de um colega que usava um Rolex de 4700 francos, decidiu fazer um estudo sobre o porquê de haver relojoaria de luxo, e pessoas que a comprem.



Naquela época havia facilidade de chegar à fala com presidentes de grandes marcas, bastava enviar uma carta e apresentar-se que, de uma forma ou de outra, uma reunião seria agendada. E foi assim que travou conhecimento com presidentes de marcas como Audemars Piguet, Breguet, Jaeger LeCoultre ou Vacheron Constantin. Em todas estas reuniões foram-lhe transmitidos os valores da nobre tradição da relojoaria suíça, isto numa altura em que o relógio mecânico estava, supostamente, condenado à morte.

Büsser pensou para si mesmo que toda a magia a que tinha assistido nestas marcas não poderia morrer, que algo teria de acontecer para que a alta Relojoaria não acabasse. Mas os planos que tinha traçado para a sua vida não passavam pela indústria relojoeira. Ele tinha sonhado em trabalhar em marketing numa grande empresa, como a Nestlé ou a Procter & Gamble, mas o destino mudou-lhe os planos numa tarde de esqui, com amigos. Pararam num local para tomar um reconfortante café, quando Maximilian se deparou com a presença de Henry-John Belmont, então CEO da Jaeger LeCoultre, com quem tinha conversado acerca do seu estudo universitário.

MB&F
MEGAWIND



MB&F
Legacy Machine 1

Falaram sobre vários assuntos, e no final da conversa Maximilian disse a Belmont: “Caso a Procter & Gamble não me queira, talvez a Jaeger possa ser uma solução!”. Passado uma semana estavam a trabalhar juntos. Maximilian Büsser passou sete anos nesta manufactura, onde aprendeu bastante sobre a indústria relojoeira e de onde “deu o salto” para a Harry Winston. Salto este que se revelou bastante arriscado de início, tendo tirado Maximilian da sua área de conforto, ao ver-se confrontado com uma empresa praticamente falida e na companhia de apenas sete pessoas que tentavam levar o barco a bom porto. Mas este passo na sua vida fez com que aprendesse duas coisas: a primeira foi que, com o crescimento que a Harry Winston começou a ter, teve a noção de que era capaz de dar a volta a situações difíceis, e o segundo ensinamento que retirou desta situação foi que ninguém sabe que é capaz de realizar algo até ao momento em que é confrontado com a necessidade de o fazer. Ao mesmo tempo que a Harry Winston ia crescendo, Maximilian Büsser ia crescendo também, tornando-se uma personalidade reconhecida no mundo dos relógios.

Da mesma forma que arriscou na mudança da Jaeger LeCoultre para a Harry Winston, quis arriscar também para uma nova etapa. Esta bem mais arriscada, a criação da sua própria marca. A MB&F era já um sonho antigo, que estava adormecido na gaveta, com a falta de esperança em investimento para que pudesse arrancar. A persistência de Max Büsser fez com que se demitisse da Harry Winston, em 2005, tendo registado a marca MB&F de imediato.

Todas as economias de uma vida, 900.000 francos, foram aplicadas na empresa. O restante financiamento seria feito por retalhistas. Büsser partiu para o mundo com esboços do que viria a ser o HM1. Apresentou-os a retalhistas dizendo: “Este é o primeiro pedaço da minha nova marca, quer comprá-lo? Vai custar 160.000 francos!”. Quatro semanas à volta do mundo e seis retalhistas convencidos.

Após várias pedras no caminho, em Junho de 2007 conseguiu entregar as duas primeiras peças. No ano seguinte, começou também a entregar modelos HM2 em conjunto com HM1, e a luz começou a brilhar para esta jovem empresa.

Desde então várias crises têm surgido no mundo, mas a persistência de Maximilian Büsser é inabalável, e, como encara a MB&F não como uma empresa, mas como a sua própria vida, estas crises não foram suficientemente fortes para o fazer desistir. Continua a investir nas suas obras de arte relojoeira, sem ceder a tendências de mercado, surpreendendo o mundo com a apresentação de relógios cada vez mais extraordinários.



MB&F
HMX

Relógio comemorativo

Para celebrar o 10.º aniversário da MB&F, em 2015, a marca criou uma peça comemorativa que surpreende não só pelo design e mecânica inusitados a que a MB&F sempre nos habituou, como também pelo facto de se tratar do relógio mais barato alguma vez produzido pela marca. Assim, ao invés de – e à semelhança da maioria das marcas – conceber uma peça ultra complicada e muito cara para celebrar a efeméride, Maximilian Busser preferiu criar um relógio mais acessível, como forma de agradecimento aos leais clientes que apoiam a marca desde o nascimento.

Contudo, o facto de o novo HMX custar “apenas” 29.000 francos suíços, não significa que a MB&F tenha descurado a qualidade ou criatividade a que sempre habituou o mercado, e a máquina relojoeira comemorativa, cujo “X” alude, naturalmente, ao 10.º aniversário, surpreende ao primeiro olhar, ao revelar um mostrador que, na realidade, não é um mostrador literal, mas sim uma projecção do tempo, uma espécie de ilusão óptica.

Assumidamente um relógio para pilotos, o HMX exhibe, no local onde normalmente se encontra o mostrador dos relógios convencionais, o movimento, e, na lateral da caixa, uma abertura oval em forma de olho de peixe que mostra as horas. Utilizando uma série de discos de safira e prismas, e aproveitando a luz, o HMX projecta a indicação do tempo do movimento no topo da caixa para o painel na lateral, onde se podem ler as horas e minutos. Uma leitura assim é possível graças a um movimento automático com discos de horas saltantes e minutos rotativos. Os discos circulares rodam no topo do movimento e possuem numerais

em espelho, revestidos a Superluminova, que são aumentados por dois prismas triangulares e depois reflectidos num ângulo de 90º para projectar o tempo da superfície lisa para o display frontal em forma de olho de peixe.

A relembrar os carros superdesportivos a que alude, o HMX possui duas “embaladeiras” localizadas no topo do movimento. Cada uma possui uma tampa de óleo totalmente funcional, utilizada pelos relojoeiros para olear os rolamentos dos discos. Estas embaladeiras apresentam-se nas famosas cores de competição: preto Lotus, Verde British Racing, vermelho Ferrari e azul Bugatti.

O verso da caixa, que exhibe um enorme rotor em ouro inspirado no universo automóvel, apresenta a gravação do tema do 10.º aniversário – “A Creative Adult is a Child Who Survived” (Um adulto criativo é uma criança que sobreviveu) – e a nota indicativa de ser uma peça comemorativa do aniversário. Apenas 20 exemplares de cada um dos quatro HMX em titânio e aço serão produzidas. ✨





57

Re-imaginado

Radical e dúbio em espírito, o novo Omega Speedmaster 57 Cronógrafo Co-Axial combina relojoaria ultramoderna com o charme de muitas octanas dos anos cinquenta.

:: *Texto de Ken Kessler, Tradução e adaptação de Marina Oliveira*



OMEGA
Speedmaster 57
em aço e ouro vermelho

Se os colecionadores de Speedmaster não têm uma alcunha, algo do género “Trekkies” (nome dado aos fans da Guerra das Estrelas) ou “Tifosi” (nome italiano dado aos fans de um determinado desporto), então deviam “Speedies” (velozes), talvez, ou simplesmente “Pros”, se apenas anseiam por itens restritos aos voos da NASA ou outros de reinados posteriores. Qualquer que seja a sua motivação, parece que o modelo mais cobiçado é o original de 1957. “Hmm”, dirão alguns com descrença. Certamente que o Speedmaster mais desejado de todos será um dos usados na Lua, ou pelo menos por um astronauta? Talvez, mas o purismo define a “cobiça” por um relógio (ou carro, ou garrafa de vinho) através de regras que inclinam o equilíbrio para a raridade, autenticidade ou – como o termo sugere – pureza. E o que pode ser mais puro do que o simples modelo original?

Em 1957, este relógio era movido pelo calibre manual 321, e o design original estabeleceu os padrões para todos os Speedmaster que se seguiram. Embora os detalhes tenham mudado ao longo do meio século seguinte, o primeiro Speedmaster é facilmente reconhecível como o bisavô da edição actual.

Em 57, apresentava ponteiros estreitos em forma de adaga, colocados sobre um mostrador preto mate e com uma extremidade grande em forma de seta no ponteiro das horas. Por baixo da posição das 12 horas surgia um Ω aplicado, o nome “Omega” e a palavra “Speedmaster” em itálico. A luneta era gravada com um taquímetro e os três sub-mostradores apresentavam a contagem de 30 minutos na posição das 3h, de 12 horas às 6h e os segundos às 9h. O bracelete era formado por elos planos, enquanto os botões às 2h e 4h estavam desprotegidos.

Porque na época ninguém sabia que o Speedmaster de 1957, criado para cronometrar eventos desportivos, se iria transformar no relógio mais famoso de todos os tempos e que se iria tornar um item padrão para os viajantes espaciais: o modelo passou os primeiros oito anos como “apenas mais um belo cronógrafo”. O envolvimento da NASA, bem como a evolução do relógio, iria ver a caixa desenvolver ombros para proteger os botões, o bracelete crescer para algo mais substancial, a grande seta iria desaparecer e o nome “Professional” iria surgir.



OMEGA
Speedmaster 57 em aço

Ode aos anos cinquenta

Reconhecendo no original um estatuto entre os fãs que nem mesmo as viagens espaciais podem igualar, a Omega inspirou-se nos elementos de design dos anos cinquenta e aplicou-os no novo Speedmaster 57 Cronógrafo Co-Axial. Como o nome sugere, esta homenagem ao 57 está firmemente no século XXI ao apresentar um movimento automático de ponta com escape coaxial. Retirou-se, inclusive, um contador. Mas transpira “anos cinquenta”, com o poder de um Corvette antigo ou de uma canção de Dion and the Belmonts.

Até mesmo as cores e metais, apesar de nunca vistas num 57, são evocativas da pintura automóvel de dois tons que marcou a era. Uma vívida combinação entre ouro vermelho de 18 quilates e aço complementa a versão com mostrador preto, enquanto o ouro amarelo de 18 quilates e o aço emolduram a edição com mostrador creme.

Criar o sentimento dos anos cinquenta envolveu muito mais do que simplesmente deixar de fora a palavra “Professional”, que estaria desactualizada uma década. O Speedmaster 57 está equipado com asas rectas que se estendem da caixa a um bracelete mais parecido com o original de elos planos do que as versões actuais com elos cilíndricos.

Uma caixa de 41,5 mm emoldura o mostrador principal com dois contadores, em vez dos três normalmente associados ao Speedmaster. A Omega conseguiu fazer esta mudança sem muito sacrifício funcional, porque a colocação dos contadores de 12 horas e 60 minutos no mesmo sub-mostrador às 3h poupa espaço. Outro toque refinado é a referência à grande extremidade em forma de seta do original, que aqui surge no ponteiro das 12 horas no contador (os mais criativos podem inclusive utilizar este contador para ver as horas num segundo fuso horário).

Lá dentro bate o calibre Omega Co-Axial 9300, o primeiro movimento coaxial de manufactura a incorporar uma função de cronógrafo. O utilizador irá deliciar-se com a ironia desta peça do tempo – com uma aparência vintage distintiva – conter um movimento tão radical e ultra-moderno. Uma presença evidente, reforçada pela sua visão através do fundo em vidro de safira.

Enquanto o seu antepassado de 58 anos era e é uma criatura rude, o Speedmaster 57 está disponível com uma garantia de quatro anos e promete uma resistência à água até 10 bar (100 metros). Alguns puristas podem entrar em negação, mas nenhum “Speedy” conseguirá resistir a um Speedmaster 57 que se mudou para a cidade. ✨





A ARTE DO TEMPO

Verdadeiramente única, a nova concept store Boutique dos Relógios Plus Avenida da Liberdade alia as novas correntes estéticas da fotografia, pintura, escultura e street art à excelência inigualável das mais exclusivas marcas de Alta Relojoaria. Um sublime espaço de harmonia, dedicado à arte do tempo.



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

Avenida da Liberdade, 194C

AO SERVIÇO DA *performance*

Relógios desportivos de alta performance com um estilo idiossincrático são o selo distintivo da Linde Werdelin, e o novo Spidolite Titânio não é excepção.

A colecção Spidolite da Linde Werdelin nasceu depois de uma expedição ao Monte Everest, e os relógios que a compõem são concebidos para uma performance elevada. Representando uma evolução na optimização do peso, o Spidolite Titanium é o relógio da marca mais leve até ao momento, e também o primeiro a revelar um indicador de reserva de marcha.

Pioneira na integração de um design esqueletizado tecnicamente complexo, a Linde Werdelin apresenta o SpidoLite Titanium, com uma caixa esqueletizada em titânio com um acetinado do tipo industrial e um acabamento com microesferas. Lá dentro, o empenho da marca na optimização de peso é realizado através de uma esqueletização extrema dos elementos do movimento, visíveis através do mostrador. Fazendo uso de um novo calibre – LW07 – com componentes individualmente modificados, o Spidolite apresenta uma reserva de marcha de 42 horas, cuja indicação é dada através de um triângulo vermelho que aponta para o tambor de corda. Indo ao encontro da filosofia de design da Linde Werdelin, não há nada supérfluo adicionado ao indicador. É simples, funcional, e mistura-se harmoniosamente com os restantes componentes. ✨



GP GIRARD-PERREGAUX

MECHANICS OF TIME SINCE 1791



TRAVELLER «TRIBUTO A EUSÉBIO»

A EDIÇÃO ESPECIAL GIRARD-PERREGAUX EUSÉBIO ALIA A HISTÓRIA, EXCELÊNCIA E INOVAÇÃO AO CARISMA ÚNICO DE UM VERDADEIRO SÍMBOLO NACIONAL PORTUGUÊS: EUSÉBIO.

EDIÇÃO EXCLUSIVA DA BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS, LIMITADA A 36 PEÇAS, EM OURO ROSA, CELEBRANDO ASSIM OS TÍTULOS OFICIAIS GANHOS PELO REI EUSÉBIO.



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Av. da Liberdade 129, 213 430 076 - Centro Colombo, 217 122 595
Amoreiras Shopping Center, 213 827 440 - CascaiShopping, 214 607 060 - NorteShopping, 229 559 720

Elegância intemporal

A sobriedade e elegância marcam a hora em modelos cuja simplicidade os transforma em peças intemporais, ideais para todas as ocasiões do presente e do futuro.

BREITLING

Transocean Cronógrafo 1915

Para festejar o 100.º aniversário da criação do primeiro botão de cronógrafo independente, a Breitling propõe uma série limitada do modelo Transocean, com um novo calibre de manufatura: o B14. Trata-se de um movimento monopulsante de construção inovadora, com um engenhoso sistema de dupla roda de pilares sobre dois níveis. Esteticamente, o mostrador exibe dois contadores e números com revestimento luminescente de acabamento platinado. Um toque vintage, reforçado pela antiga assinatura Breitling e um bracelete em aço entrançado.



GIRARD-PERREGAUX

1966 L'Heure Bleue

A família 1966 da Girard-Perregaux dá as boas-vindas a um modelo cuja simplicidade ganha com a beleza do mostrador. O novo relógio está disponível em duas versões com caixa de 41 mm em ouro rosa ou branco, dotadas de um mostrador azul profundo com decoração raio-de-sol. No coração deste refinado relógio solotempo com data bate o calibre automático GP01800-004, visível através do fundo em vidro de safira.

PIAGET

Altiplano Cronógrafo 883P

Em 2015 a Piaget apresenta o seu primeiro cronógrafo manual, e também a primeira complicação da linha Altiplano. Trata-se do novo Altiplano Cronógrafo 883P, animado por um calibre manual com cronógrafo flyback com embraiagem vertical, e que oferece ainda um duplo fuso horário de 24 horas. Disponível com uma caixa de 41 mm em ouro rosa ou branco com diamantes na luneta, o novo modelo é também o cronógrafo manual flyback mais fino do mundo.



DE GRISOGONO

New Retro

Em 2015 a de Grisogono apresenta a nova coleção de relojoaria New Retro. Inspirada pelo estilo dos anos cinquenta e sessenta, a nova linha exibe uma caixa rectangular horizontal, disponível em ouro rosa, ouro branco ou aço revestido a PVD preto. O mostrador do New Retro é igualmente vintage, com numerais grandes colocados sobre um mostrador preto, branco ou esverdeado. Por baixo deste, esconde-se um movimento automático, visível através do fundo em vidro de safira.



IWC
Portuguesa Calendário Perpétuo

O Portuguesa Calendário Perpétuo da IWC destaca-se por incluir um novo movimento automático, calibre 52610, lançado este ano. Com dois tambores de corda e sete dias de reserva de marcha, o novo movimento apresenta vários componentes produzidos em cerâmica, de modo a melhorar a eficiência e durabilidade. Disponível numa caixa de 44,2 mm em ouro vermelho com mostrador antracite, ou ouro branco com mostrador azul, o novo modelo exhibe, além das indicações comuns a um calendário perpétuo, as fases da lua em ambos os hemisférios e a reserva de marcha.

MONTBLANC
Turbilhão Cilíndrico Geosphères Vasco da Gama

No ano em que celebra o navegador português Vasco da Gama, a Montblanc apresenta uma edição limitada de excepção. Trata-se do Turbilhão Cilíndrico Geosphères Vasco da Gama, uma peça que alia um turbilhão cilíndrico a uma indicação de três horas em locais distintos. Limitada a 18 exemplares, esta peça convida a uma exploração pelo mostrador tridimensional, emoldurado por uma caixa de 47 mm em ouro rosa. Aqui, o calibre manual MB M68.40 permite ainda a exibição da hora local através de uma rosa-dos-ventos tridimensional, um globo com 24 fusos horários que representa os hemisférios Norte e Sul, e uma indicação dia/noite.



BOVET
19Thirty

Em 2015 a Bovet apresenta uma nova colecção que, como o próprio nome indica, se inspira num cronómetro da marca dos anos 30, um dos últimos relógios de bolso produzidos pela Bovet, antes do advento dos relógios de pulso. Disponíveis com caixa Fleurier (na foto) ou Dimier em aço, as 18 referências que compõem a colecção são movidas por um calibre manual com sete dias de reserva de marcha. Além dos dois tipos de caixa, a linha 19Thirty oferece ainda mostradores azuis, pretos ou marfim com numerais árabes, romanos ou chineses.



MONTBLANC

Heritage Chronométrie e Hugh Jackman, Edição Limitada exclusiva para Portugal

Crafted for New Heights*

Em tributo ao espírito explorador de Vasco da Gama e à sua busca pela máxima precisão, a Montblanc homenageia o português com a Edição Especial Montblanc Heritage Chronométrie Quantième Complet Vasco da Gama Portugal. Limitado a 98 exemplares, este relógio apresenta um calendário completo e uma constelação lacada a azul em torno da fase da lua, representando o céu noturno que Vasco da Gama terá observado em 1497 sobre o Cabo da Boa Esperança, na sua primeira viagem à Índia. Visite Montblanc.com



*Manufaturado para
Novos Desafios

Materiais vanguardistas

Nestes relógios, os metais nobres perdem terreno para materiais directamente importados da Fórmula 1 ou da indústria aeronáutica. Tudo em nome da resistência.

RICHARD MILLER

RM011

Reconhecida pela utilização de materiais exóticos, a Richard Mille apresenta o cronógrafo flyback RM 011 com componentes em nitreto de silício castanho, um material nunca antes utilizado na relojoaria. Usado na Fórmula 1 para válvulas, rotores e outros componentes, o nitreto de silício oferece uma óptima relação força/peso e é um material não poroso e resistente a mudanças de temperatura extremas. Neste modelo, o nitreto de silício é usado no fundo da caixa e na luneta, e complementado com pormenores em ouro rosa e titânio.



BULGARI

Diagono Magnesium

O novo Bulgari destaca-se pela inclusão de materiais inovadores na sua concepção. O magnésio, duradouro e muito leve, é o material da caixa, enquanto a cerâmica veste a luneta. Este Diagono também emprega PEEK, um polímero utilizado na indústria aeroespacial devido à sua temperatura e resistência estrutural, e Motor-Lac no mostrador, um revestimento usado para proteger componentes do motor dos automóveis. Lá dentro, bate um movimento automático.

HUBLOT

Big Bang Italia Independent

O novo Big Bang Italia Independent, limitado a 500 peças em ganga azul ou cinzenta, está equipado com uma caixa de 45 mm num novo material exclusivo da Hublot, Texalium. Com uma aparência semelhante à da fibra de carbono, este material possui um brilho ligeiramente diferente, produto do revestimento de alumínio na caixa de fibra de carbono. O novo relógio exibe um mostrador esquelético que permite visualizar o calibre HUB 1242 Único, com tratamento PVD cinzento e 72 horas de reserva de marcha.



Escape

Tecnologia ao Serviço da Condução	88
Bentley - Power on Ice	94
Mercedes AMG GT S	96
Castiglione del Bosco	98
CRN 125 Jade	104
Solar dos Presuntos	108
Taylor's Scion	112
Avenida da Liberdade	114
Boutique dos Relógios Plus Art	116
Arte Urbana	120
Entrevista Mariza dos Santos	124
Personalização	128
Rosa & Teixeira	130
Jóias Masculinas	134
Real State	136
Um Relógio com...	140



Em piloto **AUTOMÁTICO**



A era digital chegou em todo o seu esplendor aos automóveis. Munidos de inúmeros sistemas de recolha e processamento de dados, os carros conseguem também tomar decisões e executá-las, libertando o condutor das mais diversas tarefas. E não, não falamos dos carros do futuro. São reais e já estão ao seu dispor!

:: *Texto de Andreia Amaral*



A tecnologia invadiu o nosso quotidiano das mais diversas formas. Hoje, a maioria de nós não se imagina sem o nosso smartphone a ligar-nos ao mundo a todo o momento, quanto mais sem ter Internet, com toda a facilidade que trouxe às nossas vidas: desde ter a informação de que necessitamos à distância de um click, à possibilidade de resolver problemas ou encomendar produtos no conforto do nosso lar. É a era digital no seu pleno, com triliões de dados a serem transmiti-

dos para a famosa “nuvem” para nos proporcionarem tudo isso. E mesmo que não nos apercebamos desse facto, a verdade é que já exigimos essa mesma facilidade e comodidade em muitas outras vertentes do dia-a-dia. As marcas de automóveis sabem-no e, aos poucos, têm vindo a dotar os seus veículos de tecnologias que nos simplificam a vida, como os sistemas de ajuda ao estacionamento, ou os que nos conectam ao mundo do infotainment, através de interfaces de ligação aos smartphones e aos tablets. Se isto já não nos surpreende, que tal um carro autónomo, em que se pode deslocar enquanto lê as notícias ou tem uma reunião? Na realidade, a tecnologia já existe, e tudo aquilo que nos parece tirado de um filme de ficção científica está mesmo aí, ao virar da esquina. A questão não é, portanto, se acontecerá, mas quando acontecerá.



Na verdade, a telemática transformou o automóvel num computador móvel, que recolhe, processa informações, empreende acções e transmite dados. Com base em sistemas que recorrem a satélites, radares, infravermelhos, lasers e câmaras, os carros conseguem ler o seu ambiente, receber informações sobre o trânsito em tempo real e levá-lo até ao seu destino sem que tenha de se preocupar. O grande problema é que, em termos legislativos, um automóvel tem de ter um condutor, responsável por todos os danos causados. A polémica sobre quem assume a responsabilidade num carro autónomo e o facto de as condições meteorológicas por vezes afectarem as ligações satélite têm dificultado, assim, uma difusão mais acelerada.

Enquanto as marcas realizam testes de estrada e as autoridades debatem o futuro da regulamentação, há sistemas totalmente operacionais que já estão disponíveis em veículos de série. Muitos deles já se encontram amplamente difundidos, até nos segmentos mais baixos, como são os casos do cruise control ou do apoio ao estacionamento. Aliás, no Salão de Frankfurt, que se realizou no início de Setembro, aquando da apresentação do novo Astra, a Opel hasteou como bandeira a conectividade e os equipamentos de condução semi-autónoma. Mas existem três novidades que traçam uma nova fasquia na automatização.





Recentemente apresentado, o novo BMW Série 7 não deixa passar despercebida a sua vocação para as novas tecnologias: com sistema head-up display, projecta no pára-brisas diversas informações e permite seleccionar diversas acções mediante um simples gesto. Através de um sensor 3D, pode escolher aplicações ou, por exemplo, controlar o sistema de som. Mais impressionante é a capacidade de poder estacionar o veículo, ou tirá-lo do lugar, enquanto assiste do lado de fora, recorrendo à chave-comando com mostrador táctil. Além disso, dispõe de assistência à condução, com avisos de alteração de trajectória, de alteração de faixa de rodagem, de presença de peão na trajectória do veículo, de trânsito traseiro e de prevenção de embate traseiro. Protecção activa em caso de iminência de um acidente e eCall inteligente são outras das características do novo Série 7, que se destaca ainda pela possibilidade de, sem intervenção do condutor, circular dentro da faixa de rodagem, mantendo a distância de segurança, até aos 210 km/h. Do mesmo modo, e embora o condutor tenha de manter as mãos no volante, assegurando que pode assumir o comando a qualquer momento, consegue fazê-lo não só em auto-estrada, mas também em percursos mais sinuosos.

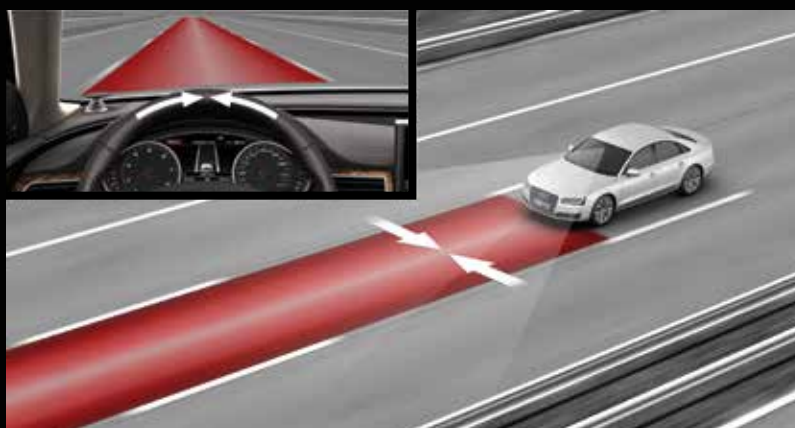
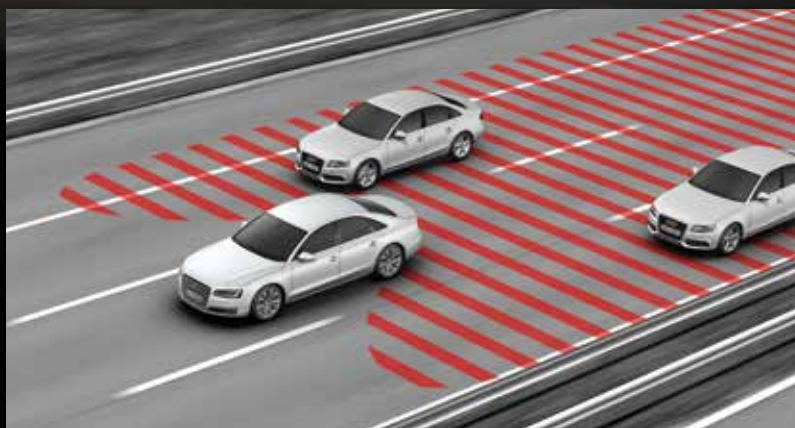
O Série 7 tem no novo Mercedes-Benz Classe E um rival à altura no que a estes sistemas diz respeito. Através do sistema Car-to-X Communication, e recorrendo a ondas rádio, consegue comunicar com outros veículos e saber antecipadamente de um obstáculo na via, emitindo um alerta em caso de perigo. Além disso, graças aos sistemas Pre-

-Safe Impulse Side e Pre-Safe Sound, caso preveja uma colisão, os apoios laterais dos bancos insuflam, protegendo os passageiros de impactos, e é accionado um sistema para mitigar o ruído que o embate entre dois veículos causa. Para que tal não aconteça de todo, o carro está equipado com um sistema de condução inteligente, que lhe permite circular automaticamente a uma determinada velocidade e mantendo uma certa distância do veículo que segue à sua frente. Até aos 130 km/h nem sequer precisa de fazer a leitura das faixas pintadas no chão, podendo circular mesmo que estas já se encontrem apagadas. Pode também aplicar a travagem automaticamente, nomeadamente quando detecta veículos em deslocação lenta ou peões em frente ao veículo. O Classe E recorre ainda à tecnologia NFC (Near Field Communication), o que permite que o smartphone do condutor se transforme na chave do veículo. E, por via de uma aplicação, poderá mesmo estacioná-lo sem que esteja no interior.



Também a Audi tem investido fortemente no desenvolvimento e disponibilização destes sistemas. Enquanto o promissor e bastante autónomo A8 não chega, até porque rumores indicam que o seu lançamento poderá já não acontecer na Primavera de 2016, a quinta geração do A4, cuja comercialização tem início ainda no Outono, já nos presenteia com agradáveis surpresas. As ofertas de conectividade incluem o myCarManager e o myService, sistemas que permitem consultar online, através de um smartphone, tablet ou smartwatch, informações sobre o carro em tempo real (como onde está estacionado e há quanto tempo ou qual o estado de funcionamento do veículo). Pode, inclusivamente, controlar o sistema de climatização e programar o aquecimento. O A4 dispõe ainda de um total de 30 sistemas de apoio à condução. Entre eles destaque para a possibilidade de condução em modo autónomo, nas versões com caixa automática e até aos 65 km/h. Uma ajuda que será certamente bem-vinda para todos aqueles que têm de lidar com o trânsito.

Na verdade, já imaginou o quão mais agradáveis as suas viagens serão? 🌟



HUBLOT



Big Bang Broderie.

Caixa em ouro rosa de 18kt engastada com 209 diamantes totalizando 1,3 quilates.

Processo único de aplicar o histórico bordado de St-Gallen numa luneta de fibra de carbono e no mostrador. Bracelete 100% em seda bordada, aplicada em borracha preta.

Edição limitada a 200 peças.



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

Av. da Liberdade, 129 - 213 430 076 - CascaiShopping, 214 607 060
Centro Colombo, 217 122 595 - NorteShopping, 229 559 720

LUXO & ADRENALINA *sobre o gelo*



Quando os lagos do Norte da Finlândia atingem o ponto ideal de congelamento, a Bentley regressa com aquela que se afirma como a experiência de referência em condução no gelo. O programa Power on Ice foi pensado para desafiar condutor e máquina até ao limite da sua performance, numa emocionante mistura de adrenalina e habilidade.

:: *Texto de Companhia das Cores*

Conduzir um Bentley é deixar-se levar pelo sentimento de liberdade – pela sensação de que os caminhos se abrem e os horizontes se tornam mais vastos.

Para que os entusiastas da marca possam viver emoções ainda mais intensas, a Bentley oferece experiências que os desafiam a ir para além da condução quotidiana.

Power on Ice é um programa que permite aos convidados conduzirem uma gama de automóveis Bentley em ambiente extremo. Trata-se de descobrir como automóvel e condutor reagem a situações adversas, criando-se uma maior sintonia entre ambos, que se vai reflectir na condução do dia-a-dia.

Proporcionando um nível de emoção equiparado à sua exclusividade, este evento de quatro dias inclui dois quase inteiramente dedicados à condução radical no gelo, sempre sobre a orientação da experiente equipa da Bentley. Esta inclui Juha Kankkunen, detentor de quatro títulos mundiais de rally. É da sua responsabilidade a concepção de cada pista, que posteriormente é ‘esculpida’ na espessa superfície gelada.



Aventuras no gelo

O programa também inclui outras actividades inesquecíveis. Como um safari nocturno em trenós puxados por huskies, que atravessam a escuridão da floresta. Ou a condução de veículos de neve – a melhor forma de se deslocar no gelo... se não estiver a conduzir um Bentley, claro.

Momentos de descontração

Na persecução do seu objectivo de criar o melhor programa de condução no gelo, a Bentley escolheu uma localidade do Norte da Finlândia, a uns meros 60 quilómetros do Círculo Polar Ártico, para receber esta grande aventura. Aqui, a vasta paisagem branca, pontuada por montanhas, florestas e lagos gelados, causa assombro e um profundo respeito por esta faceta agreste da natureza.

Também aqui, perto do topo de Rukatunturi, uma conceituada estância de ski, fica o charmoso boutique hotel Ruka Peak, onde é possível saborear um jantar em frente a uma lareira crepitante ou desfrutar de uma sauna – essa tradição tão escandinava – após um longo dia de condução. Já quem prefere uma maior privacidade, pode optar por uma selecção de pitorescos chalés e luxuosos apartamentos. ✨

O Power on Ice decorre em Janeiro e Fevereiro de 2016. Para saber mais sobre esta experiência consulte www.events.bentleymotors.com





UM SONHIO DE CONDUÇÃO

O Mercedes AMG GT S é um desportivo que alia a sua enorme potência a uma estética elegante, que faz parar quem o vê. Uma proposta de adrenalina que encanta quem o conduz.

:: *Texto de José Manuel Moroso*

É impossível ficar indiferente ao Mercedes AMG GT S. Antes de mais pelas suas elegantes linhas, de design muito dinâmico, que não esconde os genes desportivos que lhe dão corpo. A grande sonoridade que salta dos escapes é outra importante chamada de atenção, e não há quem evite voltar-se na direcção do potente veículo.

Claro que é uma pena ter-se abdicado das célebres 'asas de gaivota' – as portas que abriam para cima –, mas ganharam-se outras armas. O V8 atmosférico foi trocado por um V8 biturbo, o que só por si anuncia uma máquina muito mais performante. São 510 cavalos à nossa disposição e um poder de aceleração dos 0 aos 100km/h cumprido em apenas 3,8 segundos! É de arrepiar, é verdade, mas a adrenalina que nos preenche o corpo é uma dádiva única. A entrega do V8 biturbo é total e cola-nos ao assento com desenho desportivo.



Com um centro de gravidade muito baixo, normal num desportivo, o Mercedes AMG GT S como que 'come' o asfalto, mas o condutor tem de ter algum domínio sobre a máquina, para evitar efeitos de sobreviragem. Aqui não se admitem erros, e é por isso que toda a mecânica está preparada para suportar velocidades mais elevadas, embora isso não seja muito aconselhável na estrada. Mas como resistir á tentação? De qualquer forma, os travões com discos carbocerâmicos estão lá para o que der e vier.

Para ajudar a uma condução mais segura, a rápida caixa de dupla embraiagem com sete velocidades é um importante instrumento, mas o Mercedes AMG GT S oferece-nos outros meios para usufruirmos a nosso gosto. Apesar de haver cinco modos de condução (Individual, Confort, Sport, Sport + e Race), há ainda a possibilidade de configurarmos individualmente a suspensão, a caixa, o escape e o ESP.

Quanto ao habitáculo, destaque para a superior qualidade dos materiais e para a boa posição de condução. A informação fornecida pelo computador de bordo é muito completa e é mais um dado a aumentar a alta qualidade deste Mercedes AMG GT S.

Com um visual bem atraente e um comportamento altamente dinâmico, este desportivo é um sonho nas mãos de quem o conduz e de quem o vê passar pelas estradas. 🌞

Ficha técnica

MERCEDES AMG GT S

Motor: 8 cilindros em V

Cilindrada: 3962 cc

Potência: 510cv/6250rpm

Transmissão: traseira; caixa automática de 7 velocidades

Com/Larg/Alt (mm): 4546/1939/1288

Peso: 1645 kg

Velocidade máxima: 310 km/h

Aceleração (0 a 100 km/h): 3,8 segundos

Consumo misto: 9,6 litros


Emissões de CO2: 224 g/km

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



Made in *Italy*





Esta é uma das propriedades mais antigas da Toscana. Mas mais do que um resort de luxo, Castiglion del Bosco é a concretização do sonho de um herdeiro do império Salvatore Ferragamo. Uma casa de campo onde reinam o bom gosto, a tranquilidade e os vinhos de excepção.

:: *Texto de Catarina Palma*

A localização é perfeita. Não é longe de Florença (apenas 90 quilómetros), nem de Siena (a 30 minutos de viagem), duas das mais fascinantes cidades de Itália. A paisagem é digna do mais belo quadro renascentista, com montes e vales verdejantes, florestas habitadas por lebres, faisões, veados e javalis, e estradas ladeadas por ciprestes, árvore-símbolo da Toscana que os etruscos acreditavam ter poderes sobrenaturais, assegurando uma passagem segura para o paraíso. Nesta altura do ano, as tonalidades de verde dão lugar a um cenário banhado a tons dourados, mas nem assim a paisagem perde encanto. Na verdade, até ganha uma certa aura nostálgica (será mágica?), que deixa quem aqui chega perplexo com tamanha beleza e tranquilidade. Não será por acaso que esta região, integrada no parque natural de Val d'Orcia, é património da Unesco desde 2004.

Hoje, o Castiglion del Bosco é um hotel de luxo gerido pela Rosewood, reputada marca do mundo da hotelaria. Mas nem sempre foi assim. Esta é uma das propriedades mais antigas da Toscana e, no alto da colina onde hoje há luxuosas suites com terraços, existia uma vila (il borgo) abandonada. Com mais de 800 anos de história, este aglomerado de casas era dominado pelas ruínas de um castelo, uma propriedade feudal recheada de memórias à espera de uma nova oportunidade.



“Sim, a localização é perfeita”, deve ter sido o pensamento de Massimo Ferragamo, presidente da Ferragamo USA, quando viu este local pela primeira vez. O filho mais novo do fundador de um dos grandes impérios italianos da indústria da moda vivia nos Estados Unidos, mas andava à procura de uma pequena propriedade perto de Montalcino, terra onde crescem os melhores e mais famosos vinhedos de Itália. Queria um local onde pudesse produzir o seu próprio vinho Brunello e descansar entre família e amigos.

Consta que a ideia não era comprar uma propriedade de quase dois mil hectares, e muito menos uma aldeia abandonada. Mas como gosta de referir em várias entrevistas, “algumas das melhores coisas na vida acontecem por acaso”. E este acaso foi amor à primeira vista para Massimo Ferragamo, que, em 2003, decidiu que iria transformar Castiglion del Bosco em algo mais do que uma propriedade vinícola e uma casa de férias.

O seu objectivo era reviver a história da Toscana, recordar o passado e trazê-lo de volta ao presente. E a única forma de conseguir que esta antiga aldeia medieval voltasse a ter vida era juntando todos os elementos pré-existentes no local. Recuperar, restaurar e renovar foram palavras de ordem para conseguir criar uma experiência, a experiência de viver a verdadeira Toscana. Toda a matéria-prima estava lá: uma casa senhorial, a velha adega, os estábulos, a igreja de San Michele Arcangelo, a casa do padre e, é claro, o castelo. Tudo em ruínas, é certo, mas ainda assim ruínas cheias de riquezas por descobrir, como o fresco “Annunciazione dei Santi” de Pietro Lorenzetti, pintor renascentista da escola de Siena, que repousava na igreja. Durante oito anos, todos os edifícios foram meticulosamente restaurados e posteriormente decorados a rigor sob a supervisão de Massimo Ferragamo e Chiara, sua mulher. A ideia era alojar o que pretendia ser uma espécie de clube residencial privado, onde todos os membros pagariam quotas para usufruírem das vantagens de ter uma villa naquele local privilegiado sem as dores de cabeça de realmente possuir uma casa de campo. A inauguração aconteceu em Junho de 2008,

mas, devido à crise financeira mundial e às leis italianas de propriedade, demasiado complexas, o plano inicial não resultou.

Em 2010, Castiglione del Bosco foi convertido em hotel e, aberto ao público em geral (encerra nos meses de Inverno, entre Dezembro e Março). E a mais recente novidade é o facto do conceituado grupo norte-americano Rosewood Hotels & Resorts ter assumido a sua gestão no início de 2015. A chamada “Rosewood collection” tem no seu portfólio duas dezenas de hotéis, incluindo alguns dos nomes mais sonantes da hotelaria mundial, como o caso do The Carlyle, em Nova Iorque, a Rosewood Mansion on Turtle Creek, em Dallas, ou o lendário Hôtel de Crillon, em Paris (com reabertura agendada para breve). A estrada pela qual se faz o acesso ao resort é a célebre Via Francigena (“o caminho que vem de França”), a mesma percorrida por mercadores e peregrinos no seu trajecto de Canterbury até Roma, que deverão ter procurado conforto na igreja da aldeia. Ficar alojado aqui é quase fazer uma viagem no tempo. Il Borgo, o edifício principal, acolhe 23 suites com áreas generosas (mínimo de 50 m²) e impecavelmente decoradas com mobiliário de época, quadros antigos e peças de artesanato. A sensação é de estar numa (luxuosa) vila do século XVI, e não num grande hotel. A reconstrução dos edifícios preservou ao máximo os elementos originais, deixando expostas as grandes vigas de madeira, as tijoleiras rústicas ou as grandes chaminés de lareiras. A qualidade e o extremo bom gosto estão presentes em toda a parte, como na escolha dos tecidos, tapetes ou couros, ou não estivéssemos falar de uma casa com a assinatura Ferragamo. O conforto do século XXI não falta em nenhuma situação, mas a verdade é que todas as modernidades e tecnologias estão perfeitamente enquadradas no ambiente renascentista de Castiglione del Bosco. E para quem viaja em família (o hotel possui inúmeras actividades e serviços a pensar nos mais novos), ou deseja mais privacidade, existem 10 villas independentes criadas a partir de habitações e quintas do

século XVII e XVIII. Com dois a seis quartos, estes alojamentos possuem, além de sala de estar e jantar, encantadoras cozinhas rústicas, terraços, jardins e piscinas (aquecidas) privadas. Verdadeiras casas de família onde apetece ficar para sempre.

Comer, beber e caminhar

A gastronomia é um dos pontos altos do hotel, que dispõe de dois restaurantes, ambos com vista panorâmica sobre o Val d'Orcia: L'Osteria la Canonica tem um ambiente mais informal e familiar, oferecendo um menu à base de receitas toscanas e pizzas crocantes cozidas em forno de lenha. O Ristorante Campo Del Drago, de atmosfera mais elegante e sofisticada, serve pratos mais refinados, mas sempre à base de receitas e produtos locais.

Depois, para quem quer saber um pouco mais sobre a cozinha italiana, existe a Escola de Culinária La Canonica. Além de poder participar na bíblica “caça à trufa” ou apren-





der a fazer massas caseiras, é uma boa oportunidade para visitar a horta orgânica do hotel, onde crescem mais de 180 variedades de vegetais e ervas aromáticas, e que tem como curiosidade maior o facto de ter sido desenhada pelo mesmo arquitecto que concebeu os jardins do Vaticano. Da cozinha seguimos directamente para a adega, uma das grandes apostas de Massimo Ferragamo. Construída em 2004, tem capacidade para três mil hectolitros, e uma estrutura moderna e muito eficiente, que recebe as uvas provenientes das vinhas Sangiovese, Gauggiole e Capanna, que crescem nos terrenos rochosos a noroeste de Montalcino. Castiglion del Bosco é hoje o quinto maior produtor da região, oferecendo um programa de enoturismo muito completo, com visitas às vinhas, apanha da uva na companhia de um enólogo, e possibilidade de acompanhar todo o processo de vinificação, incluindo degustações para iniciados e profissionais do vinho, que são convidados a conhecer melhor nomes como Rosso di Montalcino, Brunello di Montalcino, Campo del Drago ou Millecento, um Brunello Reserva com produção muito limitada. Mas descansem aqueles que já estão a pensar na dieta. Umas férias aqui não têm necessariamente que representar uns quilos a mais. É que além da piscina, existe um pequeno spa, bem no coração da vila, onde os tratamentos La Prairie podem ser alternados com rituais de beleza com produtos de uma linha própria, baseada nos ingredientes naturais que crescem na propriedade.

Segue-se o muito exclusivo clube de golfe (consta que com um membership de 45.000 euros anuais), com um campo de 18 buracos pro-

jectado pelo lendário Tom Weiskopf. Reservado a sócios, este paraíso do golfe está excepcionalmente acessível aos hóspedes do hotel. E se esta é por si outra das grandes atracções da propriedade, saiba que em Castiglion del Bosco as actividades desportivas não acabam por aqui. Há dois campos de ténis, tiro ao arco, passeios de bicicleta, a cavalo, aulas de Yoga e Pilates, um ginásio Technogym, e alguns quilómetros de trilhos marcados para quem gosta de caminhar ou correr, tendo como cenário as florestas de Val d’Orcia – para os mais aventureiros, sugere-se o “Wellness Boot Camp” nos bosques, um conjunto combinado de exercícios que incluem artes marciais e corrida. De resto, vale a pena aventurar-se pelas redondezas. Além de Montalcino, a apenas 13 km, célebre pela sua tradição vinícola, a província de Siena é uma área rica em história, com locais arqueológicos fascinantes, como a lindíssima Abaddia di Sant’Antimo, construída no século X em mármore travertino e alabastro extraído de Volterra. O difícil mesmo vai ser regressar à cidade. ✨



A LENDA CRESCEU



O NOVO NAVITIMER 46 mm



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

ESPAÇO BREITLING
Avenida da Liberdade, 129



EXCLUSIVIDADE & LUXO

Dos estaleiros italianos da CRN sai este elegante e luxuoso iate, com o design a destacá-lo acima das ondas.

:: *Texto de José Manuel Moroso*



CRN 125 Jade é o nome deste modelo saído dos estaleiros italianos da Construzioni e Riparazioni Navali, companhia fundada em 1963 e que em 1999 aderiu ao conhecido grupo Ferreti.

Com quase 60 metros de comprimento, este mega iate passeia o luxo e o conforto sobre as águas, onde o que impressiona desde logo são as suas elegantes linhas com a assinatura da Zuccon International.

Construído em aço e alumínio, o Jade tem quatro cobertas às quais se pode aceder através de um elevador com paredes em vidro. A combinação harmoniosa de diversos materiais

na sua construção – para além de metais, podemos também ver o uso de madeiras de grande qualidade, couro e mármore –, conferem-lhe uma imagem de modernismo, a par de um certo glamour.

A bordo, para além dos 14 tripulantes, pode receber mais dez pessoas, que são alojadas no piso inferior, que conta com quatro camarotes VIP, dois deles com cama dupla e os outros com cama dupla que pode ser convertível em cama individual. Todos os camarotes têm WC e duche privados. Quanto à zona da tripulação, existem aí seis cabines duplas. É também neste piso que os estaleiros oferecem uma novidade absoluta: a existência de uma garagem inundável onde se guarda a lancha de apoio, que tem 27 pés e que, com esta solução, pode entrar e sair de bordo facilmente. Entretanto, a popa pode abrir-se, criando um espaço, semelhante a uma praia privada, para descanso e divertimento de quem viaja a bordo.



No piso superior, chamado de coberta principal, temos à popa uma zona ao ar livre e, mais à frente, um enorme salão com bar. Segue-se, ainda no mesmo espaço, uma zona de cozinha e, finalmente, as luxuosas acomodações do armador.

Continuando a subir, encontramos outro piso, a coberta superior. É aqui que está instalada a sala de comunicações e o posto de comando, de onde se manobra o iate. É também neste piso que se situa o camarote para o comandante.





Depois, com enormes áreas em vidro a permitir a entrada da luz, encontramos a bombordo, no interior, uma enorme mesa para refeições e, mais atrás, ao ar livre, uma outra, esta circular e giratória, com 14 lugares. Finalmente, no piso de cima, entramos numa verdadeira zona destinada a cuidar do corpo. Áreas ao ar livre à popa e à proa são destinadas aos solários, e também temos à nossa disposição uma piscina. Já na secção central, coberta, temos uma zona de ginásio, banho turco e sauna. O Jade tem ainda a bordo um sistema que pode produzir 18 mil litros diários de água potável, e possui também uma plataforma para helicóptero. Com uma autonomia de três mil milhas náuticas a uma velocidade de cruzeiro de 14 nós, este luxuoso iate é o sonho de qualquer armador. Elegante, luxuosa e com enorme conforto, esta 'cidade flutuante' tem a assinatura da competência italiana em mega iates, onde se dá importância a cada pormenor e onde até as cores do interior fazem gala ao próprio nome do iate: são em verde jade. ✨

Ficha Técnica

CRN 125 JADE

Casco/estrutura: aço e alumínio

Comprimento: 58,2 metros

Largura: 10, 20 metros

Altura: 5,50 metros

Peso: 775 toneladas

Passageiros: 10

Tripulação: 14

Capacidade do tanque de combustível: 115.000 litros

Capacidade do depósito de água: 20.000 litros

Velocidade máxima: 16 nós

Velocidade de cruzeiro: 14 nós

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





Uma
CASA
PORTUGUESA
Aberta ao mundo

Um dos melhores restaurantes de Lisboa, e com fama internacional, continua a oferecer-nos o melhor da cozinha tradicional portuguesa. A sua história, contada pelas paredes das salas repletas de caricaturas e fotos, é apenas o pequeno testemunho dos muitos amigos que celebram a sua cozinha. Eis o Solar dos Presuntos e um pouco da vida do Evaristo, o seu proprietário.

:: *José Manuel Moroso*



Uma adega que vendia vinho a copo e presunto, instalada em casa modesta no piso térreo do nº 150 da Rua das Portas de Santo Antão, transformou-se num dos mais famosos restaurantes de Lisboa, por onde continuam a passar artistas, políticos, futebolistas, treinadores, empresários e muitos outros atraídos pela fama dos seus manjares.

Já lá vão 40 anos desde que a visão de um homem, com a ajuda de um amigo, fez abrir aquele espaço paredes meias com o elevador do Lavra, tendo como grande objectivo a aposta na cozinha minhota. Evaristo Álvaro Cardoso e o Solar dos Presuntos são dois nomes que se fundem nesta primitiva ideia, afinal ligada às raízes do proprietário e da mulher, ambos de Monção.

Evaristo, homem empreendedor, foi subindo a pulso até conseguir abrir este 'templo' de bem comer. Veio para Lisboa com apenas 13 anos, e foi passando pelas melhores cervejarias da Baixa, como a Brillhante, a Solmar e a Berlenga. Cada uma delas teve enorme influência na sua aprendizagem, mas a Solmar, curiosamente a escassos metros do Solar dos Presuntos, foi a sua grande escola, e onde despertou para os segredos da cozinha. Em 1973 vamos encontrá-lo já como gerente numa famosa casa de fados, a Márcia Condessa, situada na Praça da Alegria, que era propriedade da tia de Maria da Graça, a sua mulher. Evaristo reformula toda a ementa e as iguarias de Monção começam a vir para a mesa entre o trinar das guitarras. Maria da Graça, exímia cozinheira, completava o cenário de sucesso.

Até que um dia, já no ano de 1974, o dono daquela velha adega na rua do Coliseu resolve passar o negócio ao amigo Evaristo. Começava aí a história de sucesso do Solar dos Presuntos.

Logo na abertura a fama começa a espalhar-se. Os ministros ligados aos Governos Provisórios liderados por Vasco Gonçalves enchem a casa. Na ementa, arroz de marisco, pataniscas de bacalhau, peixinhos da horta, rojões, cozido à portuguesa e arroz de cabidela fazem as delícias dos políticos no conturbado período que se seguiu à revolução de 25 de Abril de 1974.





A ligação da casa aos artistas começa no ano seguinte, em 1975. Evaristo tinha passado pela cervejaria Choupal, ao lado do Parque Mayer, onde se concentrava o teatro de revista. Isso trouxe-lhe amizades, comprou-lhe afectos, e eles foram atravessando a Avenida da Liberdade até ao Solar dos Presuntos. Os actores Ribeirinho e Armando Cortez foram dos primeiros, e este último tem hoje o seu nome ligado a uma sala do primeiro piso.

Entretanto, Evaristo abre mais uma porta na sua carreira e nos seus conhecimentos. Colocado à frente da cantina da Federação Portuguesa de Futebol, a partir do Mundial do México de 1986, passa a cozinheiro oficial da selecção. Depois disso, o mundo do futebol entra na lista dos clientes habituais da sua casa, que foi sendo sucessivamente ampliada até à compra de todo o edifício.

A história do Solar dos Presuntos vai também sendo feita pelas paredes das salas, onde se exibem inúmeras caricaturas a evocar muito da vida do teatro de revista. A par delas, muitas fotos completam a decoração, onde se conseguem vislumbrar grandes políticos de todo o mundo, artistas internacionais e 'estrelas' dos relvados de futebol.

Hoje, a cozinha já não se encontra junto à montra, mas Maria da Graça, aos 74 anos, e José Silva, na casa desde há 25 anos, continuam a preparar deliciosos manjares à boa maneira portuguesa. Quanto a Evaristo, conta com a preciosa ajuda do filho Pedro, ele também já aos comandos deste Solar que é casa portuguesa, mas que cada vez se abre mais ao mundo pela fama que soube espalhar além-fronteiras. ✨



MESURE ET DÉMESURE



TONDA 1950

Ouro rosé

Movimento automático ultra-fino

Pulseira croco Hermès

Made in Switzerland

www.parmigiani.ch

PARMIGIANI
FLEURIER



**BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS**

CENTRO COLOMBO, TEL 217 122 595



A HISTÓRIA

também se bebe

Descoberto num armazém da região do Douro, este vinho do Porto tem mais de 150 anos e é uma peça histórica, porque foi produzido antes da terrível praga da filoxera que dizimou as vinhas em Portugal. Agora, esta raridade chamada Scion está à venda e é um desafio para qualquer colecionador.

:: *Texto de José Manuel Moroso*

Uma distinta família do Douro guardava num armazém dois cascos cujo vinho apenas era usado como reserva privada. Falava-se que seria um Porto muito velho e que até poderia ser uma raridade. Em 2008, a notícia chegou aos ouvidos do enólogo da Taylor's, David Guimaraens, que de imediato se dispôs a provar tão misterioso néctar. Recolhidas as amostras, surpresa das surpresas! O vinho, guardado num armazém da aldeia de Prezegueda, perto da Régua, tinha mais de 150 anos e a prova revelou que era sublime. Mais importante ainda: era uma peça histórica. Com efeito, esta relíquia tinha passado de geração em geração desde a data da sua produção, em meados do século XIX, tratando-se, por-

tanto, de um vinho do Porto pré-filoxérico, ou seja, imediatamente anterior à praga da filoxera (um insecto originário da América) que se espalhou por Portugal e que praticamente devastou todas as vinhas.

Era um achado e logo se tentou convencer a família a vender os dois cascos, mas as tentativas resultaram infrutíferas. Entretanto, em 2009 morre o único descendente, e os seus herdeiros decidiram então vender os dois 'tesouros', ou melhor, os cascos. Estávamos em 13 de



Janeiro de 2010, e as preciosidades foram de imediato transferidas para as caves da Taylor's, em Vila Nova de Gaia.

Em situações normais, um vinho com esta idade tão avançada teria sido incorporado nas reservas da empresa de vinho do Porto Tawny, mas a elevada qualidade, raridade e interesse histórico reservaram-lhe outro futuro. Decidiu-se, assim, que o vinho não deveria ser lotado, mas antes disponibilizado como um produto único de colecionador.

O nome que lhe atribuíram, Scion, pode ter dois significados. Primeiro, aponta para descendente ou herdeiro de uma família nobre. Depois, pode também significar o garfo de uma planta,

especialmente utilizado para a enxertia. Qualquer um deles encontra justificação para o baptismo deste vinho único, pois o segundo significado relembra o processo de combate à filoxera, que passou precisamente pela enxertia de castas nacionais sobre porta-enxertos americanos, que são resistentes a este insecto.

Uma tal preciosidade teria de ter outro tratamento especial: a embalagem, que foi inspirada numa caixa de instrumentos do século XIX. O vinho vem dentro de um decanter em cristal soprado manualmente, e é acompanhado de um livro (só por si outro objecto de colecção), que conta toda esta história do Scion e a sua fantástica viagem pelo tempo.

As suas notas de prova apontam a cor do mogno com uma auréola âmbar. Chega ao nariz com um intenso perfume de melaço e figo, com notas de café torrado, folha de charuto, cedro e pimenta preta. Acidez vibrante e um fim de boca interminável fazem com que nunca mais o esqueçamos. ✨



O LUXO. *mora aqui*

A abertura de uma nova Boutique dos Relógios Plus – a segunda na Avenida da Liberdade – é a última grande novidade da principal artéria de Lisboa. Que ainda tem muito para oferecer. E surpreender.

:: *Texto de Bruno Lobo*

É a mais nobre via de Lisboa mas dispensa os formalismos. Afinal, se a tratarmos simplesmente por "Avenida", não há quem não saiba a qual nos referimos. Testemunho maior da sua fama e importância, que nasceu antes mesmo de a Avenida ser avenida. Não foi por um mero acaso que acolheu as mais importantes marcas de luxo em Lisboa.

Mais do que no passado (ver caixa) a Avenida da Liberdade revela-se hoje de uma vitalidade impressionante. A avenida mexe-se, e como! Só nos últimos tempos abriram as lojas de Luis Onofre, Aristocrazy, Hackett, Cos, Lacoste, Miu Miu, Zadig & Voltaire, Michael Kors, Rimowa, Gucci, Guess, Fly London, Cartier, Juliana Herc, Marina Rinaldi, Tumi.... Pausa, que a lista continua: a Ermenegildo Zegna trocou de lugar para uma loja maior, um pouco acima. A Hugo Boss fez o mesmo mas, neste caso, aumentando a oferta porque a antiga loja de homem passou a ser uma Hugo Boss de senhora. A Porsche Design também trocou de localização e a Burberry, não saindo de mesmo sítio, renovou e alargou o espaço.

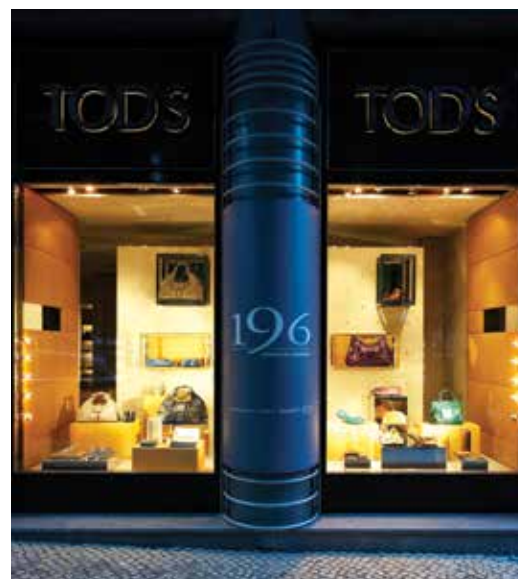
Todas estas novidades vieram juntar-se aos muitos nomes de excepção que já aqui se encontravam, como Louis Vuitton, Prada, Longchamp, Fashion Clinic, Tod's, Furla, Armani, Stivali, Carolina Herrera, Loewe e Rosa & Teixeira. Alargando em muito a oferta e gerando um capital de massa crítica fundamental para transformar a Avenida da Liberdade num nome incontornável do luxo mundial. Para os consumidores, claro, com os turistas à cabeça – afinal todo este crescimento avançou de mãos dadas com o maior afluxo de turistas à capital -, mas também para as próprias marcas.



Segundo dados recolhidos junto das principais consultoras imobiliárias a operar na Avenida, a procura não mostra qualquer sinal de abrandamento. Bem pelo contrário, consta que estão neste momento mais de 20 marcas efectivamente à procura de um espaço. Uma das próximas novidades será uma megastore da espanhola Mango que irá ocupar todo o edifício do Teatro Éden, nos Restauradores. E poderá muito em breve ter por vizinha de frente as Galerias Lafayette, de Paris. Junto destas consultoras, mas também de alguns comerciantes informados da zona, pudemos apurar que entre os nomes mais falados estão realmente algumas das multinacionais do luxo mais conceituadas, como Versace, Ralph Lauren, Bulgari, Chanel e Dior. A própria Fashion Clinic, que conta três espaços distintos – uma loja de mulher, uma de homem e a loja Gucci que explora –, considera que ainda tem muito para crescer e melhorar na Avenida. A abertura de uma segunda Boutique dos Relógios Plus enquadra-se pois neste quadro global.

Mas nem só de lojas se faz uma avenida e a última tendência – recebida com enorme satisfação por todos que aqui estabeleceram o seu negócio – é o aumento da oferta hoteleira. Novos hotéis trazem mais turistas, certo, mas trazem também novos espaços de restauração de qualidade. A oferta neste momento é impar. O charmoso boutique-hotel Valverde ou o luxuoso Porto Bay são apenas os últimos nomes a juntar-se a uma lista que inclui o Heritage Av. Liberdade, o Fonte Cruz, o NH, o Sofitel, o Bessa ou o Turim. Sem esquecer o Tivoli no centro da Avenida e ainda, nos Restauradores, o Avenida Palace e o Altis Avenida.

Juntos são um factor determinante para transformarem a vida na avenida, que se assume assim como o centro de lazer que sempre esteve no seu ADN. ✨





SHAMBALLA JEWELS

Explore the Energy of Creation*




LOCK BRACELET

Diamantes Brancos G/vs, Diamantes Pretos 0.59 ct, Safira Amarela 5.5 ct, Safiras Castanhas 26.1 ct, Ouro Amarelo 18K




BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Avenida da Liberdade nº 194C, tel. 21 073 05 32, www.boutiquedosrelogiosplus.pt

 WWW.SHAMBALLAJEWELS.COM

 SHAMBALLA JEWELS OFFICIAL

 SHAMBALLA JEWELS

*Explore a Energia da Criação



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Uma
BOUTIQUE
PLUS *Plus*

A nova Boutique dos Relógios Plus esconde tesouros maravilhosos no seu interior. E revela muitos mais. Basta entrar para descobrir. Bem-vindo a uma loja diferente.

:: *Texto de Bruno Lobo*



O acesso à nova Boutique dos Relógios Plus da Avenida da Liberdade faz-se por um corredor. A loja não tem muita exposição à Avenida, pelo que as montras já estão dentro do prédio, numa espécie de antecâmara. Aqui, a primeira reacção é de surpresa. Pendendo sobre as nossas cabeças está o “Mobile do Tempo”, peça criada em exclusivo pela artista Joana de Vasconcelos. É impossível não olhar ou não ficar impressionado por este imenso “lustre cinético” composto por enormes e coloridos braços em croché, tão característicos da sua obra, iluminados por dezenas de leds. Os braços pendem de dois grandes ponteiros de relógio prateados, um maior, marcando a passagem dos minutos, e o outro mais pequeno, marcando os segundos. A marcha deste último é a mais evidente. A peça, imponente, dá o mote para o que nos espera dentro da nova loja.

Somos recebidos com um sorriso por uma das funcionárias. Sucedem-se vitrinas de ambos os lados, numa linha fluida que começou ainda nas montras da antecâmara, cortada apenas pela “casa” do relojoeiro. Tal como em todas as Boutiques dos Relógios Plus, também aqui temos um relojoeiro, dedicado e a tempo inteiro.

A Boutique corre sob o comprido. Imperam materiais nobres, toques de madeira escura e tons de dourado velho, como nas outras lojas do grupo, mas é sobretudo um espaço mais claro e iluminado, com uma decoração moderna que a distingue das outras.

Situada no coração da Avenida da Liberdade, no lado esquerdo de quem desce, a nova Boutique dos relógios Plus é uma espécie de concept store, onde obras de arte convivem lado a lado com algumas das melhores peças que a indústria suíça alguma vez produziu. Mas também com acessórios de moda, produtos de beleza, de tecnologia, e, claro, joalharia. Produtos que, em comum, partilham um elevado grau de exclusividade e de raridade. Uma visita representa mais do que uma mera experiência de compras.

Após essa primeira fila dupla de montras, aguarda-nos um simpático bar com um inovador sistema de vinho a copo. A ideia, claro, é a de receber os clientes da forma mais hospitaleira. À esquerda, um lance de escadas transporta-nos para o primeiro andar, e para um outro mundo. Antes, ainda, outra surpresa: ao longo da parede uma obra de street art de Add Fuel, um dos mais conceituados artistas de rua nacionais, conhecido pela forma como reinterpreta a azulejaria tradicional portuguesa, e que aqui recorreu a elementos da relojoaria de uma forma conceptual e divertida. A obra acompanha a subida da escadaria e contribui, definitivamente, para o ar mais estilizado da loja.

Um pouco mais à frente, mais um conceito diferente e em exclusivo mundial: pela primeira vez na sua longa história, a casa perfumista Creed oferece uma experiência olfactiva fora de uma boutique própria. Ou seja, o corner desta marca parisiense nesta nova Boutique oferece-nos a possibilidade de entrar no mundo das fragrâncias Creed, cheirando as essências que dão depois origem aos perfumes. É um mundo complexo, que vale pela experiência e pela descoberta dos aromas base que mais lhe agradam, podendo depois – com a preciosa ajuda de um técnico especializado –, filtrar quais os perfumes que melhor se adaptam ao seu gosto ou estilo.

Origine II,
escultura de Quentin Carnaille





Apesanteur IV.
escultura de Quentin Carnaille

Ao fundo, um Salão Breguet, um espaço à porta fechada no qual certos clientes poderão, em conforto e privacidade, ficar a conhecer as ofertas da marca de topo do maior grupo de relojoaria mundial. Aqui, também, esconde-se mais uma grande surpresa: ao toque de um botão, uma das estantes na parede do fundo abre-se, revelando uma “sala forte”, à prova de tudo e insonorizada. Se o Salon Breguet era já um espaço muito exclusivo, o que pensar desta sala que oferece um grau de privacidade e discrição ainda maior (e essencial para determinados clientes)?

Estas não são as únicas salas privadas da loja. Subindo finalmente as escadas, no primeiro andar encontramos outro espaço reservado. Como numa galeria de arte, as paredes expõem pinturas ou fotografias, mostras temporárias que privilegiam os autores portugueses. E também aqui há um botão. Pressionando-o, desta vez são as próprias paredes que

se recolhem, revelando em seu lugar peças emblemáticas da relojoaria. Peças históricas, das mais conceituadas marcas, capazes de atrair grandes colecionadores e entusiastas da Alta Relojoaria.

A nova Boutique dos Relógios Plus está longe de ser uma simples loja de relógios. É um local único em Portugal, repleto de tantas camadas que numa primeira visita apenas começamos a aflorar tudo o que pode oferecer: relojoaria, concept store, galeria de arte, museu, e espaço tecnologicamente avançado que promete surpreender mesmo o mais viajado dos visitantes. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





Basta juntar TINTA

Diogo Machado, conhecido como Add Fuel, é o jovem artista urbano português que criou o mural que pode ser visto na nova Boutique dos Relógios Plus.

:: *Por Bruno Lobo*

A obra de Add Fuel pode, agora e durante os próximos meses, ser observada em dose dupla na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Dentro e fora de portas. Porque se é seu o mural que ornamenta a grande parede livre da Boutique dos Relógios Plus, também é sua a obra que cobre o monumento a José Gregório da Rosa Araújo, o presidente da Câmara responsável pela criação da luxuosa avenida lisboeta.

Add Fuel já foi simplesmente Diogo Machado, mas “como trabalhava maioritariamente com o estrangeiro, não havia maneira de acertarem com o nome”, explica. Por isso mudou-o.

A sua obra, que pode ser vista em www.addfuel.com, é vasta e diversificada. Foi na reinterpretação da tradicional azulejaria portuguesa, utilizando motivos modernos, que Add Fuel encontrou o seu melhor meio de expressão.

Se a sua obra na Avenida da Liberdade será provisória – durará os

meses necessários até terminar a restauração das estátuas –, a obra da loja, pelo contrário, tem todas as condições para ser admirada por muitos anos. Desde que surgiu o convite para ir visitar o espaço e conhecer o conceito da nova Boutique dos Relógios Plus – que procura colocar a arte no centro do projecto –, que Add Fuel ficou interessado. “Deram-me total liberdade criativa. Afinal, era uma peça para o interior de uma loja, pelo que pensei que pudessem existir algumas condicionantes. Mas não. Pediram-me apenas que a obra fizesse referência à relojoaria ou ao tempo, mas isso era já o que fazia sentido para mim, para criar uma ponte entre a obra e o local.”

Como surgiu a ideia de reinterpretar a azulejaria?

Surgiu quase instintivamente. Em 2007 ou 2008 fui convidado para cobrir uma fachada de um prédio em Cascais, que é a minha terra natal. Nessa altura pensei imediatamente em transpor a azulejaria para o meu universo artístico.

Como foi o processo criativo para esta obra em particular?

Tinha uma condicionante grande, o facto das escadas para o primeiro andar ficarem mesmo em cima da obra. Logo, a peça teria de ser dinâmica, teria de poder conviver com esse espaço. Depois, queria reinterpretar os azulejos utilizando elementos da relojoaria tradicional. Estudei os mecanismos dos relógios, vi que peças tinham e apliquei tudo isso na obra. Num primeiro olhar, quem entra vê apenas azulejos, mas num segundo olhar descobrem todo o universo da relojoaria aqui representado. Turbilhões, escapes, rodas, ponteiros, utilizei todos esses elementos”.

Se utiliza motivos contemporâneos, as cores, pelo contrário, são muito tradicionais.

Faço muito pouco a transição para outras cores. Uso sobretudo azul e branco, como aqui, e por vezes um pouco de amarelo. Porque são essas as cores que o nosso imaginário identifica com a azulejaria. Sou sobretudo um artista urbano, e a localização, o meio envolvente, são fundamentais. Claro que se o meio muda também exploro isso no meu trabalho. Por exemplo, estive recentemente em Ovar, a capital do azulejo, e lá eles utilizam muito mais cores do que é normal. Por isso utilizei também laranjas, castanhos, verdes.

Nesse caso, porque não utilizou cores mais ligadas à relojoaria aqui, como o ouro, apontamentos em safira?

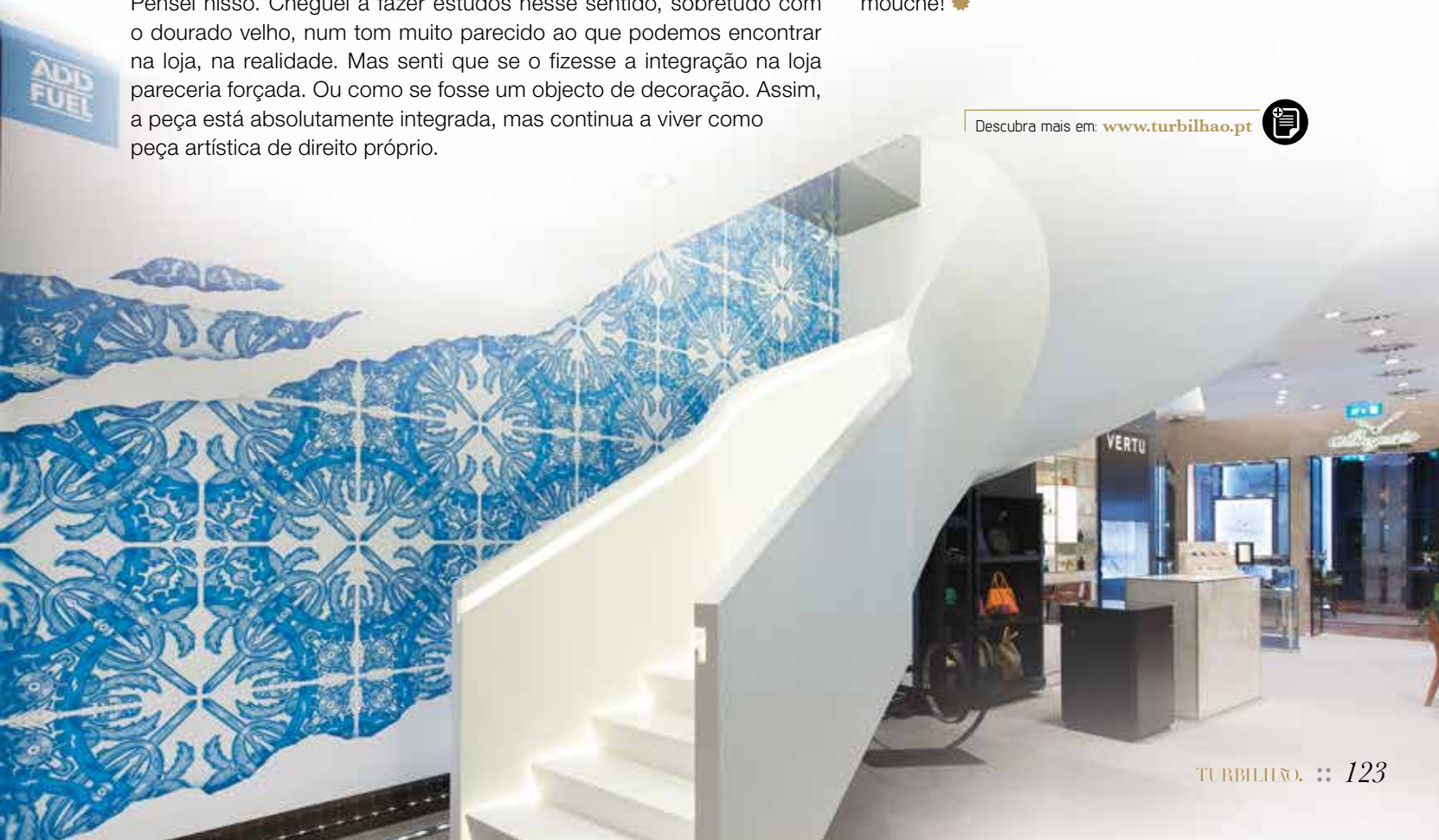
Pensei nisso. Cheguei a fazer estudos nesse sentido, sobretudo com o dourado velho, num tom muito parecido ao que podemos encontrar na loja, na realidade. Mas senti que se o fizesse a integração na loja pareceria forçada. Ou como se fosse um objecto de decoração. Assim, a peça está absolutamente integrada, mas continua a viver como peça artística de direito próprio.

Qual o papel que a arte pode desempenhar numa loja?

Eu separo muito bem o meu trabalho de rua daquele que faço para exposições, para colecções. Nestes casos utilizo sempre telas ou painéis de cerâmica. É uma regra de ouro que quebrei, pela primeira vez, ao pintar este mural. E fi-lo precisamente porque me encantou esta ideia de apostar em arte para se diferenciar das outras lojas.

Está contente com o resultado?

Muito. Foi a primeira vez que vi a peça com a loja já pronta e estou mesmo muito contente. Sobretudo por uma questão técnica, meramente técnica, mas fundamental para conseguir o resultado pretendido. Geralmente, para se conseguir um efeito sombreado utiliza-se uma tinta especial, com um pouco de brilho, mas quando perguntei ao arquitecto como iria ser a iluminação da loja apercebi-me imediatamente que corria o risco das sombras ficarem brilhantes, e portanto sobressaírem muito mais do que o resto da obra. Obviamente o efeito contrário ao pretendido. Depois de alguns testes decidi recorrer a uma tinta azul escura, que apliquei muito esbatida para conseguir esse efeito, e, agora que a vejo iluminada, tenho de reconhecer que acertei – modéstia à parte – na mouche! ✨



Descubra mais em: www.turbilhao.pt



*“Faço parte de um povo
altamente criativo”*

Angolana de quarta geração, Mariza dos Santos é também uma artista de corpo inteiro. Autodidacta no que à arte diz respeito, encontrou na pintura abstracta a forma de “escrever” sentimentos, memórias e ficções. As artes plásticas são ainda a “arma” que utiliza para fazer a diferença e ajudar um povo marcado pela guerra a crescer e a sorrir.

:: *Por Marina Oliveira*

Como nasceu a sua paixão pelo universo artístico? Paixão é uma realidade demasiado forte e efémera; a arte nasce no momento em que nascemos e desperta em cada momento. Alimenta-se da nossa sensibilidade e desfalece sempre que deixamos de dialogar connosco próprios. A inquietação é o estado de espírito que movimenta a arte, que constrói o nosso dia-a-dia e enquadra o modo como enfrentamos (dialogamos) o mundo. De um modo simplista, a arte suporta-se em duas faces: a alimentação do intelecto de forma a que seja um catali-

sador daquilo que somos ou podemos ser, e a alimentação das técnicas que permitam que a nossa expressão/comunicação chegue tão longe quanto a nossa imaginação permitir. De um modo ainda mais simplista, a arte é muito trabalho, suor e capacidade de “largar” sentimentos. Essa aprendizagem faz-se pela vida e na capacidade de aprendermos sempre. Aliás, a minha formação tem uma grande componente de autodidactismo. Fui desde sempre atrevida e irrequieta e, desde miúda, a cor sempre me fascinou. Lápis de cor, plasticinas, tudo o que me permitisse colorir ou dar as “minhas” formas foram sempre as “bonecas” preferidas da minha infância. Tive sempre o apoio e a liberdade possível dos meus pais, numa infância feliz. Brinquei na rua, conheci o mundo pelo lado exterior da “redoma” em que muitos pais asfixiam os filhos e fiz muitos amigos que se mantiveram ao longo dos anos e das guerras que já suportámos. A guerra é sempre guerra, é muito marcante. A destruição, morte e ruína humana é o pior que podemos observar (viver), e eu passei tudo isso. Pela positiva, ficou um sabor agridoce, pela solidariedade e pela consolidação da amizade de quem ficou. Esta foi a massa que fez despertar a minha vontade de passar mensagens e os meus registos do Mundo. Os meus “flashes” pediram e eu atrevi-me a voltar aos lápis de cor, aos guaches e aguarelas para dar expressão ao meu diálogo interior, inicialmente, e como uma forma de comunicação quando esse diálogo interior extravasou os seus apertados, mas difíceis, limites. As telas, pincéis, outras tintas e materiais, as técnicas de “escrever” sentimentos, memórias e ficções, vieram depois, naturalmente, como uma extensão de um caminho já percorrido.

Dentro da pintura, as suas obras inserem-se na vertente abstracta. Porquê?

Sou apaixonada por Kadinsky e não gosto de todo de pinturas perfeitinhas. Adoro cor, movimento, e o meu dia (o passado, o presente e a perspectiva do futuro) é grande fonte de inspiração. Faço parte de um povo altamente

criativo. Dou-lhe um exemplo: uma criança menos favorecida não tem dinheiro para comprar um carrinho, e com uma simples lata de sardinhas, umas caricas, mais uns pauzinhos e outros pequenos enfeites constrói um carro bem mais bonito, aos meus olhos, que os perfeitos que saem de uma linha/fábrica de brinquedos. Gosto de abstracto porque não sei e não quero ser retratista. Para isso existe a fotografia.

Onde busca inspiração para os seus quadros?

Tal como já anteriormente disse, a partir do momento em que vivemos e temos a “sorte” de criar os ritmos adequados a essa vivência, a inspiração é um pouco como o respirar, ela surge automaticamente. Inspiração é viver, a minha comunicação são as memórias e as esperanças, o meu catalisador é a cor e o movimento. Quando estes caminhos não são ou não forem suficientes, a auto dialéctica fará com que outros caminhos, formas e discursos sejam procurados e experimentados. Hoje, no meu dia-a-dia, quero fazer prevalecer as cores do meu povo, do meu país. África é um continente fabuloso em cor e movimento.

Em Angola, a sua obra é já amplamente reconhecida. O reconhecimento internacional é uma meta a atingir?

Nunca pensei nisso muito a sério. Sou uma pessoa privilegiada, pois não dependo de vender a minha arte para poder subsistir, e tenho todo o tempo possível para lhe dedicar. Se o reconhecimento internacional vier a ocorrer, é lógico que ficarei muito orgulhosa, por mim e pelas pessoas que me acompanham. Mas vamos pôr os pés bem assentes na terra. A indústria da cultura é ainda muito incipiente em Angola. Quase que posso dizer que não existe. Mas Angola é o meu meio ambiente, onde me movimento, respiro e vivo. Se esse reconhecimento passar por “abandonar” Angola, então essa não é a minha meta.

Que benefícios esse reconhecimento pode trazer em termos pessoais, profissionais e até para a própria cultura do país?

Para mim, mais importantes que a “selecção” da dita indústria está o panorama emergente das artes em Angola. Estão a despertar, lentamente no início, mas neste momento sente-se uma maior actividade e os acontecimentos começam a suceder a um ritmo maior. Sinto orgulho e, sobretudo, muita felicidade pelo contributo que possa ter dado para este movimento. Tudo tem os seus tempos e, neste momento, Angola comporta e “quer” a vinda de escolas dedicadas às artes. Não para virem tocar o sublime com a monopólica varinha mágica da sensibilidade, mas para virem ensinar técnicas, estudos de materiais, estudos da forma, etc. O reconhecimento do meu trabalho poderá ser efémero. Podem ficar pequenas pedrinhas pelo caminho e isso já é óptimo. Tento apenas que a minha vida não se resuma a ter nascido e morrido. Tento contribuir para uma sociedade melhor, para um país melhor, e fazer com que África deixe de constituir o “cartoon” da civilização. Apesar de poderem ser acontecimentos de um momento, sempre que um angolano participa

num evento fora do País é um orgulho. Eu sou uma nacionalista. Pessoalmente, tive algumas obras expostas em Xangai (China), no Pavilhão de Angola, e não imagina o orgulho que tinha quando via pessoas de todo o mundo a olharem para o nosso pavilhão e, se paravam a observar algum dos meus “filhos pintados”, as lágrimas vinham-me aos olhos e cantava, para espanto de alguns, o Hino Nacional.

Além de pintora, é empresária, membro da Organização da Mulher Angolana, presidente da Brigada Jovem dos Artistas Plásticos de Angola e ainda voluntária em projectos sociais. Como gere o seu quotidiano de modo a conseguir realizar todas estas actividades?

Sou empresária sim, mas isso é o que sou menos. Felizmente alguém faz isso por mim, apesar de manter uma pequena componente de consultoria e de representações na esfera dos assuntos relacionados com recursos humanos e imagem. Sou membro da UNAP (União Nacional dos Artistas Plásticos) e presidente da BJAP. Muitas vezes mais do que

terminar obras ou expor, parece-me mais importante o contributo na formação dos jovens, tanto na área da execução das suas obras como na transmissão de valores deontológicos. Mas o trabalho não é só este. O Secretário-geral, o escultor Etona (excelente em Angola e em qualquer parte do Mundo), dá-me o seu apoio nesta questão da Brigada Jovem e ambos estamos a “levantar” a UNAP e BJAP da melhor forma, criando e apoiando muitos artistas e jovens artistas. Sou militante do MPLA, logo faço parte da OMA e sinto orgulho em participar e cumprir com todas actividades e deveres de um militante e contribuir para que o próprio Partido possa melhorar e evoluir. O tempo é escasso, mas a boa vontade e, mais do que isso, o fazer, mesmo quando não parece possível, transformam essas “impossibilidades” e produzem o milagre da extensão do tempo. O Universo conspira sempre a meu favor e todos os dias lhe agradeço por gostar de mim e poder ter esta vontade de ajudar quem mais precisa. A solidariedade não é palavra vã quando aprendida em ambientes hostis como numa guerra.

A pintura acaba por ser também um escape a este quotidiano atarefado?

É verdade que quando estou mais cansada e muitas vezes triste por quadros humanos que vejo pouco agradáveis, pinto e falo com as tintas, mas adoro o barulho do silêncio, sou duma família oriunda do sul de Angola, onde existe um deserto, logo o silêncio é bom companheiro. 🌟

LOJA DAS MEIAS

LISBOA • CASCAIS • MAPUTO



Foto © Pedro Ferreira / Daniela Hanganu (Central Models)

FENDI • DIOR • MISS MISSONI • STELLA MCCARTNEY • DOLCE&GABBANA • ERMANNO SCERVINO • ARMANI • RALPH LAUREN • MICHAEL KORS • CÉLINE
LANVIN • SALVATORE FERRAGAMO • LA PERLA • HOTEL PARTICULIER • MALIPARMI • HACKETT • BOSS • MARC JACOBS • EMILIO PUCCI • CORNELIANI

LISBOA Rua Castilho, 39 // Shopping Center Amoreiras piso 2, loja 2001/2002 • **CASCAIS** Av. Valbom, 4
Tel.: (+351) 214 710 303 • lomeias@lojadasmeias.pt • www.lojadasmeias.com • [fb.com/lojadasmeiaspt](https://www.facebook.com/lojadasmeiaspt)

Regresso à TRADIÇÃO

Numa espécie de regresso ao passado, onde o vestuário e acessórios primavam pela exclusividade do *sur measure*, o sector do luxo revive hoje essa tendência. Há cada vez mais marcas a oferecerem serviços de customização, adicionando ainda mais exclusividade a um mercado já de si único.

:: Texto de Marina Oliveira

Atualmente, o *crème de la crème* dos bens de luxo “esconde-se” nos artigos únicos, produzidos por medida e onde o cliente assume o controlo. Sapatos e vestuário *taylor made*, relógios, telefones, canetas e todo o tipo de marroquinaria customizados, a panóplia de opções é enorme, como o é a escolha de designs e materiais, desde gravações das mais diversas pinturas, monogramas ou mensagens, passando por peles exóticas ou pela inclusão de pedras preciosas. Tudo com o objetivo de agradar ao cliente cada vez mais conhecedor e exigente deste mercado muito limitado e exclusivo.

No entanto, a personalização ou os artigos por medida não são uma tendência recente, mas antes uma espécie de regresso ao passado, onde os cavalheiros e senhoras da alta-roda compravam as suas roupas e acessórios *sur mesure*. Pensemos na alta relojoaria. Historicamente, os melhores relógios mecânicos eram encomendados por medida por patronos que podiam especificar as decorações, materiais e até complicações. Hoje, várias marcas de alta relojoaria continuam esta tradição, aceitando comissões personalizadas para satisfazer os desejos dos clientes. Este é o caso, por exemplo, da Blancpain, Bovet, Jaquet Droz, Roger Dubuis ou Vacheron Constantin.

A gravação personalizada é a grande especialidade da Blancpain, enquanto na Jaquet Droz, os relógios por medida apresentam mostradores fabricados a partir de minerais raros e semipreciosos, como lápis-lazúli, jade, meteorito ou bronzite.

No século XIX, a Bovet começou a produzir relógios de bolso pintados com esmalte, a pedido da corte imperial chinesa. Hoje, a marca perpetua



JAQUET DROZ

Bronzite Edição Única Boutique dos Relógios Plus

a sua herança pintando à mão mostradores a partir de imagens fornecidas e aprovadas pelos clientes. Já a Roger Dubuis ou a Vacheron Constantin oferecem toda uma panóplia de possibilidades de customização, que passam por gravações, pintura em miniatura, monogramas, pedras preciosas, etc.

E se na alta relojoaria a tradição do por medida é já longa, o mesmo se pode dizer das peças de vestuário. Antes do advento do *prêt-à-porter*, eram os alfaiates e costureiras os responsáveis por vestir a alta-sociedade com criações únicas e perfeitamente adaptadas ao gosto e medidas de cada um. Hoje, são poucos os que resistiram, mas a tendência clama pelo



MAISON TAKUYA

seu regresso. Se, por um lado, grandes marcas como a Prada ou a Ermenegildo Zegna – e, no caso português, a Rosa&Teixeira – oferecem já serviços de *sur mesure*, a verdade é que, aos poucos, as alfaiatarias voltam a fazer parte das grandes avenidas de compras um pouco por todo o mundo.

No que à tecnologia móvel diz respeito, a Vertu veio revolucionar este universo ao apresentar telefones de luxo, produzidos em peles e metais preciosos, e que oferecem uma panóplia de serviços exclusivos. Actualmente, a marca eleva a exclusividade a outros patamares, ao permitir a quase total personalização do telefone, desde o tipo à cor da pele, passando pela inclusão de monogramas e até a gravação de mensagens. O mesmo sucede no universo da marroquinaria. Aqui, destacamos a Maison Takuya, uma marca ultra-exclusiva que permite, em algumas das lojas que a representam (em Portugal, é o caso da Boutique dos Relógios Plus, na Avenida da Liberdade), que o cliente possa “construir” a sua própria carteira, optando por diversos tipos de peles, tonalidades, acabamentos e, até, por incluir pedras preciosas.

O universo dos perfumes é também um dos que se abre à tendência da customização, com marcas centenárias como a Creed a oferecerem a possibilidade de, além de fragrâncias totalmente personalizadas para um restrito grupo de clientes, personalizar o próprio frasco.

E não poderíamos terminar sem antes referir o glamoroso mundo das jóias. Aqui a panóplia de opções de personalização é imensa, dando origem a peças verdadeiramente únicas e *sur mesure*. Nomes como Shamballa ou Carolina Bucci são incontornáveis no campo da joalheria personalizada. ✨



Descubra mais em: www.turbilhao.pt





Casaco e Calça **CANALI**, *camisa* **PRIVATE LABEL**,
gravata **NICKY TIES**, écharpe e sapatos **SALVATORE**
FERRAGAMO tudo **ROSA & TEIXEIRA**



Outra reunião importante Pai?
18:19

Apenas uma.
18:20

😞
18:20


Contigo! Chego antes da hora de te deitares :)
18:21

Boa!
😊😊😊😊😊😊
18:21

Uma extraordinária experiência proporcionada pelo serviço Concierge do Vertu Signature Touch. Descubra mais em vertu.com e visite a nossa loja #LiveExtraordinary

LIVE EXTRAORDINARY**



 **BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS**
Av. da Liberdade 129, Lisboa, +351 213 430 076
Av. da Liberdade 194C, Lisboa, +351 210 730 532

VERTU

HANDMADE IN ENGLAND®

Blusão, cardigan, calças e écharpe **BRUNELLO
CUCCINELLI**, camisa **MAZZARELLI**
e sapatos **HOGAN**, tudo **ROSA & TEIXEIRA**





TF EST. 1968
GENÈVE SUISSE



GENEVA – PARIS – LONDON – NEW YORK – BEVERLY HILLS – HONK KONG – TOKYO



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Av. da Liberdade 129, 213 430 076 – Centro Colombo 217 122 595

www.tfest1968.ch

It's a men's world

O muito antecipado crescimento no mercado dos acessórios de homem impôs-se definitivamente. E a joalheria emergiu como uma categoria crucial.

:: *Texto de Marina Oliveira*

Longe vão os tempos em que o universo dos acessórios masculinos se resumia a relógios de pulso, botões de punho, alianças de casamento, canetas, alguma marroquinaria e pouco mais. Nos últimos anos, o interesse dos homens na joalheria masculina cresceu exponencialmente, sendo hoje uma tendência que promete ter chegado para ficar e uma forma de expressão pessoal.

Mas, na realidade, a moda da joalheria masculina não é de agora. Ao contrário. Esta foi, desde sempre, uma forma de homens e mulheres se destacarem na multidão. E quanto mais recuamos no tempo, mais masculina esta tendência se torna, das correntes de ouro que adornavam os governantes da antiga Suméria, na Mesopotâmia, aos elaborados colares de diamantes dos marajás indianos. E quanto mais poderoso o homem, mais sumptuosas as jóias.

Os homens e as jóias terão seguido caminhos diferentes graças à Revolu-

ção Francesa. O crescimento da Burguesia, no final do século XVIII, trouxe aquilo que se apelidou de “A Grande Renúncia Masculina”. Um fenômeno que viu os homens trocarem as cores brilhantes e estilos ornamentados por roupas mais escuras e utilitárias, que sublinhavam o seu compromisso com o trabalho em vez da beleza. As jóias para homem voltaram a tornar-se socialmente aceitáveis há cerca de 25 anos, quando as estrelas do hip-hop e atletas famosos começaram a exibir correntes em ouro e acessórios com diamantes. E o crescimento da procura em joalheria masculina, embora tímido nos primeiros anos, registou um aumento exponencial, que nem a crise económica conseguiu abrandar.



:: Sting

:: Albanu



:: Anil Arjandas



:: Shamballa Jewels



:: Zancan

Actualmente assistimos a uma renovada paixão por parte dos homens em usar joalharia como uma forma de expressão pessoal. Esta paixão torna-se mais evidente nos pulsos e expressa-se através de pulseiras de todos os géneros, feitios e materiais. Além disso, o pulso é especialmente popular, muito por culpa do relógio. Hoje, contudo, os homens compram cada vez mais itens – e não apenas máquinas do tempo – para vestir os pulsos. E os que antigamente se aventuravam numa peça ou duas, agora colecionam jóias e misturam-nas, dando origem a conjuntos originais que unem a preciosidade do relógio à de várias pulseiras.

Uma extensão do estilo pessoal, o boom da joalharia masculina trouxe consigo a reafirmação de marcas com tradição, como é o caso da Albanu e as suas jóias em materiais exóticos e únicos, como pêlo de elefante e girafa ou chifre de búfalo, bem como o nascimento de novas marcas independentes. Entre estas últimas contam-se nomes como Anil Arjandas, cujas peças aliam diversas tonalidades de ouro a diamantes de todas as cores, pérolas, peles ou sedas; Shamballa Jewels e as suas

pulseiras em macramé e contas e outras em ouro, cujo denominador comum é a harmonia espiritual; StingHD com as suas braceletes em prata, ouro, platina ou pele de raia adornadas com diamantes e pedras preciosas; ou Zancan, cujas peças de joalharia combinam ouro, titânio, kevlar e diamantes.

O interesse em joalharia masculina é uma realidade, uma certeza que promete ter chegado para ficar. Como tal, designs novos e exclusivos continuarão a surgir com o objectivo de satisfazer a procura deste consumidor sofisticado. ✨

Descubra mais em: www.turbilhao.pt



NO CENTRO *da vida*



Bem no coração de Lisboa, abraçado pelos ecos da história, ergue-se um empreendimento em doce harmonia com o que foi e com o que será. A poucos passos da Avenida da Liberdade, do Príncipe Real, do Chiado e do Rato, o futuro n.º 100 da Rua do Salitre cristaliza as emoções da capital. Cosmopolita e moderno, o luxuoso complexo habitacional oferece a bonança no centro do eclético vibrar.

:: *Texto de Andreia Amaral*

Escondido dos olhares curiosos numa rua junto à emblemática Avenida da Liberdade, o Salitre 100 surge embebido na acalmia de pequenos jardins e na beleza de edifícios centenários. É ali, junto ao magnífico Palácio Mayer (hoje morada da Embaixada de Espanha), do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, da Casa do Ribatejo e da Fundação Oriente, que se perfilam oito andares de puro luxo e requinte. A uma curta distância de tudo, basta atravessar a rua para encontrar o estilo das melhores lojas, a emoção dos teatros, a história dos museus e o bulício dos restaurantes da moda.

Com um total de 24 apartamentos, o Salitre 100 sobrepõe-se pelas linhas modernas e pelos traços simples e assertivos. Por entre eles, rasgam varandas e terraços, desenhando pranchas que convidam a mergulhos em vistas magníficas sobre a cidade e o Rio Tejo. Lá dentro, as divisões enchem-se de luz, deixando Lisboa entrar através das generosas janelas. E, apesar de a cidade vibrar em cada canto, há um silêncio refrescante, que é de momentos relaxantes e de descanso, numa dicotomia ímpar de envolvimento e amplitude. A vista, a área da sala, o sossego dos quartos, tudo foi pensado para proporcionar o máximo de conforto e a maior conveniência. A qualidade de construção e a funcionalidade dos espaços, cuidadosamente pensados de forma a criar um equilíbrio agradável e inteligente, são também notas dominantes em cada um dos apartamentos, todos complementados com lugares de estacionamento e arrecadações.

Ao nível do solo, dez “pieds-à-terre” com dois quartos em suite servem de entrada ao magnífico complexo. Com áreas superiores a 100 m², dois contemplam jardins privados e alguns incluem áreas exteriores de 25 m², para que quem aí privar possa aproveitar o ameno clima da capital. Perfeitas para quem valoriza o seu espaço ou quer fazer um investimento de futuro, são habitações irreverentes na simplicidade arquitectónica e que evidenciam exclusividade.





Imediatamente acima, as 12 “residências familiares” privilegiam o bem-estar e a funcionalidade. Os apartamentos incluem entre três e quatro quartos, dimensionados para a vida familiar em plena harmonia. As cozinhas contemporâneas, posicionadas no centro do apartamento, transformam-se em áreas de convívio, enquanto as varandas e terraços espaçosos primam pela agradabilidade enquanto zona de estar. São mais de 150 m² de conforto, combinados com dois ou três lugares de estacionamento, uma comodidade essencial quando se mora no centro da cidade.

Mas se tudo isto parecer pouco, os pisos superiores reservam um encanto adicional: são duas “penthouses” em formato duplex, com um espaço total de 320 m². As áreas sociais multiplicam-se e os espaços distintos para refeições e convívio incitam a jantares acolhedores e a festas exclusivas. Com três ou quatro quartos, os duplex incluem ainda cozinhas completas, bem dimensionadas e equipadas. No entanto, o melhor de tudo é mesmo a vista estonteante que os terraços e varandas proporcionam sobre a deslumbrante Lisboa.



Ainda em fase de construção, o Salitre 100 deverá estar finalizado no primeiro trimestre de 2017. E se, por um lado, os interessados terão de ansiar até poderem habitá-lo, por outro, a fase de construção deixa aberta a janela da personalização, sendo possível escolher determinados acabamentos e alguns equipamentos. Definido está já o facto de ter à sua disposição um conjunto de serviços exclusivos de gestão da propriedade. Uma equipa de profissionais disponível para o ajudar a decorar e equipar a sua casa, serviços administrativos, de manutenção e condomínio e *concierge* são elementos que lhe irão aliviar preocupações e reforçarão o seu investimento no Salitre 100. 🌟



Seguro Allianz Saúde

Protege todos e cada um.

Num único seguro de saúde pode escolher diferentes módulos de cobertura para cada elemento da família.

Proteja a sua saúde e a da sua família a partir de apenas € 1* por dia. Sem idade mínima de adesão, este seguro permite-lhe usufruir de coberturas completas e ajustadas às necessidades do agregado familiar. Faça já uma simulação e fique a saber quanto ficará a pagar mensalmente. Pode ainda optar pela adesão ao Allianz Saúde Dental (estomatologia).

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, bancobpi.pt e 808 243 444 (atendimento personalizado das 8h às 21h).

* Valor indicativo considerando que cada elemento do casal tem 30 anos e um filho de 1 ano, se subscreverem o Módulo Hospitalização ou o Módulo Hospitalização e Rede.

A presente informação tem natureza publicitária, não constitui uma proposta contratual e não dispensa a consulta de informação pré-contratual e contratual legalmente exigida, a qual poderá ser obtida no Banco BPI. Este seguro é um produto da Companhia de Seguros Allianz Portugal, S.A., comercializado pelo Banco BPI, S.A., Sociedade Aberta, Rua Tenente Valadim, 284, Porto, na qualidade de Mediador de Seguros Ligado n.º 207232431 (registado junto da Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões em 31/10/2007 - informações adicionais relativas ao registo disponíveis em www.asf.com.pt), autorizado a exercer actividade nos Ramos de SeguroVida e Não Vida com as Seguradoras BPI Vida e Pensões - Companhia de Seguros Vida, S.A., Companhia de Seguros Allianz Portugal, S.A. e COSEC - Companhia de Seguro de Créditos, S.A. O Banco BPI, S.A. não está autorizado a receber prémios nem a celebrar contratos em nome da COSEC, Allianz ou BPI Vida e Pensões e, na sua qualidade de mediador de seguros, não assume qualquer responsabilidade na cobertura de riscos inerentes ao contrato de seguro.

Allianz 
Seguros



BPI



:: Corneliani

Um relógio com...

A exclusividade de um turbilhão, que assume o seu carácter desportivo através do design robusto e da função de cronógrafo, dá o mote para um conjunto de acessórios ao mesmo tempo sofisticados e descontraídos. Uma aliança que gera um look cosmopolita, onde o conforto e a performance são palavras de ordem.



:: Audemars Piguet
Royal Oak Offshore
Turbilhão Cronógrafo



:: TF Est.1968
T-Mechanic

:: Vertu
Signature Touch



:: TOD'S

GLAMOUR & *lifestyle*

Entrevista Carolina Bucci	142
Tempo no Feminino	146
Jóias	156
O fim da Ostentação	160
Chanel	161
Moda	166
Um relógio com...	170



“As mulheres portuguesas partilham com as italianas o mesmo estilo chique natural”

Oriunda de uma família com grande tradição na arte joalheira, Carolina Bucci desenha jóias que aliam essa herança a uma contemporaneidade e versatilidade sublimes. Peças que surpreendem pela cor e simplicidade, sem nunca descurar a qualidade obrigatória de um item de alta joalharia, que agora chegam a Portugal pela mão da Boutique dos Relógios Plus.

:: *Por Marina Oliveira*

Como é que se tornou designer de jóias? Foi algo que sempre desejou?
Na realidade, não foi bem uma decisão na verdadeira acepção da palavra. Desenho as minhas peças desde muito nova, e sempre que podia pedia aos ourives das oficinas da minha família para fazerem experiências com as minhas ideias. A dada altura, essas experiências começaram a dar lugar a algo que podia ser considerado uma colecção e, mais ou menos por volta dessa altura, terminei o curso na F.I.T em Nova Iorque.





Pulseira em ouro e pérolas

As suas jóias aliam tendências e moda actual com tradição e herança. Como alcança este equilíbrio?

As jóias da minha família sempre foram muito tradicionais, e o meu objectivo quando comecei a desenhar peças era o de encontrar algo que fosse mais relevante para o meu estilo de vida. Sobretudo depois de deixar Florença e passar alguns anos em Nova Iorque. Mas claro que o equilíbrio não é assim tão óbvio ou fácil de alcançar... Penso no universo da joalheria como no mundo da moda, com uma aplicação em câmara lenta ligada. Existem tendências definidas, e estas podem ser afectadas pela moda, mas a natureza dos materiais e, claro, os custos de produção, fazem com que essas tendências sejam bem mais permanentes. Para mim, as influências da moda são muito ténues – cor e silhueta são importantes. Realmente folhiei várias revistas de moda o ano passado quando pensei em reintroduzir gargantilhas na colecção Superstellar. Mas a ideia de que o design de jóias pode interligar-se com a moda ocorre fora do círculo da alta joalheria, penso eu. Algo mais bijuteria, que é um mundo que me fascina, dado ser totalmente diferente daquilo que faço.

Utiliza as mesmas técnicas usadas pelo seu bisavô. Quais os principais valores que aprendeu com a mestria artesanal?

O mais importante foi o respeito pela produção da joalheria. Pelo metal e pedras e pela forma como precisam ser fundidos e moldados. É quase como se tratasse de engenharia. Cresci com o meu pai à volta das bancadas dos joalheiros – o cheiro dos químicos e os sons das ferramentas, o calor dos maçaricos. Tudo isto está na minha cabeça quando desenho as minhas colecções.

De onde retira inspiração?

Desde a minha vida, às viagens, passando pelo estilo de pessoas que admire e pela confiança de uma escolha de um determinado acessório que vejo numa mulher na rua. As inspirações não cessam. A parte difícil é editar. Acho que costumava ser culpada por tentar fazer colecções com muita coisa ao mesmo tempo. Tenho sempre de lutar para parar de desenhar e redesenhar...

Estudou Artes aplicadas e Joalheria em Nova Iorque. Essa experiência mudou a sua visão da joalheria?

Completamente! Deixei Florença aos 18 anos e estava totalmente encantada por Nova Iorque. Itália é um país repleto de ofícios e tradição, o que é maravilhoso, mas existem também expectativas ligadas a essa tradição. Quando me mudei para Nova Iorque não encontrei essas expectativas e senti-me libertada. Não havia o sentimento do “não é assim que se faz”, que se ouve tanto em Itália. Depois de Nova Iorque, voltei para a Europa e encontrei uma direcção completamente nova para explorar, e isso formou as bases da marca. Ainda passo muito tempo em Nova Iorque e encontro a energia como um regresso a zeros sempre que preciso de novas ideias.

Viveu e viajou para diversos locais ao longo da vida. De que forma esta combinação de experiências influenciam o seu trabalho?

Penso que qualquer pessoa que viaje se inspira pelo que vê, sente, cheira e ouve. Para mim, uma das tragédias de uma era cada vez mais digital é que as pessoas sentem que vivem indirectamente através da vida e histórias dos outros. Mas mesmo a melhor conta de Instagram do mundo não consegue exprimir como é realmente estar em Roma, Paris, Londres, Nova Iorque, ou outra cidade qualquer. Ao viver em vários locais penso que fiquei com o olhar mais apurado para diferenças estilísticas e disposições estéticas, que estou sempre a examinar onde quer que esteja.

O seu trabalho chegou recentemente a Lisboa. Qual a sua opinião sobre as mulheres portuguesas?

Estou muito contente por lançar as minhas jóias em Lisboa com a Boutique dos Relógios Plus. A percepção que tenho é que as mulheres portuguesas partilham com as italianas o mesmo estilo chique natural, apreciando mestria artesanal, requinte e tradição.

Brincos da colecção 1885.
em ouro e diamantes champanhe



Colares da colecção Lucky,
com pendentes Virtue



Pulseira da colecção Woven
em ouro e seda

O que define a mulher "Carolina Bucci"?

Confiança e uma atitude descontraída face ao luxo.

Qual é a sua colecção preferida e porquê?

A colecção mais ressoante é, certamente a Lucky. A pulseira Lucky original foi um redesenho directo das pulseiras de amizade que troquei com a minha irmã e amigos na juventude, e foi também uma percursora das colecções de tecido mais abrangentes. Houve desafios técnicos significativos que tivemos de ultrapassar para que a pulseira apertasse como um cordão, mas que permanecesse na maioria em ouro de 18 quilates. Queria que a peça fosse sobre a actualização e crescimento de algo recheado de inocência infantil e emoção, e não meramente uma peça de joalheria com uma história de marketing por detrás. ✨





de GRISOGONO

GENEVE



Allegra



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

AVENIDA DA LIBERDADE 194C - TEL: 213 430 076

www.degrisogono.com



Rainha de Nápoles Dia/Noite

Concebido em redor da ideia central de um turbilhão, o Breguet Rainha de Nápoles Dia/Noite surpreende pelas representações fascinantes do dia e da noite.

:: *Texto de Jeffrey S. Kingston, Tradução e adaptação por Marina Oliveira*

Quando Abraham-Louis Breguet inventou o turbilhão, patenteado em 1801, a sua concepção foi resolutamente decisiva. Todos os relógios estavam sujeitos a pequenos erros de marcha causados pela gravidade, erros esses que a sua invenção procurou eliminar, ao rodar constantemente a 360 graus os elementos cronométricos. Uma ideia brilhante, simples na sua essência, mas altamente exigente de *savoir-faire* para os relojoeiros responsáveis pela sua construção. Se, por causa das forças gravitacionais, um relógio adianta em algumas posições e atrasa noutras, a rotação constante dos elementos cronométricos, fazendo-os passar pelas posições "rápida" e "lenta", serve para compensar esses erros. Embora o foco da invenção original seja o estabelecimento de novos padrões cronométricos, não haverá também espaço na ideia geral de

rotação dos componentes do tempo para romance e fantasia? Esta é a visão por detrás do Rainha de Nápoles Dia/Noite. Concebido em redor da ideia central de um turbilhão, com a rotação da roda de balanço, espiral e escape ao longo de 24 horas, este relógio utiliza essa rotação, não só para melhorar a precisão cronométrica, mas também para apresentar representações fascinantes do dia e da noite. As indicações do dia e da noite são, naturalmente, concebidas em redor das imagens do sol e da lua. Ambas colocadas sobre um disco de lápis-lazúli. A imagem da lua é a mais convencional das duas, sendo representada

por um disco de titânio esculpido, com a face do homem na lua, colocado no lápis-lazúli. A flanquear a lua estão estrelas em ouro. Contudo, o mais surpreendente é o sol, representado pela roda de balanço do relógio. Para intensificar a presença visual, o anel exterior do balanço é generosamente largo e decorado com um padrão guilhoché. Pairando em ambos os lados estão nuvens de madrepérola. O disco de lápis-lazúli que transporta a roda de balanço “sol” e a lua roda uma vez a cada 24 horas. Uma outra função foi urdida no indicador dia/noite. O braço superior que transporta a roda de balanço “sol” assume a forma de um ponteiro, indicando um anel de 24 horas que envolve o disco de lápis-lazúli. Assim, existe uma indicação de 24 horas conveniente e precisa, artisticamente exibida através do sol e da lua. Mais do que uma indicação suplementar do tempo, este ponteiro é na realidade um componente chave do movimento, dado que serve como a ponte que suporta a roda de balanço.

O conceito de rotação parece quase trivial: “basta fazê-los rodar”. Todavia, como acontece com qualquer mecanismo que propõe rodar os sensíveis componentes cronométricos de um relógio, mesmo à velocidade lenta de uma volta por dia, o design e montagem impõem requisitos rígidos ao relojoeiro. Para começar, os designers de movimentos da Breguet tiveram de desenvolver um sistema que pudesse, por um lado, rodar o disco que suporta a roda de balanço (e claro o disco decorativo em lápis-lazúli) e, por outro, alimentar o escape do relógio. A solução foi construir um trem de energia a partir do tambor de corda que está dividido; um trem de engrenagens conduzindo a um pinhão para girar o disco, que pode ser comparado à gaiola (por vezes referido como o trem usado para rodar os componentes cronométricos de um turbilhão), e uma segunda secção que conduz a uma roda que move o pinhão do escape.

Com esta construção, a roda de balanço está fixa numa gaiola de titânio de cinco raios com pequenos dentes no lado exterior. Claro que nem os cinco dentes nem os raios são visíveis do lado do mostrador do relógio. A nova localização da roda de escape no centro de uma gaiola rotativa deu origem a um conjunto interessante de desafios de design. O primeiro advém das rotações combinadas: a rotação da roda de escape do funcionamento do relógio mistura-se com a rotação diária da gaiola. Isto significa que, durante o curso de 24 horas, se perde uma volta da roda de escape. Por isso, o problema que se colocou foi como corrigir esta “perda”. A solução encontrada foi a de equipar a roda de escape com 21 dentes, em vez dos normais 20 ou 15 dentes, e fixar a frequência nos 3,5 hertz.

Foi necessária uma segunda adaptação no design do movimento, porque a roda de balanço decorada com guilhoché está muito próxima do escape centrado. Apesar de a âncora ser de design suíço clássico, o seu comprimento tornou-se o mais curto de todos os movimentos Breguet, e, dessa forma, o mais curto de todos nos relógios de produção em série. Os dentes do garfo invertido da âncora, especialmente desenhados pela Breguet, são produzidos em silício, assim como a espiral. Do lado do mostrador do relógio todas estas construções complexas estão escondidas. O que o observador vê é o disco de lápis-lazúli com o sol, a lua, as nuvens, as estrelas e o ponteiro dourado das 24 horas. Arqueado à volta do terço inferior do disco está o anel da indicação regular das 12 horas. Na realidade, essa parte do anel é uma parte funcional do movimento, dado que é a ponte superior da gaiola rotativa. Há alguma poesia na combinação dos anéis de 24 e 12 horas, visto que se sobrepõem, formando o contorno do número oito.

Porque a criação destas complicações não pode sofrer sacrifícios de conveniência, o Dia/Noite oferece corda automática. O rotor em ouro, profusamente decorado com uma lua esculpida e raios de sol em ouro, roda sobre um sistema de rolamentos para dar corda ao relógio. De modo a alcançar uma construção fina, sem sacrificar a eficiência, a corda é unidireccional.

O Dia/Noite consegue ser ao mesmo tempo misterioso e intrigante. A sua aparência exterior é ilusoriamente simples: uma clássica caixa em forma de ovo em ouro vermelho ou branco, adornada com diamantes na luneta e no exterior do mostrador guilhochado à mão, e apenas três ponteiros. À medida que o dia dá lugar à noite, as posições do sol e da lua mudam lentamente, sem nunca revelar a existência de uma engrenagem dividida, frequência especial, ou localização única da roda de escape. Com a sua combinação de funções encantadas e inovações pioneiras na sua construção complicada, o Dia/Noite assegura o seu lugar como estreia relojoeira. ✨

RICHARD MILLE



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

AV. DA LIBERDADE 194, TEL. 210 730 532
www.boutiquedosrelogiosplus.pt

www.richardmille.com





ETERNA Renovação

Símbolo de sabedoria, vida e eternidade, a serpente foi sempre uma presença constante na joalheria, do helenismo aos nossos dias, e é a pedra angular da história do estilo Bulgari. Por entre os joalheiros que, com sucesso, reintroduziram o motivo da serpente no século XX, a Bulgari foi a primeira a adaptá-lo a um relógio de pulso, que rapidamente se tornou a assinatura da produção da marca e que assinalou o início do seu êxito na alta relojoaria. Em 2009, o poder expressivo deste símbolo antigo regressou, falando uma linguagem criativa contemporânea que oferecia uma nova interpretação de uma tradição antiga.



Este ano, numa ode à renovação eterna, novas obras-primas se juntam à família Serpenti. Com uma criatividade profunda, os novos relógios são reinterpretados com um design onde a serpente surge com a cabeça sobre a cauda, juntando-se à coleção como o epítome da mestria artesanal, agilmente enrolada em ouro, madre-pérola, laca e diamantes.

Demonstrando a inovação do design Bulgari, os braceletes dos relógios Serpenti de 2015 são produzidos, pela primeira vez, sem a clássica mola interna. Aqui, o mecanismo de fecho é seguro por um botão de dupla pressão, facilitando o conforto máximo com elos ajustáveis. Elos esses que se traduzem em escamas brilhantes, montadas, criadas e esculpidas, uma a uma, em laca vermelha ou pavé de diamantes, sendo cada pedra também cortada e engastada à mão.

A caixa curva de cada peça do tempo apresenta um padrão aberto dos lados e fundo, permitindo que a luz penetre no centro e acentue o brilho do pavé de pedras. E como toque final, para acentuar as cores brilhantes do ouro rosa e da laca vermelha, uma laca semitransparente é aplicada à mão e seca, inúmeras vezes, cristalizando à medida que seca. Os metais do relógio apresentam um padrão artesanal às riscas, que aumenta o brilho da laca especial.

Descubra mais em: www.turbilhao.pt





Chuva de Diamantes

Recentemente chegada a Portugal, pela mão da Boutique dos Relógios Plus, a Harry Winston foi fundada em Nova Iorque, em 1920. Com grande tradição no universo da joalheria, a marca estreou-se na medição do tempo com pompa e circunstância, em 2001, com o lançamento do Opus, uma colecção de relógios excepcionais desenvolvida em parceria com alguns dos mais talentosos mestres relojoeiros. Adquirida em 2013 pelo Grupo Swatch, a Harry Winston aumentou nos últimos anos a sua oferta cronométrica – com colecções de prestígio como Projecto Z, História do Turbilhão e Ocean – e estabeleceu-se definitivamente no mundo da alta relojoaria.

Hoje, a marca oferece peças do tempo de excepção, algumas delas combinando os dois ofícios que lhe são caros: a joalheria e a relojoaria. É o caso do modelo Midnight Moon Phase Diamond Drops, cujo design do mostrador celebra o brilho e cintilação dos melhores diamantes do mundo, capturando o romance e as promessas de um céu nocturno. A face azul é sublinhada por uma cascata de brilhantes com engaste “nevê” e o equilíbrio e harmonia de toda a peça são conferidos pela luneta e asas engastadas com diamantes, bem como pelas indicações de data, às 6h, e das fases da Lua no centro do mostrador. O toque final neste relógio com 305 diamantes é dado pela caixa de 39 mm em ouro branco e pelo bracelete em pele de crocodilo azul. ✨





MATTIA CIELO



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS PLUS

Lisboa, Av. da Liberdade nº 194C - tel. 21 073 05 32

O ouro marca a hora

Os dias frios e chuvosos exigem uma mudança de indumentária. Os corpos vestem-se e abrigam-se com sobretudos e casacos onde os materiais e cores se tornam mais quentes. Os pretos e castanhos transformam-se nos tons must-have, reproduzindo as impressões da natureza. E a tendência estende-se aos acessórios, com o ouro rosa total, sobre preto ou sobre castanho dourado, a assumir um lugar de destaque.



:: Max Mara



:: Audemars Piguet
Millenary Lady



:: Roger Dubuis
Excalibur 36



:: Chanel
XXXXXXXXXX



:: Burberry
XXXXXXXXXX



Chanel
XXXXXXXXXX



Chanel
Boy.Friend



Omega
De Ville Prestige Dewdrop



Yves Salomon

Burberry
XXXXXXXXXX



Louis Vuitton
XXXXXXXXXX



Secreto *prazer*



25 anos depois de ter criado um verdadeiro ícone da joalheria - o anel Possession, composto por um segundo anel giratório -, a Piaget expande esta linha mítica. Em ouro rosa e diamantes, as novas jóias escondem um prazer secreto e viciante que permite à mulher "brincar" com o anel, girando e rodando parte dele. Seja em momentos de stress ou simplesmente para desfrutar de um ritual de pausa, a nova linha promete ser a sua fiel companheira e até confidente.

:: Anéis Possession em ouro rosa e diamantes.

Beleza imortal



A reconhecida forma "Diva" da Bulgari – inspirada pelos sensuais padrões arqueados que decoravam os famosos Banhos Romanos de Caracala em 216 d.C. – foi reinterpretada em 26 novas jóias. Aqui destacamos um colar e brincos onde esses padrões se repetem em diversos materiais preciosos: diamantes, ouro, turquesa e ônix.

:: Colar e brincos Diva em ouro branco, turquesa, ônix e pavé de diamantes.

Suprema usabilidade



Nascida de uma combinação entre técnicas de engenharia e materiais tradicionais ou inovadores, a joalheria Mattia Cielo revela a sua verdadeira essência na luz e movimento da sua construção dinâmica. Design, tecnologia e investigação dão vida à coleção iguana, aqui representada por um anel e pulseira que se distinguem pela usabilidade suprema, graças à engenharia aplicada aos seus componentes e que os fazem assentar como uma segunda pele.

:: Pulseira e anel Iguana em ouro rosa e diamantes.

Espiral *de luxo*



Um redemoinho de ouro e diamantes. assim é a nova colecção Vortice da de Grisogono. Jóias que oferecem um design volumoso, mas excepcionalmente leve. Verdadeiras espirais de luxo, onde o metal precioso transporta as pedras preciosas num turbilhão de glamour e fluidez que se enrola à pele para se fundir com ela numa expressão singular de unicidade.

:: Brincos e anel Vortice em ouro rosa e diamantes.



LUXO *minimalista*

A exuberância do “bling bling” e dos logótipos das marcas está démodé. Num regresso às origens, a essência do luxo revela-se no design e na qualidade, enquanto o requinte se mostra na subtilidade e sofisticação.

:: *Texto de Raquel Soares*

Ostentar peças com logótipos das melhores griffes foi, durante muito tempo, uma afirmação de status e de poder de compra. Mas, ao ritmo da globalização e à medida que os logos dos melhores designers foram invadindo as ruas e tornando-se uma visão comum em roupas, acessórios e malas, assistiu-se a uma vulgarização que contraria a exclusividade que se pretende ser inerente a essas peças. Por outro lado, num momento em que os mercados mais desenvolvidos e cosmopolitas se debatem com sérios problemas financeiros e sociais, impôs-se uma maior discricção no que toca à exibição do poder de consumo. Surge, assim, uma nova percepção do luxo, mais subtil e mais sofisticada.

As grandes casas retornam às suas origens, numa tendência ditada pelos próprios clientes, que procuram a herança, a qualidade dos materiais, o corte, os acabamentos... O luxo reside nas próprias peças e é reconhecido nos detalhes pelo olho conhecedor, ao invés de estar estampado numa imagem globalizada. É o fim da era do “bling bling” e a hora do minimalismo japonês, de que é um excelente exemplo a

Maison Takuya, com os seus luxuosos modelos, criados a partir da melhor pele e integralmente costurados à mão. É o requinte da qualidade em itens finos e modernos.

Peças como as malas e bolsas da casa Judith Leiber, cujo luxo sobressai do desenho ímpar e dos materiais premium a que recorrem, tornam-se os bens mais desejados, pela raridade e exclusividade que lhes é inerente e não por terem visível um qualquer logótipo. A filosofia é de que as pessoas não precisam de estampar uma imagem para se afirmarem. Seguras de si, refinadas e sofisticadas, a sua elegância transparece na simplicidade. ✨



CHANEL

Chance Eau Tendre de CHANEL, Les 4 Ombres Tissé d'Automne de CHANEL e Le Vernis Top Coat Lamé de CHANEL
Joues Contraste Alezane de CHANEL, Relógio CHANEL Première Rock, Relógio CHANEL J12 Cerâmica Preta Automático



Coordenação: Companhia das Cores Fotografia: Pedro Ferreira assistido por Ana Viegas
Maquilhagem: Rita Inês Varandas com produtos Chanel Cabelos: Eric Ribeiro para Griffehairstyle
Modelo: Ksenia (We Are Models) Styling: Susana Marques Pinto para www.pulpfashion.pt assistida por Catarina Pinto e Débora Faria
Agradecimentos Stivali

A pureza de um rosto
divinamente esculpido.

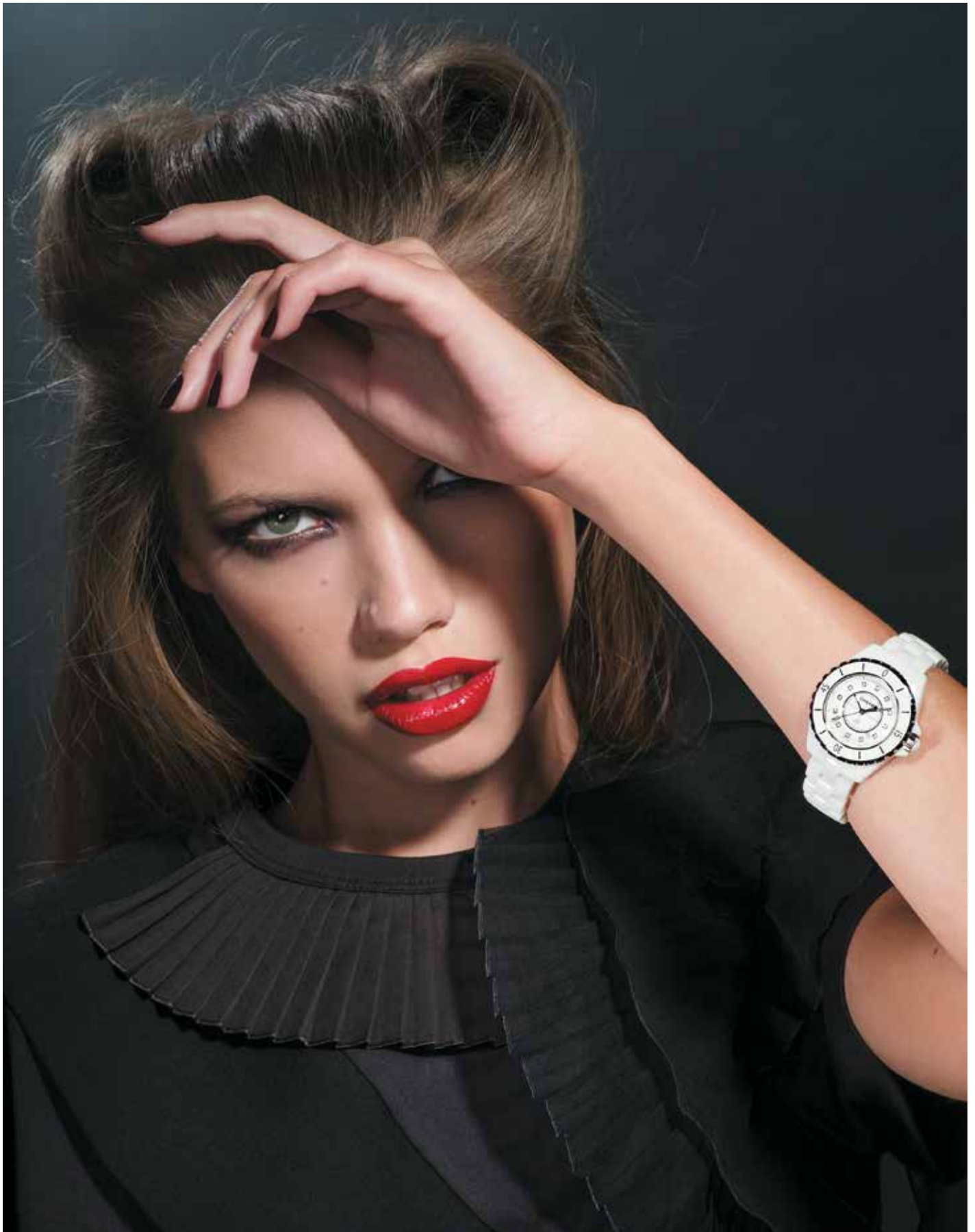


Nesta página: Les 4 Ombres Tissé d'Automne de CHANEL. Relógio CHANEL J12 Cerâmica Preta Automático
À direita: Le vernis Châtaigne 669 de CHANEL. Stylo Yeux Waterproof Érable de CHANEL.
Relógio CHANEL Première Rock Pastel



O jogo de sedução
do encarnado vibrante.





À esquerda: Joes Contraste Alezane de CHANEL. Relógio CHANEL Première Diamantes
Nesta página: Rouge Allure Velvet 51 La Bouleversante de CHANEL. Le vernis de CHANEL.
Relógio CHANEL J12 Cerâmica Branca Diamantes Automático



Casaco, Carteira e Sapatos Fendi, Cardigan e Calças Maliparmi, tudo na LOJA DAS MEIAS
Brincos e Anel Tirisi na BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS

Shining Blue



GUCCI
Pump em pele metalizada

Os tons ousados quebram a monotonia quotidiana e redefinem as fronteiras do antagonismo. Com um sopro de irreverência, os clássicos reinventam-se com humor e inquebrável confiança. O brilho metalizado, renascido das épocas gloriosas, reveste o sapato com uma personalidade fortalecida, onde a altura e o conforto se aliam aos detalhes numa simbiose cintilante.



LOUIS VUITTON

Eterna sofisticação



CÉLINE
na Loja das Meias

Um universo infinito de possibilidades expõe a pureza da neutralidade a exuberantes jogos de cores. Os clássicos intemporais envolvem a silhueta numa quente promessa de sofisticação, selada por acessórios em apaixonantes tons vibrantes, reveladores da singularidade feminina em toda a sua plenitude.

Um relógio com...

A elegância veste-se de preto, pontuada por acessórios que emprestam alguma irreverência ao look feminino, graças a cores menos convencionais e a designs surpreendentes. Enquanto o bege neutro marca os detalhes e o classicismo do preto, o fúchsia confere um toque sedutor ao conjunto, cujo brilho e glamour é ampliado pela presença dos diamantes.



:: Carolina Herrera



:: Cartier
Clé



:: Judith Lieber
Clutch Laço



:: Montegrappa
Sophia Loren



:: Burberry

OMEGA



* A ESCOLHA DE JAMES BOND

007[™]
SPECTRE

NOS CINEMAS



JAMES BOND'S CHOICE*

Ω
OMEGA

Disponível na BOUTIQUE DOS RELÓGIOS PLUS Av. da Liberdade, 129, Lisboa - Tel.: (351) 213 430 076

SPECTRE © 2015 Danjaq, MGM, CPII. SPECTRE, 007[™] and related James Bond Trademarks, TM Danjaq. All Rights Reserved.



Breguet
Depuis 1775

Breguet, o criador.

Turbilhão Automático Extra-Plano 5377

A complexidade de um movimento extra-plano é apenas igualada pela elegância do próprio relógio. O Turbilhão Automático Extra-Plano 5377, uma criação organizada e complexa, é dotado de uma reserva de marcha de 80 horas, graças ao seu patenteado tambor de alta performance. É um verdadeiro testemunho do espírito ousado e criativo de Abraham-Louis Breguet, criador do Turbilhão. A história continua...



BOUTIQUE
DOS RELÓGIOS Plus

Av. Da Liberdade 129, 213 430 076; Centro Colombo, 217 122 595
Amoreiras Shopping Center, 213 827 440
CascaiShopping, 214 607 060; NorteShopping, 229 559 720